

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Física e Matemática
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

Dissertação



**JOGOS DE LINGUAGEM PRODUZIDOS POR MULHERES NA OCUPAÇÃO DO
QUADRADO E SEUS MOVIMENTOS DE CONTRACONDUTA**

LETIANE OLIVEIRA DA FONSECA

Pelotas, 2020

LETIANE OLIVEIRA DA FONSECA

**JOGOS DE LINGUAGEM PRODUZIDOS POR MULHERES NA OCUPAÇÃO DO
QUADRADO E SEUS MOVIMENTOS DE CONTRACONDUCTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Física e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Souza da Fonseca

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F677j Fonseca, Letiane Oliveira da

Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta / Letiane Oliveira da Fonseca ; Márcia Souza da Fonseca, orientadora. — Pelotas, 2020.

113 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Etnomatemática. 2. Jogos de linguagem. 3. Contraconduta. 4. Educação matemática. I. Fonseca, Márcia Souza da, orient. II. Título.

CDD : 510.7

Letiane Oliveira da Fonseca

Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta

Dissertação aprovada, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 9 de março de 2020

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Márcia Souza da Fonseca (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT- IFM/UFPel)

Prof. Dr. Diogo Franco Rios
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT- IFM/UFPel)

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Machado de Lara
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática
(PPGEDUCEM/PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Marta Cristina Cezar Pozzobon
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNIPAMPA)

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Márcia Souza da Fonseca, por acreditar em mim e sempre me apoiar, orientando todos os meus passos desde o início da graduação até o Mestrado. Sem ela, nada disso seria possível.

Às mulheres do Quadrado, Wilma, Gilda Maria, Ana Maria e Ladi Cristine, por permitirem a realização da pesquisa e por estarem dispostas a receber-me com carinho em cada etapa realizada na investigação.

Aos professores membros da banca, Diogo Franco Rios, Isabel Cristina Machado de Lara, Marta Cristina Cezar Pozzobon, por aceitarem meu convite e contribuírem, de forma significativa, para a qualificação desta Dissertação.

À Universidade Federal de Pelotas, pela Bolsa PIB-MD (Programa Institucional de Bolsas de Mestrado e Doutorado), pelo financiamento concedido pela política de acesso afirmativo.

Às minhas colegas de Mestrado, Aiana Bilhalva, Caliandra Piovesan e Jaíne Quevedo, pela parceria durante todas as etapas percorridas ao longo do curso. Além de agradecer, também, ao meu companheiro Germano Müller, por me apoiar e estar ao meu lado.

Em especial à minha família, que sempre me apoiou e incentivou aos estudos, meu pai Michel, minha mãe Ana Maria, meus irmãos Ismael, Natanael e Litiele, a qual, além de irmã, é uma amiga, cujo companheirismo foi essencial nessa trajetória, por estar sempre ao meu lado, compartilhando saberes.

“A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está.”

Wittgenstein (2000)

Resumo

FONSECA, Letiane Oliveira da. **Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta**. 2020. 113f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Instituto de Física e Matemática. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

A pesquisa vinculada à Linha de Pesquisa História, Currículo e Cultura, do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (PPGEMAT/UFPel), teve como objetivo identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática. Os aportes teóricos utilizam teorizações pós-estruturalistas, tendo como referência estudos na perspectiva etnomatemática de Knijnik, Wanderer, Giongo e Duarte (2013), nos jogos de linguagem do filósofo Wittgenstein (2000), em sua fase de maturidade, e no conceito de contraconduta de Michel Foucault (2008). A investigação foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e, para a coleta de dados, foi utilizada inspiração etnográfica com instrumentos de observação participante, diário de campo e fotografias. Para compor a produção dos dados, utilizou-se entrevistas narrativas, quando quatro moradoras, de gerações diferentes, relatam as suas vivências sobre a ocupação de uma comunidade conhecida como Quadrado, localizada no bairro Porto da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O material coletado foi analisado de forma descritiva-analítica, conforme as ideias de Paraíso (2012), considerando, como ferramentas analíticas, a noção de contraconduta de Foucault (2008) e de jogos de linguagem, usos, semelhanças de família e formas de vida de Wittgenstein (2000). As análises realizadas apontam que os jogos de linguagem do grupo de mulheres são provenientes de práticas por elas vivenciadas, à medida que foram estabelecendo suas moradias mediante lutas, resistências e movimentos de contraconduta. Contavam, mediam, delineavam seu espaço, construíam formas, não utilizando exatidões, organizavam-se governando a si mesmas, evidenciando, em suas narrativas, a existência de outras formas de mensurar, associar, classificar, indicar tempo, presentes em cada etapa de construção e moradia no Quadrado.

Palavras-chave: Etnomatemática. Jogos de linguagem. Contraconduta. Educação Matemática.

Abstract

FONSECA, Letiane Oliveira da. **Language games produced by women in the occupation of the Quadrado and its counter-conduct movements.** 2020.113f. Dissertation. Graduate Program in Mathematics Education. Institute of Physics and Mathematics. Federal University of Pelotas, Pelotas / RS.

The research linked to the History, Curriculum and Culture Research Line, of the Graduate Program of the Federal University of Pelotas (PPGEMAT / UFPel), aimed to identify and analyze the language games produced by a group of women from the Quadrado in an ethnomathematics perspective when they narrate their experiences during the occupation. Theoretical contributions use post-structuralist, theorizations based on studies in the ethnomathematics perspective of Knijnik, Wanderer, Giongo and Duarte (2013), in the language games of the philosopher Wittgenstein (2000), in their maturity, phase and in the concept of counter-conduct by Michel Foucault (2008). The investigation was carried out in a qualitative approach with an exploratory character and for data collection, ethnographic inspiration was used with instruments of participant observation, field diary and photographs. To compose the production of the data, narrative interviews were used, when four residents, from different generations, report their memories about the occupation of a community known as Quadrado, located in the Porto district of the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. The material collected was analyzed in a descriptive-analytical, way according to Paraíso (2012) considering as analytical tools the notion of counter-conduct by Foucault (2008) and language games, uses, family similarities and forms of life by Wittgenstein (2000). The analyzes carried pointed that the language games of the group of women come from practices they have experienced, insofar as they have been establishing their homes through struggles, resistances, counter-conduct movements. They counted, measured, outlined their space, built shapes, not using exactness, organized themselves by governing themselves, evidencing, in their narratives, the existence of other ways to measure, associate, classify, indicate time, present in each stage of construction and housing in the Quadrado.

Keywords: Ethnomathematics. Language games. Counter-conduct. Mathematical Education.

Lista de Figuras

Figura 1 - Cais do Quadrado ao anoitecer.	14
Figura 2 - Cais do Quadrado durante o dia.	28
Figura 3 - Lateral do Cais do Quadrado, vista Alberto Rosa travessa um.....	46
Figura 4 - Bomba de drenagem.....	48
Figura 5 - Casas com palafitas.....	49
Figura 6 - Cais do Quadrado e casas dos moradores ao redor.....	54
Figura 7 - Instalações portuárias.	56
Figura 8 - Estratégias descritivo-analíticas.....	69
Figura 9 - Revitalização do Quadrado.....	71
Figura 10 - Carreiros.	80
Figura 11 - Dique de contenção de água.	82
Figura 12 - Chalé meia água na rua Alberto Rosa.	84
Figura 13 - Chalé duas águas na rua Alberto Rosa.	85
Figura 14 - Rua Bento Martins, acesso ao Quadrado.	88
Figura 15 - Pavimentação asfáltica da Alberto Rosa.....	102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PATRAM-BM	Patrulha Ambiental da Brigada Militar
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPGEMAT	Programa de Pós-graduação em Educação Matemática
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 CAMINHOS PARA O CAIS.....	14
1.1 Os passos até o Cais do Quadrado	15
1.2 Um olhar sobre o Quadrado.....	17
1.3 Um Mapeamento Teórico.....	21
2 OLHARES PARA A ETNOMATEMÁTICA, JOGOS DE LINGUAGEM E CONTRACONDUTA	28
2.1 Etnomatemática	29
2.2 Jogos de linguagem	35
2.3 Contraconduta.....	39
3 ANCORANDO A PESQUISA	46
3.1 Ocupação de um espaço	46
3.2 Conhecendo o Quadrado e as participantes da pesquisa.....	53
3.3 Caminhos metodológicos	62
4 ATRACADOURO	71
4.1 Ocupar: <i>era tudo um banhado</i>	72
4.2 Construir: <i>a gente aumentou</i>	83
4.3 Habitar: <i>hoje é um ponto turístico</i>	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE 1	111
APÊNDICE 2.....	112
APÊNDICE 3.....	113

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho¹, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas, intitulado “Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado² e seus movimentos de contraconduta³”, buscou identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática.

Para isso, foram utilizadas, nesta pesquisa, leituras relacionadas à perspectiva etnomatemática de Knijnik, Wanderer, Giongo e Duarte (2013), um grupo que se propôs a olhar a Etnomatemática como um movimento vinculado a seus deslocamentos e a suas continuidades. O grupo reconhece, como referência principal, Ubiratan D’Ambrosio, porém, indica outras reflexões, as quais enfatizam que a “Etnomatemática segue interessada em discutir a política de conhecimento dominante praticada na escola” (KNIJNIK *et al.*, 2013, p. 13), apresentando “[...] suas conexões com as novas configurações econômicas, sociais, culturais e políticas do mundo de hoje” (KNIJNIK *et al.*, 2013, p.14), sobre o conhecimento hegemônico que é difundido nas escolas e as novas perspectivas para a Educação Matemática.

Com isso, adotou-se, na presente pesquisa, três pilares norteadores: Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta. A primeira está relacionada à perspectiva teórica, baseada nas leituras de Knijnik *et al.* (2013); a segunda refere-se à fase de maturidade do filósofo Wittgenstein (2000); e a última, aos estudos de Michel Foucault, com o objetivo de estabelecer, assim, um entrelaçamento com os estudos da Etnomatemática e dos jogos de linguagem em práticas sociais fora da escola.

Assim posto, a dissertação aqui apresentada foi dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo, “**Caminhos para o Cais**”, relata-se a trajetória da pesquisadora até seu contato com o estudo a ser desenvolvido e, além disso, mostra-se a pergunta que norteia a investigação, o objetivo geral e os específicos desenvolvidos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - Programa PIB-M/D.

² A palavra - Quadrado - refere-se ao nome do local (comunidade) onde a pesquisa foi realizada e será apresentada no texto com letra maiúscula.

³ Os conceitos adotados no trabalho serão definidos no segundo capítulo.

ao longo da pesquisa, bem como a justificativa que motivou o estudo. Na sequência, apresentam-se algumas contribuições de trabalhos já realizados com proximidade ao tema proposto, o que foi feito por meio de um levantamento das publicações realizadas nos últimos cinco anos disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

No capítulo dois, “**Olhares para a Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta**”, é desenvolvido o aporte teórico que conduz à problemática da pesquisa, sendo subdividido em três seções, cuja primeira delas aborda algumas das diferentes concepções sobre a Etnomatemática, além de algumas definições de palavras utilizadas no contexto da investigação. Já a segunda proporciona reflexões sobre as teorizações de Wittgenstein (2000) a respeito dos jogos de linguagem, semelhanças de família e, também, os usos e formas de vida. Por fim, na terceira seção, trata-se sobre a noção de contraconduta, apresentando alguns conceitos de Foucault (2008) que direcionam ao entendimento dessa noção.

No terceiro capítulo, “**Ancorando a pesquisa**”, são apresentadas algumas informações sobre o Quadrado e sobre as participantes da pesquisa, por meio do material coletado através da inspiração etnográfica e através de questões sobre a ocupação do espaço, trazendo recortes da cidade de Pelotas, do bairro Porto e do Quadrado. Além disso, mostra-se a metodologia utilizada na realização da coleta dos dados, na qual foi utilizada a inspiração etnográfica; bem como a maneira como os dados foram analisados através de estratégias descritivo-analíticas.

O quarto capítulo, “**Atracadouro**”, propõe “amarrar” os estudos com a análise teórica, sendo dividido em três seções de análises descritas em uma ordem que vai desde os primeiros contatos das moradoras, ao ocupar o Quadrado, até a efetiva moradia no local, mostrando as práticas vivenciadas por essas mulheres em cada narrativa. A primeira seção tratou de analisar o primeiro contato e implicações de ocupar um local; já a segunda dialoga com as práticas durante o período de construção; e, na última, retrata-se a perspectiva mais recente de morar no Quadrado.

Por fim, no capítulo “**Considerações finais**”, retoma-se o estudo desenvolvido, apresentando novamente a questão de investigação e, assim, o objetivo geral e os específicos, sendo realizada uma síntese das ideias principais discutidas na pesquisa.

1 CAMINHOS PARA O CAIS



Figura 1 - Cais do Quadrado ao anoitecer.
Fonte: BORGES⁴, 2014, p. 96.

Neste capítulo, são retratados os primeiros contatos que tive⁵ com a área da Educação Matemática e com o local de investigação. Assim, para estabelecer uma relação entre mim e a pesquisa, o capítulo foi subdividido em dois itens: os passos até o Cais do Quadrado e um olhar sobre o Quadrado.

O primeiro item expõe os passos que direcionaram minha trajetória até o contato com o campo de pesquisa, já o segundo retrata o olhar para esse campo. Além disso, é mostrada a pergunta que norteia a investigação e os objetivos, geral e específicos, desenvolvidos ao longo da pesquisa, assim como a justificativa que motivou este estudo.

⁴ Imagem retirada da dissertação intitulada “Estudo geográfico da região administrativa centro do município de Pelotas/RS.” Disponível em: <https://posgeo.furg.br/documentos/dissertacoes?start=50>.

⁵ No primeiro capítulo “Caminhos para o Cais”, nas seções 1.1 e 1.2 em que trata-se da trajetória da pesquisadora, optou-se por utilizar a escrita na primeira pessoa do singular, já, no restante do texto utiliza-se a forma impessoal: verbo + se.

1.1 Os passos até o Cais do Quadrado

Os passos até o Cais do Quadrado denotam a trajetória percorrida por mim até o contato com a pesquisa, tendo como relevância descrever os caminhos que conduzem o encontro com a Educação Matemática e, ainda, a compreensão da escolha do local de observação, considerando, assim, os seguintes passos: o primeiro, a licenciatura em Matemática; o segundo, a Educação Matemática; e o último, o local conhecido por Quadrado.

Os caminhos até a licenciatura em Matemática são provenientes dos aspectos relatados a seguir, pois enfatizo que sempre tive ótimos professores e isso me incentivou a seguir essa profissão. Desde o Ensino Fundamental, utilizava o pátio de minha residência para brincar de 'escolinha' com meus irmãos e amigos, visando a ser uma docente no futuro.

Com o passar do tempo, comecei a dar aulas particulares de Matemática devido à facilidade de desempenho na disciplina. No decorrer de minha trajetória, cursei Técnico em Contabilidade e, depois, Sistemas de Telecomunicações, sendo que esses cursos despertaram-me interesse por causa da expressiva necessidade de fazer cálculos, o que, conseqüentemente, levou-me, em 2011, a ingressar no curso de licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O curso de Matemática exigia muito estudo e o currículo, na minha concepção, era mais voltado ao bacharelado do que à licenciatura. Era complicado compreender as relações impostas naquele currículo, no qual predominava uma quantidade excessiva de conteúdo sem nenhuma contextualização, além de ser valorizada a realização de diversas listas de exercícios, sendo similar a uma máquina de reprodução, fazendo-me questionar sobre o desejo pela formação em licenciatura Matemática.

Porém, durante o Curso, em função de seleção discente, pude ingressar, em 2012, no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e posso dizer que esse foi o aporte fundamental para minha formação, pois os conteúdos vistos na faculdade eram muito distantes da realidade escolar. Dessa maneira, o contato com a escola, através desse projeto antes das disciplinas de estágio, auxiliou-me na constituição de minha formação como docente.

O PIBID foi meu primeiro contato com a área da Educação Matemática, sob a orientação da professora doutora Márcia Souza da Fonseca, que coordenava o grupo com muita atenção, possibilitando muitas discussões sobre o campo da Educação Matemática. Neste sentido, pude realizar várias leituras, conhecer a área, formação teórica, experimentação, que me levaram a refletir sobre as vivências na formação acadêmica, ampliando referenciais teóricos. Esses fatores foram fundamentais para subsidiar meu interesse por estudos no âmbito da Educação Matemática, já que me auxiliaram na trajetória acadêmica e, também, na minha identidade profissional.

Já com o olhar nos estudos sobre a Educação Matemática, destaco que, ao longo da minha trajetória acadêmica, conheci algumas perspectivas teóricas, por meio de discussões vistas em disciplinas na área da Educação e do Ensino de Matemática, durante a graduação. Ademais, as disciplinas de Laboratório de Ensino de Matemática deram-me suporte para conhecer e trabalhar com materiais manipuláveis. Além disso, em outras disciplinas como Psicologia da Educação, Teoria e Prática Pedagógica e Instrumentação para o Ensino de Matemática, foram possíveis as discussões sobre algumas perspectivas teóricas, as quais possibilitaram a discussão de conceitos sobre os processos de ensinar e aprender Matemática, além da Legislação e Políticas Públicas Educacionais.

Ainda nessa trajetória, tive o contato inicial com a Etnomatemática nas disciplinas de Teoria e Prática Pedagógica e no PIBID, nas quais foram discutidas questões relativas a diferentes grupos e à maneira como contavam e mediam, por exemplo, evidenciando a Etnomatemática. Nesse direcionamento, Vilela (2013, p. 195) afirma que na “[...] matemática da rua, as regras são outras, e a matemática escolar prioriza outros modos de jogar com conceitos matemáticos, com as devidas semelhanças de família”.⁶

Essa questão referente à Matemática Escolar⁷ e aos usos de diferentes grupos faz com que me questione, significativamente, sobre como o professor pode

⁶ Semelhanças de família é um termo definido por Wittgenstein (2000) que faz referência a aproximações como se fosse um parentesco, no caso em questão, uma aproximação da Matemática Escolar com outros usos da Matemática praticados por diferentes grupos.

⁷ Nesta pesquisa, adotou-se a definição das palavras “Matemática Escolar” e “Matemática Acadêmica” e “Matemáticas” dos estudos de Knijnik *et al.* (2013). Neste sentido, escreve-se com letra maiúscula, já as definições seguem-se no capítulo seguinte.

aproximá-las, pois, na própria universidade, tem-se a Matemática Acadêmica apresentada com um certo distanciamento do que se vivencia no dia a dia.

As leituras realizadas durante a formação na universidade com relação à Educação Matemática tornaram-me mais questionadora, pois me fizeram refletir sobre porque eu tinha que conhecer aqueles conteúdos impostos no currículo do Curso, além de o motivo que me impedia de estabelecer ligação com a Matemática Escolar.

Diante das questões que me cercavam, uma delas era compreender porque a Matemática adotada pela universidade é tão ‘fechada’, imposta num modelo único de conteúdos sendo desenvolvidos pela forma de reprodução metódica, não permitindo espaço para outras Matemáticas. Conforme Lizcano (2010, p.126), “[...] o que costuma entender por matemática, pode ser pensada como o desenvolvimento de uma série de formalismos característicos de maneira peculiar que tem certa tribo de origem europeia de entender o mundo”, podendo-se perceber que houve a socialização em relação a esse modo particular de formalismo dessa Matemática.

Contudo, após estudos sobre a Etnomatemática, compreendi que existem outros jogos de linguagem e isso me motivou aprofundar o tema, ampliar os estudos e pesquisar na área. A partir desse cenário, essa ampliação guiou meus passos ao Cais do Quadrado e às mulheres moradoras ao seu redor.

1.2 Um olhar sobre o Quadrado

Ao redor, no local onde eu morava e que se chamava de “Vila das Doquinhas”, hoje chama-se Quadrado, lugar da pesquisa, acompanhava colegas e amigos desistirem de estudar, pois diziam que não gostavam e, com isso, alguns decidiram trabalhar, enquanto outros escolheram caminhos diferentes. Observava e não compreendia o motivo, o qual impedia o gosto pela escola, mas, no contexto da Vila das Doquinhas, era o que ocorria, haja vista que ainda residiam, no local, muitas pessoas que desistiam do Ensino Fundamental, o que, infelizmente, persiste nos dias atuais.

Diante disso, direcionando o olhar ao meu campo de pesquisa, atualmente, comecei a observar que muitas pessoas que ali residem não frequentam mais a escola, além disso, muitas possuem um grau de escolaridade do Ensino

Fundamental incompleto, mas, apresentam muitos saberes⁸ em suas vidas cotidianas.

Os saberes cotidianos que ali observei têm algumas aproximações com a Matemática Escolar, porém é uma Matemática própria da vivência do grupo de moradoras. Conforme Knijnik *et al.* (2013, p. 23), tem-se, como formas de Etnomatemática, “[...] a matemática praticada pelas mulheres e homens para atender às suas necessidades de sobrevivência”. Neste sentido, estabeleço essa aproximação pela forma como cada pessoa organiza-se no espaço que reside, sendo em sua organização individual, em sua luta pela sobrevivência ou ato de realizar divisões de uma alimentação com a renda familiar, em suas tarefas diárias e em sua organização do pensamento, fazendo com que, desse modo, através de cada ação realizada, seja possível mostrar, nas suas vivências, suas formas de Etnomatemática.

O local onde foi realizada a pesquisa também foi responsável pela minha constituição cultural, pois, quando era criança e adolescente, fiz parte de projetos realizados pela associação comunitária (hoje conhecida por Instituto Hélio d’Angola), com aulas de teatro, futebol, capoeira, aulas de dança e música. Isso gerou a oportunidade de conhecer outros saberes, já que pude participar das aulas mencionadas, ampliando conhecimentos artísticos e expressões culturais, através da dança afro e capoeira, repertórios musicais diferentes dos que circundavam meu ambiente, com músicas espanholas e brasileiras e, também, conhecimento teatral, tornando-me mais desinibida e expressiva em relação à fala, arte e movimento.

Ademais, o projeto auxiliou, e ainda auxilia, muitas pessoas moradoras da comunidade na forma de otimizar e aproveitar o tempo, pois, quando os participantes do projeto não estavam dentro da escola, e nem em suas residências, aproveitavam o tempo com as aprendizagens do projeto que lhes proporcionava atividades de lazer.

Durante a graduação, retornei à comunidade no ano de 2016, quando realizei uma pesquisa com mulheres do Quadrado e, com isso, pude perceber o valor de suas produções artísticas, suas organizações diárias, com seus jogos específicos de linguagem, mostrando seus usos matemáticos. Neste aspecto, comecei a indagar sobre um discurso de que “*A matemática estaria presente em tudo*”, considerando

⁸ Nesta pesquisa, adotou-se a definição da palavra “saber” dos estudos de Veiga-Neto e Nogueira (2010), definida no capítulo seguinte.

que faz referência à Matemática Escolar, que é difundida pelos livros didáticos e currículos. Dessa forma, trago a provocação, nesta dissertação, de que, na realidade, a Matemática Escolar não está presente em tudo.

Esse pensamento parte da ideia de que cada grupo produz os seus jogos de linguagem provenientes de sua forma de vida, não podendo generalizar, muito menos universalizar. Assim, a Matemática Escolar não está presente em tudo, uma vez que o ocorrido são aproximações de uma Matemática hegemônica, pronta, com suas regras, na qual a forma de contextualizar vai tentando articular-se a situações presentes no cotidiano.

Com isso, trabalhar com as mulheres do Quadrado instigou-me a valorizar mais seus conhecimentos e conhecer suas histórias. Diante disso, no ano de 2017, trabalhei como professora voluntária no Instituto Hélio d'Ángola e, em 2018, ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), na linha de pesquisa História, Currículo e Cultura, com a intenção de dar continuidade à pesquisa no local.

Ao longo de meu contato como moradora e, depois, como voluntária, pude perceber que existem muitas histórias interessantes com relação ao local, sobre aquelas mulheres que ali residem e a respeito do grupo que as constitui, o qual apresenta histórias que envolvem sua constituição social enquanto moradoras, no que se refere à organização das disposições de suas moradias e às interações cotidianas referentes a suas tarefas de trabalho. Somado a esse cenário, pode-se atribuir, também, lutas para estabelecerem seus terrenos, suas ocupações, envolvendo políticas públicas como instalações básicas de saneamento, energia, água e ações que envolvem o reconhecimento de seu espaço enquanto cidadãs, com seus direitos e deveres em uma cidade.

Logo, fazer uma pesquisa, além de mostrar algumas perspectivas sobre a ocupação do local, seria uma forma de dar visibilidade ao Quadrado por meio da identificação dos jogos de linguagem. Diante do exposto, a partir de reflexões da perspectiva etnomatemática, segue-se o seguinte problema de investigação: **Quais são os jogos de linguagem praticados por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante o processo de ocupação em uma perspectiva etnomatemática?**

Convém ressaltar, a princípio, que, para alcançar a resposta a esse problema, tem-se o objetivo geral, o qual se baseia em **identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática**. Com isso, pretende-se encontrar detalhes sobre as narrativas, assim como buscar atender o objetivo geral e responder a questão de pesquisa, de forma a estabelecer os seguintes objetivos específicos: descrever as narrativas das mulheres sobre o processo de ocupação e construção da comunidade Quadrado; identificar as práticas vivenciadas pelo grupo de mulheres e analisar os jogos de linguagem produzidos em uma perspectiva etnomatemática; identificar a construção do nome Quadrado a partir das narrativas das mulheres.

Saliento que essa produção não será para questionar os motivos de ocupação do local, nem pontuar questões sobre invasões ou posse, mas, valorizar os jogos de linguagem presentes na forma de vida em que estão inseridas as mulheres, valorizando a história local. A relevância social desta pesquisa é dar visibilidade aos saberes da comunidade e a sua história através das perspectivas narradas, evidenciando saberes etnomatemáticos, contribuindo com outros olhares ao ensino da Matemática.

As contribuições que esta pesquisa possibilitará à Educação Matemática são na forma de compreensão e apresentação de outros jogos de linguagem em uma perspectiva etnomatemática, neste caso, presentes na forma de vida de um grupo de mulheres, para que, a partir dela, o professor possa conhecer e compreender, por meio desta pesquisa, podendo expor aos seus alunos que existem outras formas de fazer Matemática, outros jogos de linguagem, em outros locais, em algumas comunidades, dentro desse universo de Matemáticas. Assim, convém conhecer outros trabalhos desenvolvidos nessa área, em razão disso, na seção seguinte, são abordadas algumas pesquisas já realizadas.

1.3 Um Mapeamento Teórico

Algumas produções⁹ foram e estão sendo desenvolvidas a alguns anos, tendo, como foco de estudo, pesquisas envolvendo a Etnomatemática. Portanto, é interessante conhecer alguns desses trabalhos que vêm sendo realizados neste campo e, a partir de um levantamento, verificar a contribuição que eles atribuem à escrita desta dissertação.

Ao buscarmos entender os dados e as informações advindas de documentos, de outras pesquisas e de pessoas sobre o tema pesquisado [...] não apenas florescem nosso entendimento de como eles se interagem e se integram, mas principalmente, nos possibilitam dar as boas-vindas às pesquisas futuras (BIEMBENGUT, 2008, p.131).

Conforme Biembengut (2008, p. 90), esse levantamento pode ser realizado com “[...] pesquisas acadêmicas recentemente desenvolvidas, em especial, nos últimos cinco anos”. Para tanto, busca-se algumas pesquisas desenvolvidas nesse período, com as palavras-chave Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta, através das quais foi perceptível que cada produção tinha um foco específico, mas todas têm, como aporte, as teorias advindas de estudos dos filósofos Ludwig Wittgenstein e Michel Foucault. Sendo assim, como afirma Biembengut (2008, p. 92), “[...] para uma primeira identificação das produções existentes, estabelecemos as palavras-chave ou tema central do objeto da pesquisa”.

As produções foram buscadas, nos anos de 2015 a 2019, em uma pesquisa *on-line* na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e referem-se a teses e dissertações publicadas referentes à temática. Conforme Biembengut (2008, p. 73): “Essa amostragem ou representação é essencial para justificar a relevância da pesquisa proposta”. Neste sentido, a busca pelos estudos teve a intenção de conhecer melhor os trabalhos já existentes na área e possíveis contribuições para a pesquisa aqui desenvolvida.

⁹ Cabe salientar que algumas noções e conceitos escritos nesta seção sobre as produções serão definidos e explicados no capítulo seguinte, tais como: jogos de linguagem, semelhanças de família, Matemática Escolar e contraconduta.

Ao utilizar individualmente as palavras-chave Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta, foram encontrados, dentro desses cinco anos, o total de trabalhos descritos no quadro 1 (um).

Quadro 1 - resultados encontrados na BDTD com as palavras-chave individuais

Palavras-chave	Dissertações	Teses
Etnomatemática	68	19
Jogos de linguagem	333	149
Contraconduta	11	7

Fonte: a autora.

Ao realizar-se leituras dos títulos e resumos desses trabalhos na ideia de encontrar pesquisas que se aproximassem da proposta a ser investigada nesta dissertação, foi verificado um afastamento da temática a ser estudada. Diante desses resultados, foi necessário realizar um refinamento nesse levantamento, no qual a busca procedeu-se por assunto das três palavras-chave juntas, em que não foi encontrado nenhum resultado. Com isso, foi realizada uma nova pesquisa, através da qual os descritores foram organizados por duplas obtendo-se, assim, o seguinte resultado.

Quadro 2 - resultados encontrados na BDTD com as palavras-chave em duplas

Palavras-chave	Dissertações	Teses
Etnomatemática e jogos de linguagem	7 dissertações	2 teses
Jogos de linguagem e contraconduta	0 dissertações	0 teses
Etnomatemática e contraconduta	0 dissertações	0 teses

Fonte: a autora.

Cabe, perante esse levantamento, frisar que a pesquisa foi realizada somente na BDTD¹⁰, podendo, assim, ter a existência de diversos trabalhos em outras

¹⁰ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foi concebida e é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no âmbito do Programa da Biblioteca Digital Brasileira (BDB), com apoio da Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP), tendo o seu lançamento oficial no final do ano de 2002. Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

plataformas, contudo, optou-se em realizar o levantamento nesta. Diante dessas sete dissertações e duas teses, foi feita a leitura desses trabalhos, sendo possível notar algumas aproximações com a proposta vinculada a este estudo.

Assim, foram selecionadas três pesquisas que dialogam com o tema Etnomatemática e sua articulação aos estudos sobre jogos de linguagem. A partir disso, apresenta-se no quadro 3 (três), a descrição de alguns dados referentes aos trabalhos encontrados. Na sequência, faz-se uma síntese e algumas reflexões sobre eles e suas contribuições para a pesquisa aqui desenvolvida.

Quadro 3 - Pesquisas que dialogam com a proposta

Título	Autor (a)	Dissertação/Tese	Ano
O mar está pra peixe: tempo e espaço em jogos de linguagem matemáticos de pescadores artesanais	Juciara Guimarães Carvalho	Dissertação	2016
Jogos de linguagem matemáticos da comunidade remanescente de quilombos da Agrovila de Espera, município de Alcântara, Maranhão	Raimundo Santos de Castro	Tese	2016
Os jogos de linguagem matemáticos de Artesãs Redeiras da colônia de Pescadores Z3 de Pelotas/RS	Cristiane Wroblewski	Dissertação	2018

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, 2019.

Na dissertação de Carvalho (2016), “O mar está pra peixe: tempo e espaço em jogos de linguagem matemáticos de pescadores artesanais”, através do próprio título já é possível inferir o conteúdo tratado, que são os jogos de linguagem matemáticos vivenciados por quatro pescadores artesanais, com o foco na relação de tempo e espaço nas organizações das tarefas desenvolvidas por esses indivíduos através da pesca. A autora salienta que, para eles, o tempo e espaço podem ser definidos por “é peixe”, sendo possível fazer essa aproximação por semelhanças de família presente na fala de cada pescador, dentro de suas regras da forma de vida.

O grupo de pescadores participantes da pesquisa é de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS, o aporte teórico utilizado na investigação advém de estudos de Wittgenstein, em que o foco está nas noções de forma de vida, jogos de linguagem,

gramática, semelhanças de família e, também, com base em Foucault, utilizando as noções de regime de verdade, jogos de saber/poder, além de algumas contribuições de Deleuze e Guattari com as noções de ciência maior e ciência menor.

A autora ressalta que sua dissertação vincula-se aos estudos pós-estruturalistas. Assim, apresenta o seu problema de pesquisa fundamentado em duas questões: “Como o tempo e o espaço habitam os jogos de linguagem entre pescadores artesanais de Florianópolis/SC e Tramandaí/RS? Como funcionam as racionalidades matemáticas que emergem desses modos de habitar o tempo e o espaço?” (CARVALHO, 2016, p. 29). A autora menciona que a escolha desses locais foi mediante um projeto de pesquisa mais amplo, em que a sua primeira escolha decorre do local que mora e a segunda, por ser considerada a capital das praias do Rio Grande do Sul, com uma maior quantidade de pescadores artesanais.

Sua metodologia de coleta foi mediante inspiração etnográfica e sua análise foi realizada articulando os aportes teóricos, as noções e seus conceitos. Os resultados evidenciaram jogos de linguagem a fim de ter um olhar mais aguçado sobre as coisas, como exemplo o sopro do vento, que, para aquela forma de vida, tem grande importância, além do tempo ser mais do que servir para medir, mas para viver, assim como o espaço mais do que medir, serve para habitar, enfatizando que não existem jogos de linguagem melhores ou piores, mas jogos diferentes.

Cabe tecer algumas contribuições que esse trabalho trouxe à dissertação, já que ele dialoga com o estudo aqui proposto, visto que trabalha com os filósofos Wittgenstein e Foucault, contudo, se diferencia da proposta com relação a algumas noções investigadas, em especial não trata em nenhum momento da noção de contraconduta. Com essa leitura, foi interessante notar a importância do uso de fotografias e o quanto foi ousado e interessante o emprego de metáforas recorrentes à forma de vida tratada, o que proporcionou a utilização dessa estratégia também neste trabalho, entretanto, de forma mais suave, aproximando o leitor da comunidade do Quadrado.

Além disso, tem-se a tese “Jogos de linguagem matemáticos da comunidade remanescente de quilombos da Agrovila de Espera, município de Alcântara, Maranhão”, em que Castro (2016) tem como objetivo compreender práticas Matemáticas de membros da comunidade de Quilombos da Agrovila de Espera, utilizando, como destaque, uma prática dos membros daquele local, com relação à

fabricação de farinha de mandioca. O autor estabelece, pelas falas dos membros, os jogos de linguagem matemáticos que caracterizavam a prática e desenvolvimento social desse grupo, relativos ao trabalho e à subsistência, realçando, também, suas lutas por terras e seus deslocamentos devido à implementação de um centro de lançamentos, causando perda das práticas socioculturais da comunidade.

Em seu referencial teórico, trabalha com as duas fases de Wittgenstein, em que a primeira é explorada em sua pesquisa para dar os encaminhamentos a segunda fase. Neste sentido, Castro (2016) explora, em sua pesquisa, as noções da teoria, principalmente de jogos de linguagem e usos, assim, adota, como metodologia, a etnografia com observações, gravação de áudio e vídeo.

Sua análise baseou-se na microanálise etnográfica com elementos do pensamento do filósofo Wittgenstein, resultando na compreensão de que os jogos de linguagem matemáticos auxiliam nas práticas sociais de trabalho e de subsistência e assemelham-se na maneira de contar, medir, e realizar operações. Dessa maneira, é possível perceber que essa prática, em sua totalidade, diverge da Matemática que é vivenciada pelo autor, além disso, mostrou que houve uma perda das tradições daquele povo no decorrer do tempo devido às desapropriações e aos deslocamentos que ocorreram.

No que se refere às contribuições que essa leitura propôs, destaca-se a questão do deslocamento dessa população de seu local de origem e o quanto isso modifica suas práticas sociais em relação ao povo quilombola, sendo que, com isso, suas práticas Matemáticas perdem-se juntas, as quais, anteriormente, prezavam por um grupo e, no decorrer do tempo, passaram a ganhar espaço para o individual. Neste sentido, nota-se que esse contexto associa-se a esta dissertação que também aborda práticas, porém, voltadas a vivências de um grupo de mulheres, e instiga, ainda mais, a investigação acerca sobre como se conduzem em meio à ocupação e a saberes vivenciados em suas práticas, fazendo pensar se, nesse processo de ocupação que elas viveram, ocorreram mudanças em seus jogos de linguagem.

A partir do exposto, percebe-se, ainda, um afastamento relacionado ao referencial teórico no fato que Castro (2016) fundamenta sua escrita em Wittgenstein não direcionando alguma interlocução com Foucault. Contudo, nessa leitura, foi perceptível uma visibilidade que o autor remete ao povo quilombola que é, muitas vezes, silenciado pela sociedade, sendo que o estudo contribuiu, assim, para

conhecer práticas daquele grupo. Diante disso, essa leitura trouxe a esta escrita a importância em dar visibilidade a um local e, além disso, a outros jogos de linguagem existentes.

Dentre as leituras prévias que foram feitas, destaca-se a de Wroblewski (2018), “Os jogos de linguagem matemáticos de Artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3 de Pelotas/RS” que também trabalha com um grupo de mulheres e com jogos de linguagem, tendo como foco o estudo destes pelo pensamento algébrico desenvolvido pelas Artesãs Redeiras e sua articulação com a Matemática Escolar. Todavia, a metodologia utilizada em sua pesquisa foi a História Oral, que dialoga significativamente com a proposta desta dissertação, visto que também trabalha com as narrativas sobre o que foi vivido pelas participantes.

Além disso, o aporte teórico utilizado fundamenta-se em Wittgenstein, mostrando os jogos de linguagem desse grupo, mas há um pequeno deslocamento quanto à concepção de Etnomatemática desenvolvida na dissertação de Wroblewski (2018), que se aproxima do saber/fazer de D’Ambrosio e, também, um deslocamento quanto ao seu foco nos jogos de linguagem, que investiga padrões e regularidades do pensamento algébrico das mulheres. Ademais, cabe salientar, a partir dessas perspectivas, que a proposta veiculada aqui nesta pesquisa tem como objetivo identificar os possíveis jogos de linguagem que podem emergir das narrativas, sem direcioná-los ao pensamento algébrico.

No que diz respeito às contribuições que essa leitura propôs à investigação, ressalta-se o uso das figuras para exemplificar, de maneira mais clara, o trabalho das artesãs e, partindo disso, na investigação também foram expostas imagens para subsidiar o trabalho, as quais contribuíram na forma de realçar a importância em conhecer outros jogos, além do que é trabalhado na Matemática Escolar pelas semelhanças de família, trazendo resultados que, a partir da prática de fazer artesanato com escamas, da separação das redes a serem recicladas, dentre outros, mostraram o pensamento algébrico na arte das mulheres.

Após a descrição de algumas pesquisas que foram encontradas na busca realizada na BDTD e algumas contribuições que as leituras propuseram, convém destacar que as três são desenvolvidas em um contexto não escolar, com artesãs redeiras, pescadores e quilombolas, contribuindo como inspiração à pesquisa aqui

realizada para o desenvolvimento desta dissertação, que também se concentra fora do âmbito escolar.

Pesquisas que demonstram um interesse social muito forte e detêm um olhar a grupos muitas vezes esquecidos dentro da sociedade reforçam a ideia da existência de outros jogos de linguagem, além dos que são difundidos na escola. Salienta-se, também, que a maneira de pescar, de ser um quilombola ou de ser uma artesã, e muitos outros trabalhos com suas particularidades, é de extrema importância para o campo da Etnomatemática.

Neste sentido, ao pensar nesse campo e ao olhar para esses trabalhos, é possível observar que nenhum envolveu questões urbanas de habitação no sentido de procurar contar, através das narrativas, as práticas vivenciadas durante o processo de ocupação de um lugar, olhar em especial a um grupo social que reside próximo ao centro de sua cidade, assim como a maneira como se conduzem essas práticas pelas lentes foucaultianas por meio da noção de contraconduta.

Analisar jogos de linguagem, por meio das narrativas sobre ocupação, faz com que esta pesquisa traga algo diferente para o estudo nesse campo, na medida em que contribui para a área, pois aborda a perspectiva etnomatemática em um contexto urbano, aliando a perspectivas da construção de um lugar.

Os estudos descritos mostraram problematizações sobre como entender os jogos de linguagem por diferentes olhares, através dos quais é possível analisar as teorias abordadas, as quais trabalham com conceitos de jogos de linguagem e algumas fazem relação de semelhanças com o âmbito escolar, além de outras dentro das narrativas dos próprios participantes das pesquisas. Além disso, o interessante foi notar que os trabalhos buscam evidenciar que existem outras racionalidades Matemáticas que são produzidas por um determinado grupo, sendo um jogo específico daquelas formas de vida. Assim, no próximo capítulo, desenvolve-se a teoria que norteia a investigação.

2 OLHARES PARA A ETNOMATEMÁTICA, JOGOS DE LINGUAGEM E CONTRACONDUTA



Figura 2 - Cais do Quadrado durante o dia.
Fonte: Acervo da autora, 2019.

Os olhares aqui discutidos referem-se a alguns conceitos utilizados na pesquisa, construídos através de leituras que contribuem para a compreensão de conceitos adotados no trabalho. Este capítulo concentra-se em apresentar algumas definições dos pilares que embasam a pesquisa, sendo dividido em três seções, a saber: Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta.

Em Etnomatemática, optou-se por trazer algumas das diferentes concepções sobre a temática com base nos estudos de Knijnik (2006; 2010). Somado a isso, são abordadas discussões provenientes de leituras da perspectiva adotada por Knijnik *et al.* (2013). Neste sentido, elucida-se alguns conceitos utilizados, tais como Matemática Acadêmica e a Matemática Escolar, além da definição das palavras “conhecimento” e “saber” por meio de estudos realizados por Veiga-Neto e Nogueira (2010).

Já em jogos de linguagem, são discutidos os conceitos de jogos de linguagem, usos, forma de vida e semelhanças de família, referentes à segunda fase dos estudos de Wittgenstein (2000) e dos estudos de seus comentadores Condé (1998) e Moreno (1995).

Após esse percurso, são tratados destaques da obra de Foucault (2008), com o intuito de mostrar como o autor definiu, no decorrer de seu curso (1977-1978), a noção de contraconduta. São discutidos mecanismos de segurança, biopoder, governamentalidade, poder pastoral e resistência. Além disso, algumas contribuições por meio dos estudos de Veiga-Neto e Lopes (2011) Rago (2016) e Costa (2019) são apontadas.

2.1 Etnomatemática

Estudos relacionados à Etnomatemática vêm se expandindo ao longo dos anos, com isso, convém mostrar alguns autores e suas concepções nesse movimento de produções relacionadas a área. Knijnik (2006), em seu livro *Educação matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra* - no capítulo intitulado - Da Etnomatemática -, faz uma síntese das produções nacionais e internacionais relacionadas à Etnomatemática, na qual mostra alguns destaques para a compreensão das diferentes concepções de investigações na área.

Na década de 1970, Ubiratan D'Ambrósio foi o precursor da Etnomatemática no Brasil, conforme destaca Knijnik (2006, p. 121) “[...] ao discutir, no contexto do Cálculo Diferencial, o papel desempenhado pela noção de tempo nas origens das ideias de Newton, que o educador se referiu a expressão Etnomatemática pela primeira vez”. Além disso, realça que a primeira vertente adotada pelo autor considera a Etnomatemática como um programa de pesquisa.

Neste sentido, Knijnik (2010) mostra o desenvolvimento da Etnomatemática, enfatizando o Programa Etnomatemática de D'Ambrósio que “[...] teve sua origem na busca de entender o fazer e o saber matemático de culturas marginalizadas. Mas remete sobretudo à dinâmica da evolução desses fazeres e saberes, resultantes da exposição a outras culturas.” (KINIJNIK, 2010, p. 22).

Knijnik (2006) salienta que, devido a um contexto através do qual vários educadores trabalhavam com a Etnomatemática, D'Ambrósio buscou a

conceituação desses estudos. Para tanto, cabe trazer a definição da concepção adotada por D'Ambrosio ao dizer que:

Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D'AMBRÓSIO, 2017, p. 9).

Junto a D'Ambrosio, destaca-se Paulus Gerdes que detém seus estudos em culturas africanas, sendo que, segundo D'Ambrosio (2017, p. 24), “[...] O interesse pela Etnomatemática das culturas africanas, tem crescido enormemente. Deve-se destacar os trabalhos de Paulus Gerdes e seus colaboradores em Moçambique [...]”. Para Gerdes (1991, p. 28), “A Etnomatemática tenta estudar a matemática (ou ideias matemáticas) nas suas relações com o conjunto da vida cultural e social.” Já no Brasil, como afirma Knijnik (2006), tem-se trabalhos de Eduardo Sebastiani Ferreira, que foi considerado como o pioneiro em estudos de campo, realizados em comunidades indígenas, periferia urbana, entre outros.

Para Ferreira (2003), a Etnomatemática é a Matemática desenvolvida por diferentes grupos culturais, tendo utilizado o termo ‘Matemática Materna’ para os “[...] conceitos matemáticos que os estudantes trazem para a escola, oriundos de seus contextos sociais; conceitos estes construídos socialmente ou de origem antropológica, quando passados de uma geração a outra.” (Ferreira, 2003, p. 5).

Além disso, há outros trabalhos de educadores brasileiros, entre eles, o de Knijnik, relacionado a movimentos sociais com trabalhadores rurais e com a periferia urbana de Porto Alegre. Entretanto, há outras concepções referentes à Etnomatemática, como é o caso de Marcia Ascher e Robert Ascher, que possuem algumas divergências da concepção adotada por D'Ambrosio, sendo que, neste aspecto, Knijnik (2006, p. 145) destaca que, para os autores, sua concepção detém-se no “[...] estudo de ideias matemáticas dos povos ‘não-alfabetizados’”.

Somado a isso, a autora discute que a Etnomatemática interessa-se por suspeitar dos discursos relacionados que são hegemonicamente ditos como ciência. Com isso, traz o estudioso Emmánuel Lizcano, mencionando que o autor propõe uma mudança de perspectiva que “[...] possibilitasse a desnaturalização da matemática na qual fomos socializados.” (KNIJNIK, 2010, p. 23) e, assim, viabilizar um olhar para a Matemática produzida nas práticas populares e não o contrário,

sendo esse como um jogo em que Knijnik (2010) ressalta que, ao olhar para essa proposta de Lizcano, ampliam-se as possibilidades de estudos na área. Isso permite o resgate de saberes silenciados, adentrando outros jogos de linguagem, como os praticados por grupos de profissionais, por mulheres e homens para atender as suas necessidades de sobrevivência, entre outros.

Todavia, percebe-se o vasto campo de trabalhos desenvolvidos na Etnomatemática e suas diferentes concepções, sendo possível enfatizar que este trabalho baseou-se em leituras da perspectiva etnomatemática de Knijnik *et al.* (2013), na qual é possível reconhecer que: “Há pois, racionalidades diferentes operando na Educação Matemática praticada na escola e fora dela: a Matemática Escolar tem como marca a transcendência e as práticas fora da escola são marcadas pela imanência” (KNIJNIK, *et al.*, 2013, p. 17-18). Assim, as reflexões adotadas nesta perspectiva articulam estudos de jogos de linguagem à Etnomatemática, colocando-a em um movimento que reconhece outras racionalidades Matemáticas, que não são socialmente legitimadas.

Desse modo, apoiando-se nos estudos de jogos de linguagem de Wittgenstein, Knijnik *et al.* (2013) assinalam que

[...] o pensamento de Wittgenstein, em nosso entendimento, é produtivo para nos fazer pensar em diferentes Matemáticas (geradas por diferentes *formas de vida* – como associadas a grupos de crianças, jovens, adultos, trabalhadores de setores específicos, acadêmicos, estudantes, etc.), que ganham sentido em seus usos (KNIJNIK *et al.*, 2013, p. 30, grifos do autor).

Assim sendo, optou-se, neste estudo, investigar um grupo de mulheres que compartilham o mesmo local de moradia e todas as lutas que envolvem estabilização, ocupação e organização no local, com seus jogos de linguagem provenientes de sua forma de vida, através da qual “[...] representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 2000, p. 32). Desse modo, também representar outras maneiras de medir e contar, assumindo a não universalização da Matemática.

Knijnik *et al.* (2013) destacam também o uso da frase, de jogos de linguagem matemáticos, que são “[...] jogos de linguagem em formas de vida não escolares, que, por possuírem semelhança de família com aqueles praticados na matemática da escola, temos chamado de jogos de linguagem matemáticos” (KNIJNIK, *et al.*, 2013, p. 35).

Somado a isso, essas semelhanças auxiliam o olhar a outras racionalidades Matemáticas, sendo que as semelhanças de família variam de um jogo de linguagem para outro.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bolas, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam ‘jogos’”, mas veja se algo é comum a todos eles. – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos e até toda uma série deles (WITTGENSTEIN, 2000, p. 66).

Dessa maneira, percebe-se que tal definição mostra as semelhanças de família como sendo algumas aproximações de um jogo de linguagem de uma forma de vida a outra forma, podendo ser atribuídas tais semelhanças como parentescos. A Etnomatemática, vista por essa perspectiva, importa-se com as investigações de práticas fora do contexto escolar para poder pensar em possibilidades de sua contribuição à Educação Matemática, mas não para enxergar Matemáticas similares às da escola, ao contrário, apontar Matemáticas diferentes da escolar.

Pensando em diferentes racionalidades Matemáticas, como é possível conhecer outras produções se não existissem pesquisas que se interessassem por isso? Como a Etnomatemática contribui para isso? Como se poderia conhecer outros saberes, se fosse admitido que só existe, por exemplo, um modo de calcular, um modo de realizar estimativas?

O pensamento produzido pelo senso comum diz que a padronização ou universalização de conceitos matemáticos no mundo foi criada para facilitar o entendimento ou a comunicação entre os povos. Essa padronização esconde preceitos que não pretende-se discutir nesta pesquisa, mas realça a importância em ter pesquisas que destaquem outros jeitos de conhecer, calcular, saber, outras racionalidades Matemáticas, além do que está sendo difundido no currículo escolar.

[...] a Etnomatemática questiona também a noção de que a Matemática Acadêmica expressaria “o conjunto de conhecimentos acumulados pela humanidade”, apontando que em tal processo há a legitimação de uma forma muito específica de produzir Matemática: aquela vinculada ao pensamento urbano, heterossexual, ocidental, branco e masculino. É justamente esse suposto “consenso” perante o que conta como “conhecimento acumulado pela humanidade” que a Etnomatemática problematiza, destacando aquelas formas de dar significado aos saberes

matemáticos, os quais diferem, muitas vezes do modo hegemônico (KNIJNIK, *et al.*, 2013, p. 27).

Concordando com as autoras, pode-se dar significado aos saberes matemáticos tratando a respeito da Matemática Acadêmica, Matemática Escolar e outros usos matemáticos. Sendo assim, é possível perceber, conforme Knijnik *et al.*, (2013), que a Matemática Acadêmica e a Escolar não são as únicas Matemáticas, assim posto, “[...] a linguagem da Matemática Acadêmica está marcada por mecanismos de exclusão que se fazem presentes desde a sua constituição como campo de conhecimento” (KNIJNIK, *et al.*, 2013, p. 25).

Essa constituição na ciência foi tornando-a como uma Matemática única excluindo a existência de outros usos matemáticos, porém estudos na perspectiva etnomatemática mostram a existência de outros jogos de linguagem matemáticos. Neste sentido, cabe definir a Matemática Escolar como “[...] A Matemática Escolar, com as marcas de transcendência que herda da Matemática Acadêmica produzida pelos que têm a profissão de matemáticos” (KNIJNIK, *et al.*, 2013, p. 25), realçando que a Matemática Escolar produz sujeitos escolares, sendo uma Matemática vinda da Matemática Acadêmica.

Conforme o exposto, é possível perceber que a Matemática Acadêmica é vista como práticas de um conhecimento científico articulado pelos matemáticos, já a Matemática Escolar provém da Acadêmica e refere-se a uma Matemática exercida no ambiente escolar composta por um conjunto de conteúdos que atende a disciplina de Matemática e ao corpo de membros escolares (alunos, professores, entre outros). Considera-se, ademais, outros usos matemáticos que são produzidos por saberes fora do âmbito escolar, em diferentes formas de vida.

Além disso, cabe definir as palavras “saber” e “conhecimento”, pois ambas possuem significados distintos e, para a pesquisa, adotou-se a definição apresentada pelos estudos de Veiga-Neto e Nogueira (2010), que salientam que as distinções desses termos não são recentes, já foram realizadas por diferentes perspectivas teóricas. No entanto, para os autores, o foco da distinção dessas palavras está centrado ao campo da Educação e estudos sobre currículo.

Veiga-Neto e Nogueira (2010) ponderam que a distinção dos significados das palavras “conhecimento” e “saber” é pouco questionada, muitas vezes porque as palavras são utilizadas de forma comum, fazendo com que “[...] tal falta de clareza e

de problematização semânticas acaba botando para debaixo do tapete diferenças que, mais cedo ou mais tarde, serão fonte de problemas” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p. 67).

Com isso, os autores argumentam as diferenças na origem dessas palavras, destacando as suas etimologias. Iniciam com a palavra “conhecimento”, mostrando que “[...] conhecer, por sua vez deriva da forma latina *cognōsco*, *ēre* – ‘ter notícia ou noção sobre algo’; trata-se de um verbo, cuja origem está no grego antigo *gignōskein* (“conhecer, julgar”), cujo radical *gno* - aponta no sentido de ‘experimentar, tomar conhecimento [...]’” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p. 72-73).

Somado a isso, trazem a palavra “saber” que “[...] deriva da forma latina *sapīo*, *ēre*, que significa ‘ter sabor, saborear, discernir pelo paladar ou pelo olfato [...]’” (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p. 73).

Além disso, destacam, para auxiliar na distinção desses termos, o filósofo Foucault que afirma:

Enquanto que sobre os conhecimentos sempre se pode “dizer se são falsos ou verdadeiros, exatos ou não, aproximados ou definidos, contraditórios ou coerentes” (Foucault, 1994, p. 723), sobre os saberes não são possíveis tais determinações. “Nenhuma destas distinções é pertinente para descrever o saber, que é o conjunto dos elementos (objetos, tipos de formulação, conceitos e escolhas teóricas) formado a partir de uma única e mesma positividade, no campo de uma formação discursiva unitária” (idem). (VEIGA-NETO; NOGUEIRA, 2010, p. 79).

Dessa forma, é possível notar que a palavra “conhecimento” pode ser tratada como algo que já está pronto, proveniente da ciência; e “saber”, como algo próprio de uma experiência, de uma vivência fora do meio da ciência. Diante disso, assume-se, neste estudo, essas definições, possibilitando um estudo da Etnomatemática com os saberes vivenciados por um grupo de mulheres por meio de seus jogos de linguagem.

Considerando um discurso de construção de conhecimento mediante estudos escolares, muitos esquecem os saberes produzidos fora desse ambiente, na vivência de um grupo, o que pode levar a acreditar que o estudar e aprender alguns conceitos é essencial para construir mais saberes. Diante disso, acreditar que o estudar e o prosseguir nos estudos dentro de uma escola são essenciais para a construção de saberes não é uma verdade. Um exemplo disso pode ser evidenciado

pelo documentário *Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco*, de Carol Black (2011), que traz reflexões, questiona a importância em valorizar outros conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar, valorizar o que é produzido por diferentes grupos, fora da hegemonia difundida nos currículos escolares.

Uma forma de reconhecer esses saberes produzidos fora do âmbito escolar é olhar ao redor do Quadrado e, na presente pesquisa, o olhar foi realizado através da análise dos jogos de linguagem de um grupo de mulheres, moradoras desse local. Este estudo propõe mostrar que existem pessoas, as quais produzem seus saberes sem a continuação de seus estudos por meio da forma de vida que possuem, além de algumas pessoas possuírem saberes, os quais são silenciados, mas que podem ser notados e valorizados.

2.2 Jogos de linguagem

Ao estabelecer-se uma conexão da perspectiva etnomatemática, juntamente com estudos sobre jogos de linguagem, destacam-se algumas reflexões de autores que dialogam com esses estudos. Com relação a esses jogos, tem-se Mauro Lúcio Leitão Condé que é um estudioso do filósofo Ludwig Wittgenstein, o qual aborda, em seu livro *Wittgenstein Linguagem e Mundo* (1998), uma síntese de duas produções de Wittgenstein, tendo uma importância nos dias atuais para a compreensão da escrita complexa do filósofo. O pesquisador apresenta algumas discussões sobre suas duas produções; a primeira, denominada *Tractatus Logico - Philosophicus*, que é reconhecida como a primeira fase do pensamento wittgensteiniano, e a segunda obra, intitulada *Investigações Filosóficas*, que é mencionada como sendo sua obra da maturidade.

Com relação à primeira fase, Condé (1998) expõe a concepção de mundo vista por Wittgenstein, sendo essa com função de investigar o que pode ser dito de forma correta pela linguagem, realçando que existe um elemento comum com ela e o mundo, a lógica. O autor também se ocupa de mostrar tabelas verdades, realçando ser uma criação de Wittgenstein. Além disso, evidencia que o *Tractatus Logico - Philosophicus* propõe uma linguagem ideal, tornando-a universal, realçando que, por meio dela, é possível compreender o mundo, similarmente a um cálculo com as suas regras adequadas.

Por outro lado, neste estudo, é adotada a segunda fase, visto que esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática, que se alinha à obra de maturidade de Wittgenstein. Condé (1998) enfatiza que a segunda fase do filósofo detém-se na indagação “*Como a linguagem funciona?*”, com o viés de explicá-la em um contexto de uma forma de vida.

Considera-se essa pergunta como ponte para o estudo realizado neste trabalho, pois conhecer os jogos de linguagem de uma comunidade, um grupo, neste caso, presente no contexto de vida das mulheres, visibiliza compreender como a linguagem funciona naquele local, naquele grupo específico de mulheres, ao longo de suas narrativas, sendo jogos de linguagem presentes das suas narrativas vividas sobre a comunidade em que vivem.

E o que seriam esses jogos de linguagem? Condé (1998) explica que são diversos usos que a linguagem possui, sendo diversas linguagens, dando origem à expressão jogos de linguagem, ou seja, uma palavra dependendo do contexto em que está inserida terá uma significação naquela forma de vida, na qual se tem um determinado jogo de palavras, tendo funcionamento em seu uso.

Wittgenstein (2000) traz o seguinte exemplo, explicando que se um professor aponta para um objeto e diz a um aluno ser uma pedra - denominando-a com o uso da linguagem de ser uma pedra -, o aluno repete a palavra que o professor falou, o que decorre de um processo semelhante de linguagem, um jogo adotado por ambos naquele contexto, no qual denominam o objeto com o nome de pedra, dando a sua significação mediante o contexto que estão inseridos.

Assim sendo, segue a definição que formula a noção de jogos de linguagem:

Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras (...) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei de “*Jogos de linguagem*”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem. E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de ‘jogos de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN, 2000, p. 30, grifos do autor).

Um jogo de linguagem é uma criação de um determinado grupo específico, sendo que cada grupo possui suas regras. Moreno (1995), estudioso do filósofo,

mostra que a linguagem adotada na concepção de Wittgenstein é utilizada também para “expressar pensamentos sobre objetos que podem ser descritos empiricamente” (MORENO, 1995, p. 63), como indicar a cor de um objeto, sendo utilizada ainda “quanto sobre objetos dos quais nada pode ser dito” (MORENO, 1995, p. 64), como exemplo as sensações humanas. Dessa forma, o autor mostra a amplitude dos diversos usos que uma linguagem pode gerar no contexto ao qual pertence, no jogo que a rege.

As ações que vão construindo a linguagem decorrem de uma criação e, neste aspecto, Moreno (1995) enfatiza que: “A descrição conduz, todavia, a uma modificação de nosso pensamento: passamos a compreender com melhor clareza os usos que nós próprios fazemos da linguagem” (MORENO, 1995, p. 71), sendo que, desse modo, a linguagem faz parte da forma de vida em que ela está sendo descrita.

A partir de uma reflexão sobre questões referentes à Matemática Escolar, é possível perceber que se conhece os jogos de linguagem, com suas regras Matemáticas já específicas daquele contexto escolar. Dessa maneira, ao analisar o processo linguístico utilizado nas aulas de Matemática adotado por alguns professores, nota-se que, muitas vezes, distancia-se dos alunos e não faz parte das suas diferentes formas de vida, além de seus dialetos locais e, por consequência, relaciona-se ao fracasso no entendimento de alguns conteúdos.

Nesse viés matemático, vincula-se um jogo de linguagem que é regido por proposições de “verdades matemáticas”, no qual Moreno (1995, p. 97) salienta que “A verdade e a necessidade das proposições matemáticas não exprimem ‘fatos matemáticos’, mas sim nossa atitude frente as técnicas de cálculo”. Evidencia-se, dessa forma, que as atitudes dos indivíduos baseiam-se em repetições técnicas. Além disso, Moreno (1995) ressalta que Wittgenstein aborda que “os conceitos são técnicas que criamos para organizar nossa experiência” (p. 97), sendo uma linguagem de conceitos criada com um viés de experiência para uma homogeneidade.

O jogo de linguagem da Matemática Escolar “já está pronto” e a tentativa de inseri-lo em outros grupos, muitas vezes, recai em resistências que têm, por consequência, processos de reprovação. Ao pensar em um trabalho que envolve a perspectiva etnomatemática junto a jogos de linguagem, propõe-se investigar

saberes, conhecer como outros grupos pensam, trabalham e abordam os seus usos matemáticos em suas formas de vida.

Adotada essa concepção, conhecer os jogos de linguagem produzidos por um determinado grupo depende de compreender qual é o jogo em que está inserido e quais as semelhanças de família existentes entre diferentes jogos. Condé (1998) explica o termo “semelhanças de família” utilizado na obra de Wittgenstein e enfatiza que sua relação constitui-se pelas formas de vida. Essa perspectiva, segundo o estudioso, abandona uma posição semântica para introduzir uma pragmática, ou seja, as palavras só terão sentido no contexto em que estão inseridas, podendo ter semelhanças de família com outras palavras, mas sempre levando em consideração a forma de vida em que a linguagem está inserida.

Condé (1998) assinala que, nas *Investigações Filosóficas*, a significação de uma palavra deve-se mediante o uso que é feito dela, em diferentes contextos, e salienta também que as semelhanças de família apresentam variações dentro de um determinado jogo de linguagem, podendo aparecer ou desaparecer na passagem de um jogo para outro. Assim sendo, ele mostra que a forma de vida envolve não apenas uma dimensão biológica, mas também uma dimensão cultural.

Essas semelhanças de família são aproximações de uma linguagem para outra, como se tivessem um parentesco em comum, por isso se utiliza o termo semelhanças de família. Por exemplo, a própria palavra jogo traz essas semelhanças, pois, quando pensa-se em jogo, infere-se que é um conjunto de regras, através das quais cada jogo terá suas regras diferentes, no entanto, possuem algo em comum, ou seja, semelhanças, já que um jogo utilizando uma bola pode ser jogado em diversos locais, e qual seria a semelhança de família de um jogo para o outro? Neste caso, seria o uso comum de um objeto denominado bola.

Pensar em uma relação do pensamento filosófico presente nas *Investigações*, com o uso da linguagem em diferentes formas de vida, faz refletir sobre a investigação dos jogos de linguagem produzidos por diferentes grupos. Com isso, entende-se que a linguagem é proveniente de uma forma de vida e possui seus usos e significados mediante o contexto que está inserido determinado grupo.

Ao observar o grupo de mulheres do Quadrado, nos seus jogos de linguagem, pode-se analisar os significados que cada jogo apresenta. O trecho a seguir é um destaque que Condé (1998) realiza em seu fechamento da escrita, posicionando seu

ponto de vista na importância de compreender essas diferentes concepções de linguagem, haja vista que; “Nas ‘Investigações’ Wittgenstein nos mostra que não é partindo do mundo que construímos a linguagem, mas contrariamente, a linguagem que constrói o mundo” (CONDÉ, 1998, p. 140).

Neste sentido, se a linguagem constrói o mundo, o mundo das mulheres participantes da pesquisa será construído pelas suas narrativas? Suas vidas sociais só farão sentido no mundo delas, seus jogos de linguagem, seus saberes só serão compreendidos em sua forma de vida? Convém pensar nessas reflexões enquanto que se detém um olhar a um grupo com seus jogos de linguagem e sua forma de vida.

2.3 Contraconduta

Investigar as narrativas de mulheres sobre a ocupação de um lugar envolve reflexões não somente de questões locais, mas também de contexto histórico, social e político, além de um contexto de resistência. Essa noção de contraconduta fez-se necessária para a investigação a partir da movimentação do material de pesquisa, na qual se percebe a necessidade de buscar esse conceito, para mostrar a maneira que as mulheres conduziam-se durante a ocupação do Quadrado.

Nesse contexto social, foi necessário direcionar um olhar para as lentes teóricas de Foucault (2008), em especial, a seu curso “Segurança, território, população”, ministrado entre 1977-1978, visto que, em meio às ideias desenvolvidas pelo filósofo durante o curso, foi possível destacar o conceito de contraconduta.

Para melhor compreender o conceito, é necessário percorrer alguns caminhos com certos destaques da obra do autor em que analisa os mecanismos que regulam a população. Em meio a essa análise, ele remete a um conceito já trabalhado em outra obra, “História da sexualidade”, trata-se do biopoder, que define ser “[...] o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3). A partir disso, evidencia que o poder está relacionado às características de vida do ser humano e provém de um conjunto de procedimentos para o controle da população.

No sentido de controle da população, convém destacar que Foucault (2008) faz uma análise sobre “[...] o papel de mostrar quais são os efeitos de saber que são

produzidos nessa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, pelas táticas de poder que são elementos dessa luta” (FOUCAULT, 2008, p. 5). Ademais, para compreender esse meio do poder, no qual a sociedade é produzida com seus impactos, lutas e resistência, vale mencionar a questão de segurança que “[...] é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina” (FOUCAULT, 2008, p. 14).

Cabe destacar, também, que a segurança torna-se um mecanismo de controle social. Dessa maneira, é pertinente sublinhar a fala de Foucault (2008) de que a soberania se exerce no território, a disciplina sobre o corpo dos indivíduos e a segurança sobre a população. Mediante a isso, a população, em meio à ideia de segurança, acaba por estar num jogo de controle dos sujeitos.

De acordo com Foucault (2008), que o faz por meio de exemplos em sua obra, essa segurança desenvolve-se na cidade, sendo uma relação de controle da circulação dos sujeitos, mencionando, ainda, questões sobre o planejamento de uma cidade e a circulação de pessoas e os elementos que se produzem nesse ambiente, onde a cidade é planejada pensando no que acontecerá no futuro. Desse modo: “[...] É a gestão dessas séries abertas, que, por conseguinte só podem ser controladas por uma estimativa de probabilidades, é isso a meu ver que caracteriza essencialmente o mecanismo de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 27), sendo esses aspectos tratados como uma série quantitativa, mensurando quantos habitantes residem e quantos imóveis existem, por exemplo, o que, conseqüentemente, acarreta a ideia de que a liberdade torna-se regulada pelo princípio da segurança.

Vale ressaltar, ainda, que ao pensar acerca desse mecanismo de segurança por meio de séries quantitativas, cumpre refletir sobre a Matemática Escolar e Acadêmica, podendo-se dizer que elas funcionam também como um órgão controlador, na medida em que servem como parâmetro para mensurar grandezas, indicar quantidades por intermédio de padrões de medidas consideradas universais. Além disso, outros fatores são controlados pela estatística, como a quantidade de habitantes de uma cidade, de estudantes que frequentam a escola, de aprovações na prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e de outras avaliações, em larga escala, que são reguladas pelo mecanismo de segurança.

Essas informações destacam o que Foucault (2008) aborda sobre lei, disciplina e segurança. A primeira estabelece proibições, a segunda realiza prescrições e a terceira tem o papel dos dois, mas sem efetivamente proibir ou prescrever. Em seguida, outro destaque importante é quando o autor trata sobre a normalização disciplinar e, com isso, mostra argumentos, os quais evidenciam que essa norma controla a partir de um modelo perfeito a ser seguido, que “consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz” (FOUCAULT, 2008, p. 75).

Tais considerações atribuídas pelo filósofo mostraram o processo que a sociedade insere-se em meio ao biopoder, controlada por dispositivos de segurança e, neste sentido, chega-se ao conceito de governamentalidade que merece atenção nesta seção. Conforme menciona Margareth Rago (2016), em um seminário (Foucault: para uma vida não Fascista): “Sempre onde há poder há resistência, onde há governamentalidade há contraconduta”. Por governamentalidade, entende-se

[...] o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 143).

A governamentalidade é uma forma de poder que é exercido sobre a população, que vai modificando a vida na sociedade, utilizando táticas, mecanismos do governo para fins do próprio poder. Para Rago (2016), esse conceito foi cunhado por Foucault a partir da união das palavras governo com mentalidade, sendo o governo responsável por conduzir a conduta do outro, a partir do poder pastoral. Para o filósofo, a governamentalidade é um mecanismo, proveniente da tecnologia pastoral, vindo do cristianismo que alcançou o Estado, o qual se apropriou de um pensamento de um pastor que conduz o seu rebanho e, no caso do Estado, que conduz a população.

Com efeito, o poder pastoral foi primordial para o início da governamentalidade, contudo, para manter esse poder, o Estado organizou-se por meio de táticas, delegando, por exemplo, o que é de poder público ou privado, assim obtendo controle da sociedade a ser conduzida.

Dentre essas estratégias, destaca-se que “[...] esse Estado de governo, que tem essencialmente por objeto a população e que se refere [a] e utiliza a instrumentação do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 145).

Durante o curso, Foucault (2008) faz uma análise de governo partindo da pastoral cristã, caracterizado por ser de ordem moral, “[...] “governar” pode querer dizer “conduzir alguém”, seja no sentido propriamente espiritual, do governo das almas [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 163). Além disso “[...] “governar” ou o “governo” pode se referir então a conduta no sentido propriamente moral do termo: uma mulher que era de “mau governo” isto é de má conduta [...]”. (*ibid.*, p. 163).

O pastorado só foi configurar-se, de fato, com o cristianismo, sendo um mecanismo de poder durante séculos, todavia o poder pastoral e o político mantiveram suas características, sendo um enigma para o próprio filósofo. Em suas palavras, “Como quer que seja, através de todos os sentidos, há algo que aparece claramente: nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma política. Quem é governado são as pessoas” (FOUCAULT, 2008, p. 165). Em meio a esse governo das pessoas, convém refletir a atuação das mulheres nas suas vivências durante a ocupação do Quadrado, como organizaram sua vida no local.

Foucault (2008) menciona um exemplo de objeto de governo, utilizando, como metáfora, o governo da condução de um navio. Nota-se que o capitão não governa os marujos, mas, o navio, porém os marujos estão dentro do navio e logo são conduzidos. Ele adota essa mesma reflexão ao governo de uma cidade que tem seus indivíduos, os quais vão sendo subjetivados, realçando, assim, a ideia de um governo das pessoas que tem origem na pastoral cristã: poder pastoral e direção das almas “o pastorado é um tipo de relação fundamental entre Deus e os homens” (*ibid.*, p. 167).

Sobre a noção de conduta proposta pelas ideias foucaultianas, cabe destacar que,

[...] de fato, a atividade que consiste em conduzir, a condução, se vocês quiserem, mas é também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida e como, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução (FOUCAULT, 2008, p. 25).

Essa definição foi adotada pelo pastorado cristão, na sequência, o autor pondera como foi procedendo à crise do pastorado e, dessa maneira, dispersando-se como um aporte para a governamentalidade, por meio de resistências das populações. No âmbito de resistências ao poder pastoral, destacam-se movimentos, chamados pelo filósofo, de “[...] revoltas específicas de conduta, aqui também deixando à palavra “conduta” toda a sua ambiguidade” (FOUCAULT, 2008, p. 256). O pensador enfatiza que são movimentos que demonstram insatisfação e acabam por requerer outra condução diferente, mas que ao mesmo tempo não querem ser mais conduzidos, seria um ato libertador, conduzindo-se.

O autor analisa as resistências ao poder pastoral e, a partir disso, menciona as revoltas de conduta como resistências a esse poder, sendo essas revoltas diferentes das revoltas políticas e econômicas da época. Ele cita, como exemplo de revoltas de conduta, as relacionadas com um deslocamento das revoltas anteriores, sendo este voltado à mulher sobre o seu estatuto “[...] essas revoltas de conduta estão muitas vezes ligadas a esse problema das mulheres, do seu estatuto na sociedade, na sociedade civil ou na religiosa. Essas revoltas de conduta floresceram nos conventos femininos [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 259), sendo notável perceber que, atualmente, muito do que as mulheres conquistaram foi proveniente de revoltas as quais se baseavam em não as deixar serem conduzidas.

Para Foucault (2008), apesar de existir essas resistências de conduta, elas não são autônomas, já que dependem de fatores como: “Por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos?” (FOUCAULT, 2008, p. 260). No decorrer da escrita, o autor mostra que o governo começou a exercer o poder pastoral passando, assim, a conduzir a conduta da população. Diante disso, passou a gerar revoltas em âmbito político e não tanto religioso. O autor dá destaque para conflitos sobre o fazer guerra, cujo recrutamento gerava resistências, “[...] ser soldado foi uma conduta, uma conduta política, uma conduta moral [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 261), mas nem todos querem ou servem para serem soldados, mesmo que exista um recrutamento ou uma seleção não voluntária já estipulada pelo Estado, independente de querer ser conduzido ou não.

Por fim, são mencionados exemplos de revoltas de conduta, tais como as sociedades secretas, a franco-maçônica, a medicina através de grupos religiosos

que resistem ainda até hoje a algumas vacinas, medicamentos e procedimentos médicos. Em meio aos destaques sobre a obra, chega-se à noção de *contraconduta* atribuída por Foucault. O autor procura designar pelo vocabulário um nome a essas resistências, revoltas de conduta, com isso, propõe a palavra *contraconduta*: “*contraconduta* no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (*ibid.*, 2008, p. 266).

Veiga-Neto e Lopes (2011) explicam como Foucault chegou a essa denominação da palavra *contraconduta*, pensando na definição de “*dissidência*” e “*resistência*”. A primeira refere-se a movimentos usados para marcar mudanças do comportamento pastoral para uma “*conduta de governo (de poder e resistência)*” (*ibid.*, 2008, 2011). Já a segunda “[...] é usada para marcar relações que são estabelecidas de maneira ‘*intrínseca*’ às relações de poder/governo” (*ibid.*, 2008, p. 111).

[...] “*contraconduta*” é usada para marcar práticas que surgem dentro de movimentos maiores, que não buscam romper com movimentos ou implantá-los, pois o que está envolvido é conduzir a população de outras maneiras sem ter que romper com o condutor. Não se trata, portanto, de “*contra o comportamento*”, mas de lutar para ser conduzido de outras maneiras. (VEIGA-NETO; LOPES, 2011, p. 111).

Foucault (2008) aponta exemplos de *contracondutas* pastorais da Idade Média tais como: o ascetismo; as comunidades que criticam o poder pastoral contra o batismo, eucaristia; a mística e experiências contra esse poder; o retorno da escritura sem a presença de mediador pastoral, sem alguém que interprete; a crença que dispensa os pastores visto que Cristo voltará. Por fim, Foucault (2008) expõe que esses exemplos de *contraconduta* ao poder pastoral foram o aporte para a governamentalidade, que também tem suas *contracondutas*, tais como movimentos de revolta urbana, camponesa, etc. Esses movimentos de resistência foram nomeados por Foucault como *contraconduta*. Essas discussões sobre a definição não acabam aqui, apenas foram trazidos aspectos importantes para a discussão nesta pesquisa. Assim, vale ressaltar que

[...] as práticas de dominação cruzam todas as instâncias da vida social e implicam movimentos de resistência e *contraconduta*. Esses dois movimentos – de resistência e *contraconduta* -, por serem mobilizados em relações de governança e poder, têm a convicção da população sobre a importância de ter, sob seu domínio, alguns atores no cotidiano. Entre esses

atores, temos, por exemplo, os loucos, os desempregados, os criminosos, os delinquentes, os pobres, os anormais (VEIGA-NETO; LOPES, 2011, p. 111).

Existem vários atores na sociedade, e baseando-se nessa noção, é possível pensar que o processo de ocupação do espaço do Quadrado ocorreu por conta das lutas das mulheres e dos desafios para manterem-se no local, já que, mesmo sem infraestrutura, sem água, sem energia elétrica e com um lugar propício a alagamentos, elas continuaram morando nesse ambiente e foram conduzindo as suas vivências por meio de práticas de sobrevivência.

Conforme Costa (2019), as atitudes e lutas frente às práticas de governo modernas possuem vestígios nas contracondutas. Neste sentido, afirma que “é a partir da abordagem das contracondutas que Foucault pode problematizar questões políticas” (COSTA, 2019, p. 62). Desse modo, pode-se pensar na noção de contraconduta analisando, por meio das narrativas das mulheres, as suas maneiras de sobrevivência para manterem-se morando no local, que não era propício a ter moradias, pois era composto por banhado e espadana¹¹, no entanto, ainda assim, elas tornaram aquele espaço o seu lar, governando a si mesmas.

Conforme exposto neste capítulo, a perspectiva etnomatemática, os jogos de linguagem e a noção de contraconduta norteiam esta investigação, a qual se propôs a trabalhar com o processo de ocupação de um espaço, narrado a partir das vivências e lembranças de um grupo de mulheres.

Assim, pela perspectiva etnomatemática adotada neste trabalho, os jogos de linguagem dão subsídios para mostrar os usos matemáticos existentes na forma de vida das mulheres e a noção de contraconduta contribui para uma reflexão política e social existente no processo de ocupação do local em que reside esse grupo de pessoas. A seguir, trata-se sobre a ocupação de um espaço, o Quadrado, as participantes da pesquisa e a metodologia adotada.

¹¹ É um nome popular atribuído a uma planta de nome científico *Typha domingensis*, também comumente chamada de taboa.

3 ANCORANDO A PESQUISA

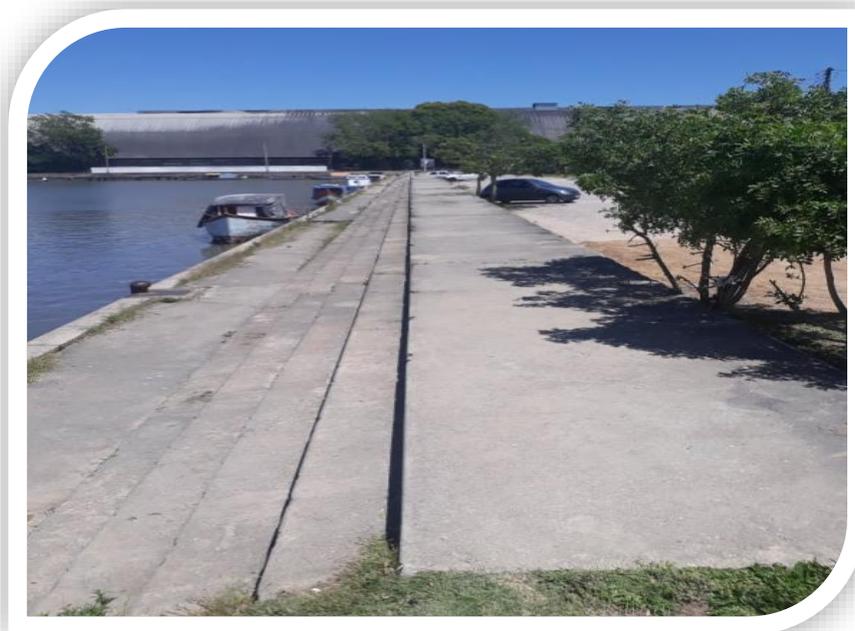


Figura 3 - Lateral do Cais do Quadrado, vista Alberto Rosa travessa um.
Fonte: acervo da autora.

O capítulo ancora a pesquisa no sentido de trazer algumas considerações sobre a ocupação de um espaço. Além disso, apresenta-se o Quadrado e as participantes da pesquisa, e, em seguida, a metodologia abordada na investigação.

3.1 Ocupação de um espaço

Conforme Vieira (2005), a história do passado possibilita entender o presente. Abordar essa concepção com relação à distribuição de pessoas dentro de um determinado espaço, neste caso, dentro de uma cidade, envolve questões de identidade, classes e uma heterogeneidade que compõe a procura em ocupar-se um espaço, neste caso, o urbano.

Cabe ressaltar que o objetivo deste capítulo, ao tratar questões de ocupação, não se refere a contar a história da cidade de Pelotas, mas trazer recortes para a compreensão do processo de ocupação no qual se encontra o Quadrado.

O espaço urbano, muitas vezes mediado por ocupações com suas áreas onde se têm concentração de pessoas, expressa reflexos de suas culturas e sua história. Não se mora ou nasce em um determinado local por acaso, tudo provém de uma construção social, econômica e política. “O espaço que deve ser considerado é o social, um produto complexo da sociedade que, ao mesmo tempo que é resultado, é também condição da produção e da reprodução social” (VIEIRA, 2005, p. 26).

A obtenção de um espaço para construir uma moradia pode carecer de infraestrutura, em que, na maioria das vezes, não existe saneamento, água, esgoto e energia. Todavia, isso não impede de ocorrer uma ocupação de uma determinada área urbana e, com isso, a população inserida nesse contexto acaba por adequar-se ou buscar maneiras de sobreviver no local. Essa inserção pode ocorrer por resistências, lutas, conflitos habitacionais, tornando esse cenário visível devido às diferentes paisagens de uma cidade.

A Segregação espacial é uma nota da paisagem urbana, gerada por distribuição de renda no processo produtivo. A questão da moradia nas cidades evidencia bem este quadro, marcado pelas diferenças entre as várias zonas de residência, existentes numa mesma cidade. As diferenças de habitações, vão desde o simples lugar debaixo da ponte ou no banco da praça até os suntuosos palacetes e lindas mansões, dos condomínios fechados ou das “zonas nobres” das cidades. As contradições se tornam explícitas no espaço (VIEIRA, 2005, p. 36).

Nessa conjuntura, dentro de bairros, tem-se a formação de vilas, onde a sociedade vai produzindo e sendo produzida por seu espaço. Uma sociedade da “correria” como reflete o filme “O preço do amanhã (*In Time*)”¹², através do qual é exposto que se vive o hoje para garantir mais um dia de sobrevivência amanhã, vivendo metaforicamente um dia após o outro.

O espaço de uma cidade subdivide-se em distritos, bairros, vilas, arroios, canais, prédios, casas, apartamentos, barracos, universidade, comércio, dentre outros. Essas subdivisões denotam o produto de desigualdades de uma cidade.

¹² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=581Y0_eZ6nA. Acesso em 10 out.2018.

A produção do espaço está ligada, portanto, ao uso do solo, que, neste contexto, representa o modo de ocupação de um lugar específico da cidade. No processo de produção das relações capitalistas, o homem necessita de um lugar para viver que, no entanto, não significa apenas o instante de ocupação do lugar, mas sim, o de produção do próprio lugar. O urbano aparece como produto da produção e reprodução dos seres humanos, tratando-se de um produto histórico, ao mesmo tempo realidade presente (VIEIRA, 2005, p. 47).

Para entender a ocupação do espaço em questão, é relevante conhecer o contexto histórico do espaço urbano da cidade de Pelotas, sendo possível explorar seu surgimento, a ocupação de locais, seus bairros etc.

Nesse viés, Vieira (2005) trata, em seu livro “A cidade Fragmentada: O planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas”, aspectos relevantes acerca da distribuição do espaço urbano e aspectos históricos da cidade, os quais auxiliam no diálogo histórico e social que esta pesquisa permeia.

Vieira (2005) registra que Pelotas localiza-se em uma região de planície, onde, na parte de terras de níveis mais altos em relação ao nível do mar, estão situados os bairros Areal, Três Vendas e Fragata. Já o bairro Porto fica localizado no nível mais baixo da cidade, o qual é conhecido por região da várzea, um lugar propício a alagamentos, sendo este o local em que se concentra a pesquisa, pois o Quadrado fica no bairro Porto. A seguir, uma imagem de uma instalação de controle a alagamento, localizado no Quadrado, em que uma bomba é responsável por retirar o excesso de água.



Figura 4 - Bomba de drenagem.
Fonte: Acervo da autora, 2018.

Na chamada área nova¹³ do Quadrado, existem casas construídas com palafitas para evitar a entrada da água devido as suas proximidades ao canal São Gonçalo, como mostra a Figura 5 (cinco) a seguir.



Figura 5 - Casas com palafitas.
Fonte: Acervo da autora, 2018.

No que se refere a questões da paisagem do contexto urbano de Pelotas, Vieira (2005) apresenta reflexões sobre os traços que caracterizam o centro urbano do município, evidenciando ser composto por muitos casarões antigos e apresenta, também, o bairro Porto em seu viés histórico, com seus prédios também antigos que antes eram indústrias e, hoje, encontram-se em fase de deterioração. Cabe mencionar que alguns desses prédios foram reformados para o uso da Universidade Federal de Pelotas.

Quanto à urbanização, destaca-se que, além da parte central, tem-se as favelas e periferias, loteamentos clandestinos, nos quais se estabelecem ocupações. É possível notar que, atualmente, lugares na cidade, sem infraestrutura adequada, são considerados moradias, como é o caso de um espaço próximo à rodoviária pelotense, uma vez que:

¹³ Área nova do Quadrado é o nome atribuído pela pesquisadora a uma parte do Quadrado que é separada por um dique de contenção à alagamentos, esta parte é localizada às margens do canal São Gonçalo. Nesse local, houve expansão de moradias mais recentes no processo de ocupação.

Pelotas não foge às regras do crescimento urbano, impostas pelo capitalismo e que se reproduzem em toda parte. A valorização de lotes, forçando as camadas mais pobres da população a se afastarem do centro, como local de moradia, indo localizar-se nas periferias, sem infraestrutura, reproduz um modelo de crescimento em que impera a lógica do mercado de terras urbanas próprias do capitalismo (VIEIRA, 2005, p. 93).

Segundo Vieira (2005), o canal São Gonçalo, o arroio Pelotas e o Santa Bárbara foram responsáveis pelo desenvolvimento comercial da cidade devido à existência de charqueadas presentes no espaço da cidade. Nessas regiões, às margens do canal e arroio, desenvolveu-se a cidade e, com isso, foi ocorrendo o crescimento de sua população. Cabe agregar que Pelotas era considerada muito rica no passado (*Ibid.*, 2005).

Neste sentido, Vieira (2005) destaca também que o desenvolvimento da população foi proveniente da produção de charque - carne salgada -, favorecendo a formação urbana e concentração de casas, hospedagens e comércios. A freguesia criada em 1812 e, em 1835, elevada à categoria de vila, contribuiu para o nome de cidade e, em 1835, recebeu o nome que tem hoje, Pelotas, o qual vem de uma embarcação de couro que se chamava Pelota, a qual servia para travessia e passagem de arroios (*Ibid.*, 2005).

Vieira (2005) traz informações sobre a ocupação do espaço urbano em Pelotas e, dessa forma, apoia-se em estudos de Mário Osório Magalhães (1994) que, em seu livro com o título *Pelotas do Século XIX*, afirma que o espaço urbano se desenvolveu em quatro projetos, ressaltando-se que o primeiro foi resultado da fundação da freguesia, onde traçaram, em 1815, o total de 19 ruas, entre as que ainda se tem, hoje, Almirante Barroso, Marcílio Dias, Bento Gonçalves e General Netto. Já no segundo projeto, percebe-se que, ao sul, a expansão prolongou-se em direção ao canal São Gonçalo com 15 ruas, entre elas, a rua Sete de Setembro até a João Manuel. Ademais, é pertinente mencionar que uma quadra, atualmente, da rua João Manuel, faz parte do local onde foi realizada a pesquisa no Quadrado. O terceiro projeto apresenta uma expansão ao norte, contribuindo com a informação de que, em 1835, Pelotas já tinha 34 ruas, trazendo como destaque as ruas Doutor Amarante e Pinto Martins. Por fim, o quarto projeto procedeu-se no bairro da Várzea, realçando o nome de quatro ruas, entre elas a João Pessoa, que também constitui um espaço de ocupação do Quadrado (*Ibid.*, 2005).

Com relação aos nomes adotados, Vieira (2005) traz como contribuição que as ruas foram designadas com nomes de moradores locais em 1815, como exemplo, Fabiano Pinto e Rua da Indígena. Porém, em 1854, voltou-se para homenagear santos católicos, como São Domingos e Santo Inácio. Em 1869, próximo ao fim da guerra do Paraguai, Pelotas concedeu às ruas nomes relacionados ao civismo brasileiro, batizando-as com nomes, por exemplo, de General Osório, Andrade Neves e, com a consolidação da República, foram atribuídos nomes como Quinze de Novembro, Benjamin Constant e Deodoro da Fonseca. Ainda se tem, na história das ruas, os nomes que surgiram relacionados a aspectos místicos locais, como Antônio dos Anjos e Padre Felício (*Ibid.*, 2005).

Além disso, tem-se o desenvolvimento do charque e outras indústrias que ganharam seu espaço, como a produção fabril de velas, sabão, adubos, com advento da mão de obra escrava utilizada na época. Contudo, com a abolição da escravatura, procederam-se às mudanças no cenário socioeconômico da cidade e, conseqüentemente, na sua urbanização, devido ao fato de que sua estrutura era conservada com a força de mão de obra escrava e, mesmo com as substituições para a de imigrantes, foi ocorrendo a falência da produção de charque e da economia pelotense (*Ibid.*, 2005).

Com o declínio fabril do charque, a cidade adotou outros focos industriais como cervejarias, fábricas de vidro, frigoríficos, etc. Tais indústrias favoreceram a urbanização já que:

As implicações para o espaço urbano são inevitáveis. Embora não existisse um zoneamento rígido, o que pode se observar é que, em geral, as indústrias orientavam sua localização com base nas áreas de maior interesse para a realização de suas funções, sendo determinante o caráter de acessibilidade portuário e ferroviário (VIEIRA, 2005, p. 121).

Essas indústrias localizavam-se no bairro Porto, tornando-o um polo industrial, sendo que, a partir de 1945, ocorreu uma grande expansão populacional. Começava, na cidade, o desenvolvimento de indústrias de setor alimentício como frutíferos e arrozeiros. A cidade foi se distribuindo e organizando em bairros, como o Fragata, depois o desenvolvimento dos bairros Três Vendas, Areal, Santa Terezinha e outros, que contribuíram para o crescimento das periferias.

Esse crescimento foi mudando a paisagem da cidade e, com relação à geometria que a compõe, pode-se dizer que sua planta é um traçado xadrez com

traços perpendiculares, retas paralelas, com ruas largas no contexto urbano, deixando-a com paisagem plana. Contudo, tem-se outras paisagens além daquelas compostas por ruas retas, tais paisagens criadas por pessoas na luta por uma moradia, onde outros espaços foram criados com seus traços culturais, podendo ser ressaltadas as vilas e o lugar a ser pesquisado, o Quadrado. Dessa maneira, é possível a aproximação com o bairro Porto, no qual, atualmente, concentra-se o olhar desta pesquisa, sendo possível notar prédios antigos e alguns em ruínas, compondo a sua paisagem. O bairro tem esse nome adotado pelo Porto de Pelotas, que é situado nesse local.

Neste bairro, encontram-se prédios industriais antigos, como o Frigorífico Anglo, Massas Cotada, Cervejaria Brahma, os quais, nos dias de hoje, estão reformados e utilizados pela UFPel. Além desses lugares, cabe ressaltar, também, o Moinho Pelotense, Gasômetro e Fábrica de Tecidos, prédios que denotam a importância do bairro antigamente com relação ao meio industrial. Em meio a isso, observam-se os trilhos de trem, que trazem a história de um bairro que antes tinha um movimento de importância para a cidade.

Ao serem observadas, as ruas Benjamin Constant e a Conde Porto Alegre, verifica-se serem ruas largas que trazem retratos do passado e, neste aspecto, Vieira (2005) aproxima-se do Quadrado quando menciona sobre as ruas e destaca que, no decorrer do Porto, expandem-se periferias, onde casas foram construídas dentro do banhado.

É conveniente considerar recortes da história de ocupação da cidade, nomes das ruas, urbanização e a construção histórica pelo meio da qual as mulheres estão envolvidas no espaço urbano, com segregações, além de desenvolvimento desigual, devido ao crescimento urbano.

Nesse cenário espacial descrito anteriormente, nota-se que um espaço dentro da cidade de Pelotas, no bairro Porto, foi se constituindo no espaço da Vila das Doquinhas. Nesse contexto da várzea, a qual apresenta área baixa e propícia a inundações, as áreas foram sendo ocupadas e habitadas nas proximidades do canal São Gonçalo.

Com isso, tem-se o Quadrado, um espaço que é constituído por quatro quadras, as ruas Alberto Rosa, Alberto Rosa travessa um, Bento Martins e João Manuel. Além dessas ruas definidas, tem-se a João Pessoa que compõe a

expansão de moradias e ocupações. Cabe ressaltar que o nome Quadrado foi socialmente construído pelos moradores e pessoas que ali frequentam, não se trata exatamente de um formato quadrado conhecido pela geometria.

Ao investigar a história de ocupação desse local, pode-se inferir que é um espaço produzido socialmente por seus habitantes. Essa produção decorre de uma ocupação, que, segundo relatos de alguns moradores, procedeu-se a, aproximadamente, 80 anos.

A partir do exposto, a expansão de moradias na cidade de Pelotas, em especial na região portuária, ocorreu devido à demanda de empresas existentes naquele período, que proporcionavam muitos trabalhos na cidade e promoveram o aumento da população naquela região, antigamente com espaços desabitados, e foram estabelecendo ocupações, para que os indivíduos ficassem próximos às fábricas. Com relação ao Quadrado, nada pode se concluir, apenas procedências de relatos sobre um lugar propício para a pesca e para a colheita de palhas de santa fé, que promoveram o crescimento de ocupações no local. Contudo, por meio das narrativas das mulheres, será possível conhecer como essas pessoas lembram a ocupação. Assim, segue a seção que trata da apresentação do Quadrado e das participantes da pesquisa.

3.2 Conhecendo o Quadrado e as participantes da pesquisa

O local onde se procedeu à investigação, o Quadrado, é uma pequena comunidade antigamente conhecida por “Vila das Doquinhas”, habitado por pescadores que foram constituindo suas moradias ao redor do Cais, que servia como um antigo atracadouro de pequenas embarcações da área portuária da cidade de Pelotas.

O nome atual foi intitulado pela comunidade de moradores e pessoas que frequentam a região. O local denominado Quadrado não é um quadrado na Matemática Escolar como visto na geometria conhecida pelos cidadãos, mas um ambiente que possui um formato mais próximo a um trapézio. O espaço antigamente servia ao Porto de Pelotas, com a função de um atracadouro e sua localização fica às margens do Canal São Gonçalo, sendo conhecido, também, como Cais do Porto, Doca Fluvial, Doquinhas e Cais do Quadrado.

Conforme Bandeira (2014, p. 104), em sua dissertação sobre a zona Portuária: “A antiga doca fluvial, por exemplo, que servira como estacionamento para pequenas embarcações - popularmente conhecido como Quadrado - passou a ser apreciada pela comunidade como um espaço de lazer ao ar livre”. Assim, realça-se a utilização do local atualmente, como sendo um espaço de lazer, com uma visão privilegiada.

Pode-se observar, na imagem a seguir, retirada do Google Maps, o Cais do Quadrado, onde, ao redor desse cais, foram se estabelecendo ocupações de moradias, que, segundo relatos de moradoras, iniciou-se com alguns pescadores que, por atracarem seus barcos no cais, foram construindo chalés (casas de madeira), para ficarem próximos das docas.

Também há relatos de que os moradores foram se estabelecendo devido à grande oferta de emprego que existia na zona portuária antigamente, e a proximidade desse local sem moradias, desabitado, composto por banhado e planta espadana.



Figura 6 - Cais do Quadrado e casas dos moradores ao redor.
Fonte: Google Maps, 2018.

A imagem apresentada pela Figura 6 (seis) está numerada de 1 a 5, na qual o número 1 corresponde à rua Alberto Rosa travessa um, o número 2 à Alberto Rosa, o 3 à João Manuel, o 4 à Bento Martins e o 5 à João Pessoa. A quadra formada pelas ruas 1, 2, 3 e 4 foi onde se iniciou as primeiras moradias, já as margens do São Gonçalo e a rua 5 tiveram seu crescimento populacional posteriormente, salientando-se que, nessa área, existe um aglomerado de casas e estradas estreitas para a passagem de moradores.

Para compor detalhes sobre o Quadrado, realizou-se uma busca de documentos e trabalhos realizados com o local, a procura de registros sobre esse lugar. Essa busca iniciou-se em documentos sobre o Porto de Pelotas e sobre o Quadrado, na biblioteca Municipal Pelotense e, também, nas bibliotecas da UFPel, no entanto não foram encontrados muitos documentos, apenas um livro sobre o funcionamento do Porto, na biblioteca Municipal, e pesquisas nas bibliotecas da UFPel descritas a seguir. Neste sentido, pode-se afirmar que, pelas observações iniciais, as narrativas das mulheres terão muito a contribuir, visto a falta de documentos presentes sobre a ocupação do local.

A seguir, tem-se destaques de algumas anotações que podem ter influenciado a construção da comunidade, essas contribuições são decorrentes de pesquisas realizadas sobre o bairro Porto, onde se localiza o Quadrado.

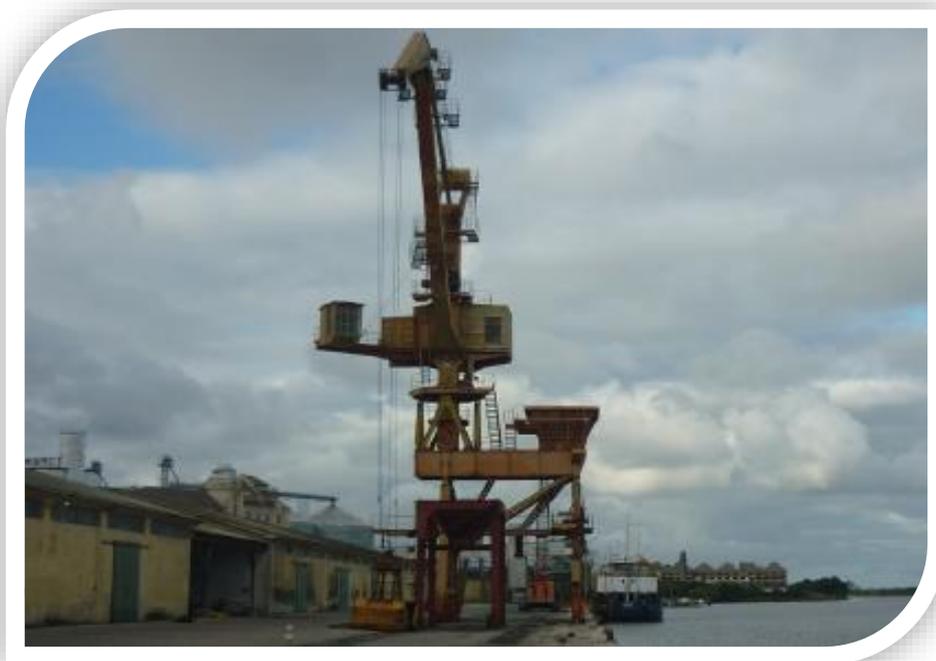


Figura 7 - Instalações portuárias.
Fonte: Plano mestre, 2013.

Na Figura 7 (sete), há a exposição de uma parte das instalações portuárias e, conforme o exposto no plano mestre - Porto de Pelotas (2013), é possível verificar que a área ocupada por moradias está localizada ao redor do cais que pertence às instalações portuárias. Nesse plano, é mencionado que o Cais Comercial e Doca (Quadrado) são duas partes que constituem o porto público, onde se atribuem essas características da projeção de sua funcionalidade. Na figura 6 (seis), mostrada anteriormente, tem-se essa representação do cais que faz parte das instalações portuárias. Dessa maneira, destaca-se que

A Doca, por sua vez, consiste de uma dársena com extensão interna de cais de aproximadamente 400 metros e externa de pouco mais de 80 metros. É utilizada apenas para atracções de embarcações de recreação. Suas dimensões e profundidade dificultam a atracção das embarcações de carga (PLANO MESTRE, 2013, p. 2).

A partir da inspiração etnográfica, foi possível inferir que, pelo fato de o Porto não utilizar muito o local, vinculou-se ao uso dos moradores e a um lugar recreativo, servindo para pescadores. As instalações portuárias, conforme o Plano Mestre

(2013), localizam-se à margem esquerda do Canal São Gonçalo, que permite a conexão à Lagoa Mirim e à Laguna dos Patos.

Através de leituras bibliográficas, tenta-se compreender os motivos que levaram as moradias no local. A dissertação, “De operário a universitário: transformações na paisagem do bairro Porto em pelotas”, de Al-Alam (2011), contribui, junto ao contexto histórico mencionado na seção “Ocupação de um espaço”, para mostrar a valorização industrial que esse bairro possuía, onde hoje se tem instalações de prédios da UFPel.

Além disso, a dissertação traz a informação sobre a revitalização do Quadrado, que beneficiou a comunidade da zona do Porto. Tal proposta era vinculada à Coordenadoria de Patrimônio Cultural, da Secretaria Municipal de Cultura e da Prefeitura Municipal de Pelotas, que se propôs a olhar para os moradores do Quadrado.

O trecho a seguir extraído da dissertação de Al-Alam (2011) retrata a imersão e discussões sobre as Doquinhas, em meio ao Porto.

Finalmente uma proposta fora praticada, mas em parte, a saber: “realocar a população situada em área de risco em frente às Doquinhas; qualificar este espaço para atividades culturais e de lazer”. Em relação a área de risco “Doquinhas” a população não foi realocada, muito pelo contrário a população aumentou e também a sua ocupação, na verdade a gestão pública melhorou a estrutura urbana de saneamento, luz e acessibilidade, mas não discutiu a mudança habitacional. Já a qualificação do espaço para atividades culturais e de lazer fora realizado, um projeto qualificou todo o entorno das docas, incluindo barreiras de proteção nas margens, bancos para os pescadores e ainda um pequeno playground e um campinho de futebol com cerca fora instalado aumentando os espaços de lazer na região (AL-ALAM, 2011, p. 123).

Al-Alam (2011) infere, ainda, que a população foi receptiva às mudanças, sendo acolhedora a um local de ponto turístico, no qual há uma circulação intensa de pessoas visitantes.

É notável a aceitação por parte de toda a população pelotense deste local, tanto que aos fins de semana é um dos locais mais disputados entre a população do município chegando a ter uma circulação diária de 2000 pessoas, e ainda com a presença de feiras de artesanato e festivais e apresentações culturais de todos os tipos na área de lazer “Doquinhas” (AL-ALAM, 2011, p. 123).

O Cais tornou-se um espaço de lazer, contudo tem-se as moradias ao seu redor (local que foi sendo ocupado com o tempo). Além de observar as moradias atuais (casas de madeira e alvenaria), pode-se notar que, nas áreas de expansão ocupadas, ocorre o predomínio de poucas estruturas de saneamento e um aglomerado de casas.

O local é composto por residências, nas quais se nota que as que são próximas ao cais, em sua maioria, são de alvenaria, além disso há uma outra área que é separada por um dique de contenção a alagamentos, onde o predomínio das casas é de madeira e também foram construídas com uma certa altura para evitar que, em períodos de alagamento, a água entre nas residências. Nesse mesmo lado, tem-se um antigo Clube, atualmente desativado, “Clube Náutico Gaúcho”.

É possível notar, nos fundos dos pátios das residências próximas ao cais, a predominância de banhado e planta espadana, como foi dito nos primeiros contatos, e também se vê que as ruas não possuem calçamento, somente a rua Alberto Rosa possui um fino asfalto esburacado, visto na etapa inicial da pesquisa (em 2019, mudou esse cenário) e a rua Alberto Rosa travessa um é composta por alguns paralelepípedos desgastados.

Com isso, ao trabalhar uma pesquisa com foco em um local e grupo específico em um ambiente urbano da cidade de Pelotas, faz-se relevante também trazer pesquisas que já foram realizadas com moradores do Quadrado, sendo essas coletadas na Biblioteca da UFPel. Santos (2001), em sua produção “Levantamento sócio-ambiental da vila das Doquinhas”, focou em um levantamento ambiental com os moradores da “Vila das Doquinhas”, como era chamado o local naquele momento, hoje Quadrado. Na pesquisa de cunho qualitativo, foram feitas entrevistas com moradores.

O seu trabalho foi relevante para conhecer algumas informações sobre o local, pela perspectiva do pesquisador, já que, no decorrer de sua escrita, foi possível notar que o Quadrado é um local onde há exclusões sociais, seus destaques fortalecem-se na exposição de imagens sobre rede de esgoto, o banhado nos fundos dos pátios e a infraestrutura das casas. A pesquisa, realizada no ano de 2001, ainda hoje é atual, pois o ambiente encontra-se com forma similar a apresentada por Santos (2001), porém com uma expansão maior de ocupações de moradias.

Outra produção monográfica encontrada que enfoca os moradores da Vila das Doquinhas foi a de Falcão (2002) com o título “O Processo de Urbanização e Industrialização e sua relação com os problemas Sócio-Ambientais Urbanos: Um estudo da Vila das Doquinhas no Município de Pelotas/RS”. O trabalho trata do processo de urbanização da vila, além dos problemas ambientais. A produção contribuiu para que fosse possível conhecer a contextualização histórico- espacial da vila, como pertencente à várzea do canal São Gonçalo, sendo uma região baixa da cidade. Além disso, existem informativos sobre a delimitação da vila que decorre das ruas que foram observadas, porém, ainda naquele ano, não havia a expansão que se observa hoje, uma área nova de ocupação (existente do outro lado do dique), cuja narrativa será contada por uma moradora do local.

Outra contribuição foi a de que existe uma escassez de dados a respeito da história do lugar junto a órgãos municipais, o que instiga, ainda mais, a contar a perspectiva das mulheres sobre a ocupação, além de descrever os jogos de linguagem presentes nas narrativas.

Pensar sobre a ocupação de um espaço possibilita conhecer, também, produções realizadas no local, ou próximas a ele, que retratem essa temática. Embora o foco da pesquisa não se detenha à ocupação, é interessante dar destaque a pesquisas realizadas nas proximidades do bairro Porto que abordam o assunto envolvendo processos de ocupação. No acervo da UFPel, foram encontradas duas dissertações que envolvem esses aspectos.

As dissertações de Jansen (2015), “O desenvolvimento Sócio-espacial no loteamento Ceval- Pelotas/RS”, e de Vara (2009), “Estratégias da população de baixa renda na produção do espaço urbano: o caso do Loteamento Ceval em Pelotas - RS”, trabalharam com o loteamento Ceval, um local situado próximo do Quadrado. De forma geral, suas contribuições decorreram sobre explicar que uma ocupação ocorre em espaços públicos ou privados, que ficam de forma ociosa em espaços urbanos e que sua ociosidade acarreta a ocupação por pessoas pobres, sem moradia, as quais procuram um terreno para constituir suas casas. Ambas produções envolveram um contexto social e utilizaram a metodologia qualitativa, com entrevistas, evidenciando as resistências dos moradores para melhorar a infraestrutura de suas moradias.

Dentro desse cenário de investigação, chega-se às participantes da pesquisa que são quatro mulheres de gerações diferentes, moradoras do Quadrado, localizado no bairro Porto da cidade de Pelotas-RS. A escolha dessas mulheres para participarem da pesquisa decorreu dos momentos descritos a seguir.

No primeiro momento, realizaram-se observações no local, sendo que elas foram escritas no diário de campo e, também, fez-se um levantamento sobre as atividades laborais que as mulheres desempenhavam, visto que a intenção inicial do projeto poderia ser uma pesquisa voltada para as atividades laborais das mulheres. Essa etapa ocorreu em algumas caminhadas e conversas, através das quais foi informada às moradoras a intenção de realizar-se uma pesquisa com mulheres no local. Após o levantamento com 50 mulheres, verificou-se que a maioria realizava trabalho de empregada doméstica, diarista e, também, existiam artesãs, donas do lar e aposentadas.

Depois desse levantamento, a proposta foi se modificando e, para esta pesquisa, o foco deteve-se não em questões de suas atividades profissionais, mas, em como elas organizaram-se socialmente no local de moradia, buscando suas narrativas sobre a ocupação do local. Em consequência disso, ocorreu um distanciamento, pois seria inviável trabalhar com 50 mulheres, visto que a pesquisa é de cunho qualitativo, além de ser perceptível que uma pesquisa ser trabalhada com enfoque em como se procedeu à organização dessas mulheres no local e suas histórias de ocupação pode-se tornar algo precioso não só no âmbito da Etnomatemática, mas também resgatar, por meio das narrativas, as perspectivas sobre o processo de ocupação do local.

Assim sendo, após os primeiros contatos, foram escolhidas algumas mulheres. A escolha foi mediante os lugares de ocupação que elas realizaram ao longo de suas moradias no local, pois o Quadrado teve expansão de moradores. Neste sentido, conhecer as narrativas das mulheres é de grande relevância à pesquisadora, uma vez que conhecerá outros olhares sobre a ocupação do local, visto que morou nele durante muitos anos, afastando-se de sua moradia a pouquíssimo tempo.

Já com relação à ocupação, tem-se que o primeiro loteamento (pelos primeiros relatos obtidos junto às mulheres) iniciou-se na rua Alberto Rosa e na rua

Alberto Rosa travessa um, depois, expandiu-se para as ruas Bento Martins e, por fim, João Manuel e João Pessoa.

No contexto do Quadrado, foram convidadas a participar da pesquisa mulheres moradoras de três áreas de ocupação, nas seguintes localizações: área inicial (Wilma, 85 anos); área intermediária (Ana Maria, 50 anos); área lateral (Gilda Maria, 63 anos) e área nova (Ladi Cristine, 35 anos). Tais áreas são subdivisões realizadas para esclarecer o contexto de ocupações das moradias e dos lugares que foram habitados no decorrer dos anos. Cabe destacar que todas mencionaram que queriam que seus nomes fossem colocados na pesquisa, sendo assim, os nomes próprios das participantes foram utilizados.

Conforme o exposto anteriormente, os trabalhos laborais das mulheres eram para atender suas necessidades de sobrevivência e relacionavam-se, a maioria, a trabalhos domésticos. Os primeiros contatos com as mulheres despertaram interesse em conhecer a origem do nome do local e as transformações ocorridas ao longo dos anos no ambiente.

A ideia da pesquisa foi baseada em trabalhar com quatro gerações diferentes e, além disso, ter uma representante de cada área ocupada, contudo, ao iniciar as entrevistas, uma moradora não permitiu que a gravação ocorresse, fazendo com que houvesse uma reformulação. Assim, foi decidido fazer o trabalho com outra moradora com uma geração próxima a da que não permitiu e, também, respeitando a escolha por área ocupada, compondo, dessa forma, o quadro das quatro moradoras.

Salienta-se que, em todo o processo de investigação, tomaram-se todos os cuidados éticos, de modo que todo o material para publicação passou pela aprovação das participantes, desde a etapa inicial, em que elas assinaram o termo de consentimento para a realização da pesquisa, até a final, na qual leram o material e autorizaram o uso das narrativas.

Convém pensar o porquê de trabalhar com mulheres e qual o papel delas, suas resistências, conflitos em meio a seu campo social e a Educação Matemática? Cabe refletir, ainda, no(s) usos matemático(s) presente(s) na forma de vida das participantes da pesquisa e em suas perspectivas sobre a ocupação. Dessa forma, a partir desse cenário, opta-se por pesquisar somente mulheres para verificar a

representatividade delas para o local e ampliar o seu espaço de visibilidade no campo da Educação Matemática.

Vale considerar que ainda existem muitas resistências e lutas que decorrem de um processo histórico sobre questões de gênero, as quais não serão discutidas aqui. Contudo, dar visibilidade às mulheres, além de ter escritos voltados a elas usando suas narrativas, é uma forma de mostrar sua importância na sociedade e, no caso deste projeto, a importância social que as mulheres do Quadrado possuem.

Olhar para as narrativas das mulheres e mostrar seus jogos de linguagem presentes em saberes de suas vivências é uma forma de dar-lhes voz, mesmo que seja a um grupo específico. Na seção seguinte, são traçados os percursos metodológicos utilizados neste estudo.

3.3 Caminhos metodológicos

Opta-se, neste trabalho, tendo em vista o quadro teórico, pela perspectiva pós-crítica, a qual se movimenta de várias maneiras, afastando-se de uma formalidade rígida.

Afastamos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximando-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder as interrogações. Movimentamo-nos para impedir a “paralisia” das informações que produzimos e que precisamos descrever-analisar (MEYER; PARAÍSO, 2012 p. 16-17).

Assim, partindo dessa ideia, propõe-se o caminho metodológico flexível, construído ao longo do percurso da investigação, no qual o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática, sendo de cunho qualitativo.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de

pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (GERHART; SILVEIRA, 2009, p. 31).

Assim sendo, a pesquisa realizada com o grupo de mulheres utiliza essa abordagem para compreender o grupo na sua forma de vida. Sendo uma pesquisa de caráter exploratório e para a coleta de dados, baseou-se no método de inspiração etnográfica. Esse método permite uma interação com foco no processo desenvolvido, que acaba por valorizar a experiência do grupo pesquisado.

A pesquisa etnográfica pode ser entendida como o estudo de um grupo ou povo. As características específicas da pesquisa etnográfica são: o uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos; a interação entre pesquisador e objeto pesquisado; a flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa; a ênfase no processo, e não nos resultados finais; a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; a não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado; a variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até de anos; a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório (GERHART; SILVEIRA, 2009, p. 41).

A inspiração etnográfica foi realizada com o objetivo de conhecer o Quadrado, permitindo fazer a pesquisa de campo e aproximações com as participantes. Para investigar melhor o contexto de pesquisa, julgou-se necessário aprofundar leituras de trabalhos existentes sobre o local, além de conhecer detalhes do local pesquisado, onde vivem as mulheres, através de observações de suas rotinas diárias, detalhes sobre como procedeu-se à ocupação desse espaço e as vivências das moradoras. Desse modo, houve uma imersão, por parte da pesquisadora, no campo, observando atentamente, durante o tempo de pesquisa, detalhes sobre o lugar e suas modificações, a rotina das mulheres dentro do Quadrado, além dos encontros para coletar suas narrativas.

O contato constante no campo comportou a realização de um estudo detalhado, possibilitando a flexibilidade e criatividade na investigação, viabilizando uma observação participante para melhor explorar o objeto (comunidade-sujeitos) e suas perspectivas sobre as experiências vividas.

Klein e Damico (2012) trazem contribuições sobre a importância em reconhecer a presença do “eu” na história, quando remete a uma pesquisa com entrevistas, coletas de narrativas. Tal importância tem a ver com a própria reflexão do pesquisador com relação a seus sentimentos e motivações. Os autores salientam

a valorização das memórias e dão ênfase aos sujeitos pesquisados, utilizando ferramentas de auxílio tais como fotografias. Nesta pesquisa, os instrumentos utilizados para a realização da coleta de dados foram: observação participante; diário de campo; fotografias e entrevistas narrativas.

Neste sentido, a observação foi fundamental para o processo de investigação, pois o olhar necessitava imersão no campo. Apesar de conhecer-se o local, conviver com as pessoas moradoras neste momento de pesquisa foi fundamental para proporcionar a observação necessária e o foco direcionador para o objetivo da pesquisa, indo ao encontro do pensamento de Klein e Damico (2012 p. 72), os quais enfatizam que “[...] entrar no campo significa deixar-nos envolver por ele, uma vez que o que ali acontece não está pronto, tampouco é algo a *priori*”. As observações foram realizadas em todas as etapas da pesquisa, em que cada detalhe foi escrito no diário de campo sobre o ambiente onde moram as mulheres, suas casas, calçamento das ruas ou não, atividades laborais desse grupo, atividades realizadas no local, dentre outras.

Os registros no diário de campo foram um instrumento de coleta importante para organizar os passos futuros da pesquisa, concordando-se com os autores que é um “[...] importante instrumento de registro, a fim de configurar a nossa forma (particular) de conhecer e ocupar os espaços de trabalho e pesquisa” (KLEIN; DAMICO, 2012, p. 75). Aliado às observações e aos registros, outro instrumento foi fazer fotografias do local, servindo como forma de conhecer partes marcantes do contexto pesquisado, como algumas instalações presentes no Quadrado, além de dar visibilidade ao local.

As entrevistas desenvolvidas com base na perspectiva pós-estruturalista valorizam as histórias de vida, a linguagem, as experiências, as emoções, o que compõe a verdade daqueles sujeitos, ou seja, os seus jogos de linguagem, considerando a narrativa como um conjunto de observações locais da vida das mulheres. Assim: “Essa perspectiva exige, enfim, que se dê conta de uma exploração minuciosa dos textos das narrativas, buscando visibilizar as coisas ditas e as não ditas, mas que se encontram implícitas em tais narrativas” (ANDRADE, 2012, p. 179).

Conforme Andrade (2012), trabalhar com entrevistas dentro de uma perspectiva etnográfica não é uma novidade, contudo detém o olhar em especial à

entrevista narrativa, “[...] compreendendo-a como narrativa de si; é a compreensão de que cada pesquisador/a, na relação com o/a outro/a, ressignifica o fazer metodológico em sua trajetória pessoal de investigação” (ANDRADE, 2012, p. 174). Além da leitura das narrativas, decorre a interpretação de cada sujeito.

[...] o ser humano é um ser que interpreta e, para esta autointerpretação, utiliza fundamentalmente formas narrativas. No entanto, alerta o autor, tanto a construção como o significado de um texto é indispensável fora de suas relações com outros textos (BONDÍA, 2004, p. 12 *apud* ANDRADE, 2012, p. 179).

Ao ouvir e transcrever as narrativas, acontece um processo de interpretação, com isso, considera-se a autointerpretação de quem fala e de quem ouve, que compõe o jogo interpretativo das entrevistas narrativas. Neste sentido: “As entrevistas não permitem dizer *uma* ou a *verdade* sobre as coisas e os fatos [...] somadas a outras, traz informações fundamentais acerca do vivido [...]” (ANDRADE, 2012, p. 175, grifos do autor).

Aqui propõe-se, através das narrativas, investigar as vivências das mulheres, e a conversa realizada teve como base o roteiro apresentado no apêndice 2 (dois). Esse roteiro foi utilizado no primeiro encontro com elas e, após as transcrições e leituras atentas, identificaram-se algumas ideias que poderiam ser mais exploradas, sendo realizado um novo encontro, complementando, assim, as narrativas das mulheres. Todo material coletado nas entrevistas foi gravado e depois transcrito. Ambos os encontros foram realizados com cada moradora, totalizando oito encontros. A seguir, detalhes sobre como cada conversa desenvolveu-se, e, na sequência, como os dados foram analisados.

Antes da realização dos encontros, para o processo de gravação de áudio, foi explicado sobre o que tratava a pesquisa e a entrevista, sendo solicitada a permissão das participantes através do termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice 1) para ser possível iniciar as entrevistas. Todas as mulheres assinaram o termo e concordaram em participar da pesquisa de forma voluntária.

Encontro 1: os encontros realizados com cada moradora iniciaram com uma conversa, sem o auxílio da gravação de áudio no primeiro instante, para tornar o encontro mais tranquilo, visto que a entrevista era individual e ocorreu nos domicílios de cada moradora. Para algumas das participantes, houve um incômodo, por ser a

primeira vez que estavam relatando suas vivências sobre o tema ocupação. Contudo, no decorrer da conversa, foi possível entrar no roteiro e, com o consentimento delas, iniciar a entrevista e a gravação. Foi notável que, após o término do primeiro encontro, que, em média, durou uma hora e meia com cada moradora, alguns pontos poderiam ser mais explorados para a investigação e as próprias mulheres queriam mostrar mais sobre as histórias que tinham para contar. Com isso, foi agendado um novo encontro com cada moradora, que não obedeceu o roteiro, mas palavras-chave tais como: rua, energia elétrica, saneamento, enchentes, dentre outras que foram exploradas no encontro anterior, através de perguntas como: *conte mais sobre a criação da sua rua?*

Encontro 2: este encontro foi realizado também com o auxílio de gravação de áudio, além disso, visualizações de fotos disponibilizadas pelas entrevistadas no percurso da conversa e observação atenta de cada palavra, gestos, movimento e silêncio das participantes. O segundo encontro também foi realizado de forma individual e não foi limitado às palavras-chave que foram selecionadas individualmente para cada moradora, mas foi ampliado a assuntos que foram surgindo referentes a ideias que por base traziam informações relevantes à pesquisa. Por fim, tudo foi transcrito e o material coletado foi devolvido para as mulheres para que realizassem a leitura, revisando o que haviam narrado e autorizassem o uso das entrevistas por meio do termo de autorização de publicação, o qual foi assinado, autorizando o uso.

As narrativas das mulheres produziram discursos, que emergiram de seus jogos de linguagem, mostrando as formas como foram e são subjetivadas.

A subjetividade é, portanto, processo de produção: o eu está, em constante transformação, e o homem se constitui pela ação das circunstâncias, pelo encontro com a alteridade, pela forma como ele vivencia as experiências na relação com o outro (IBRAHIM; VILHENA, 2014 p. 122).

Elas dizem certas coisas, de uma certa forma, falam o que falam, e porque falam. Isso tem a ver com suas vivências, com suas formas de vida. As narrativas, obra das entrevistas, e os demais materiais coletados foram analisados, considerando como ferramenta analítica o conceito de *contraconduta*, tratado nos estudos de Foucault (2008) em seu curso “Segurança, território, população”, ministrado entre 1977-1978. Também conceitos de jogos de linguagem, usos,

semelhanças de família e formas de vida de Wittgenstein em sua obra de maturidade foram referência para as análises.

A articulação entre esses dois teóricos e as leituras na perspectiva etnomatemática adotada neste estudo permitem identificar e analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado quando narram as suas vivências durante a ocupação. Neste sentido, apresenta-se, também, o discurso que é definido por Foucault (2008a, p. 55) como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. As narrativas das mulheres constituem a história de ocupação do local e, nesse processo, destacam-se as suas práticas discursivas, pois dão vida e estão implicadas na produção das suas identidades. A partir disso, entende-se prática discursiva como

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008a, p. 133).

Dessa maneira, considerando que o discurso produz as coisas que são faladas, esse ato das falas das mulheres é a produção de seu modo de vida, as maneiras de significar o seu mundo, suas práticas discursivas e suas histórias. Portanto:

Ao analisar um discurso - mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual -, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p. 207).

Conforme Foucault (2008a), os discursos constituem os sujeitos, assim, muitas vezes, os seus ditos acabam por serem socialmente construídos, formando e produzindo ações subjetivas. Com isso, um grupo de mulheres, em seu uso cotidiano das palavras, constitui seus próprios jogos, seus jogos de linguagem.

Estamos falando do sujeito que afeta e é afetado pelo seu meio, o sujeito que se modifica e que se reinventa a cada contingência de seu processo histórico, o sujeito constituído nas e pelas práticas sociais, situado e contextualizado culturalmente, agindo por razões e intenções, e não por causas. Estamos nos referindo à visão antropológica de sujeito, da qual compartilhamos (IBRAHIM; VILHENA, 2014 p.121).

Logo, partindo das teorizações pós-estruturalistas, iniciou-se o processo de análise dos materiais coletados pelas observações, diário de campo, fotografias e entrevistas, os quais foram organizados, de acordo com Meyer e Paraíso (2012), com procedimentos ou estratégias descritivo-analíticas. Apresenta-se, a seguir, de maneira sintetizada, a forma que foi articulada a análise nesta pesquisa.

Conforme Paraíso (2012), tem-se alguns trajetos que conduzem essa análise tais como:

1. Articular e “bricolar”: articulação dos saberes e teorias, não utilizando um método específico, mas articulações teóricas.
2. Ler: leituras minuciosas, demoradas, para trabalhar com as ferramentas e os conceitos, separando ideias que satisfaçam ao objetivo da pesquisa.
3. Montar; desmontar e remontar o já dito: conhecer, mapear, separar e construir, identificando significados do objeto investigado (as narrativas), ressignificando e remontando.
4. Compor, decompor e recompor: mergulhar no pensamento escolhido e, assim, operar com as ferramentas teóricas.
5. Perguntar, interrogar: analisar, perguntando-se como isso funciona? o que fazer com isso? que modos de subjetivação funcionam nesse discurso?, dentre outros questionamentos.
6. Descrever: de forma detalhada, mostrando outros sentidos, outras linguagens, outras práticas.
7. Analisar as relações de poder: de forma descritiva, com o conceito adotado inspirado na genealogia de Foucault “[...] oferecem tanto modos específicos de interrogar como estratégias para descrever e analisar” (PARAÍSO, 2012, p. 25).
8. Multiplicar: multiplicando os significados do que foi lido, mostrando possibilidades não fixas, mostrando outros olhares.
9. Poetizar: produzir, inventar onde as referências se fazem necessárias para articular e montar mosaicos.
10. Estar à espreita: ficar alerta às inspirações.

Segundo Paraíso (2012, p. 32): “Ao construirmos nossas metodologias traçamos, nós mesmos/as, nossa trajetória de pesquisa [...] definimos nossos

procedimentos, articulamos teorias e conceitos [...]”. Partindo disso, realizaram-se leituras minuciosas do material coletado, investigando, nas narrativas, os jogos de linguagem utilizados pelas mulheres nas práticas de suas vivências, identificando, descrevendo e analisando esses jogos. Nesse contexto, optou-se por selecionar narrativas de cada moradora, porém, essa separação totalizou um número alto de fragmentos a serem analisados, sendo necessário realizar um filtro para que o trabalho não ficasse muito extenso.

Neste sentido, as estratégias descritivo-analíticas permitem articular teorias e procedimentos para alcançar a resposta à questão de pesquisa. No esquema a seguir, apresenta-se a articulação realizada na análise descritivo-analítica.

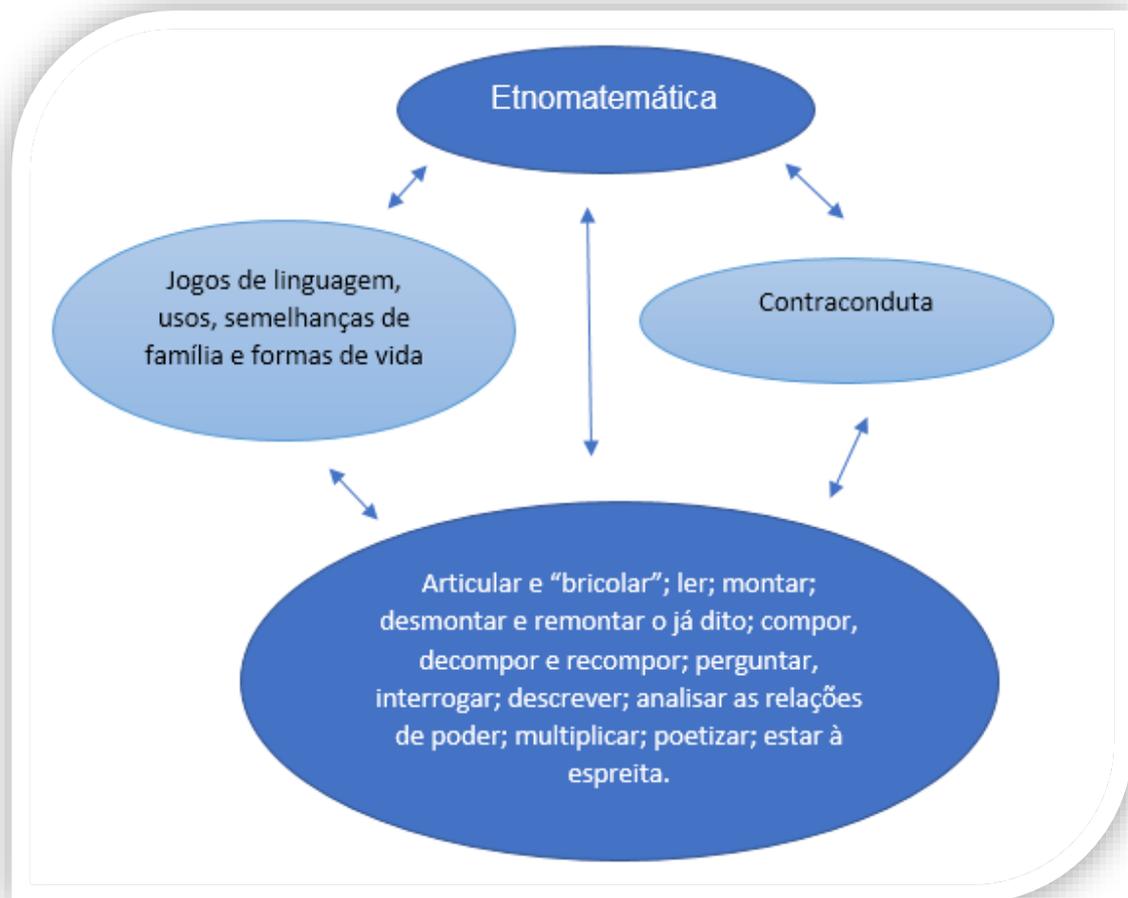


Figura 8 - Estratégias descritivo-analíticas.
Fonte: a autora.

Realizou-se um processo de análise a partir de estudos de Paraíso (2012), quando procedeu-se à leitura geral dos fragmentos escolhidos, buscou-se, para esta

pesquisa, identificar os jogos de linguagem que constituíram o processo de ocupação e suas vivências, no qual os dados foram desmontados, olhados individualmente, a fim de verificar se alcançam os objetivos propostos.

Os materiais foram organizados em grupos que emergiram após o processo descritivo-analítico e serão apresentados no próximo capítulo.

4 ATRACADOURO

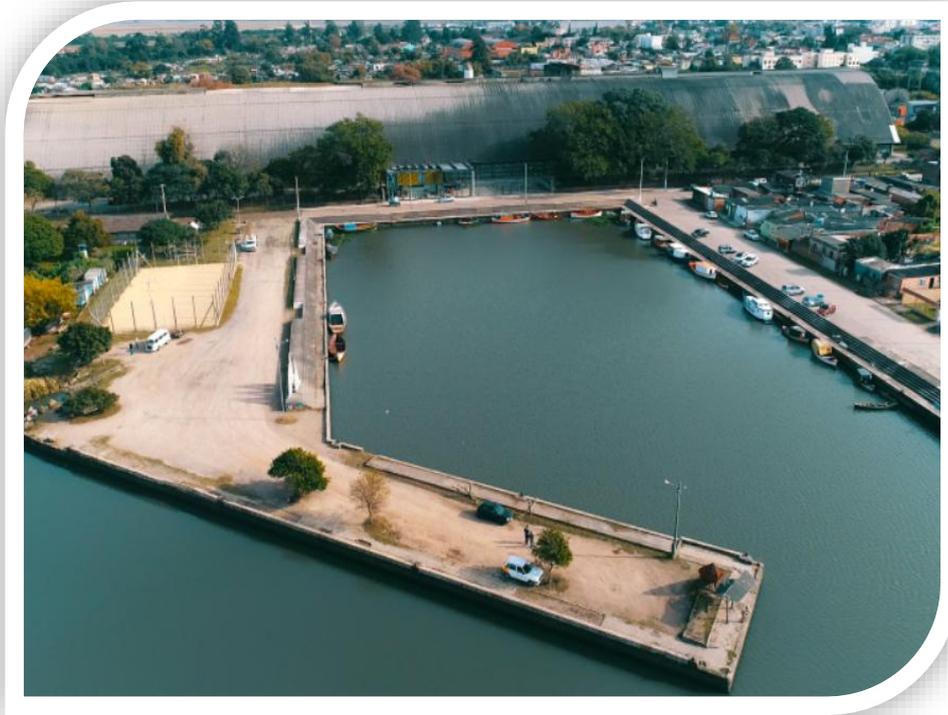


Figura 9 - Revitalização do Quadrado.
Fonte: Igor Sobral, 2019.

Atracadouro é uma estrutura utilizada para amarrar barcos e localiza-se no Cais do Quadrado. Emprega-se essa metáfora para expor um espaço característico ainda utilizado no local e, além disso, salientar este capítulo de análise que se propõe a uma amarração da teoria aos dados coletados durante a investigação - narrativas que advêm das práticas vivenciadas na forma de vida do grupo de mulheres.

Ressalta-se que a interpretação e a análise dos jogos de linguagem provêm também de uma ex-moradora que frequenta constantemente o local devido a vínculos de parentescos. Como afirma Pais (2012, p. 36): “É uma questão de higiene social ser cuidadoso quando impomos nosso olhar sobre outros”, sendo assim, ao analisar os jogos de linguagem, prevalece uma interpretação proveniente de um olhar acadêmico e também de um olhar de pertencimento ao local.

Para a escrita das análises, optou-se por uma linha temporal que vai desde o início da ocupação até os dias atuais, articulando a teoria e dialogando com os excertos.

Os materiais analisados foram organizados em grupos recorrentes, por meio dos significados, semelhanças que emergiram das leituras minuciosas após o processo descritivo-analítico. Os grupos constituem-se pelas seções seguintes e seus títulos são algumas frases retiradas das narrativas das moradoras que, por serem pronunciadas diversas vezes, chamaram a atenção da pesquisadora, merecendo destaque para introduzir a análise. Sendo elas: Ocupar: *era tudo um banhado*; Construir: *a gente aumentou*; Habitar: *hoje é um ponto turístico*.

4.1 Ocupar: era tudo um banhado

O Quadrado foi um local construído por seus moradores e, como mencionam alguns ocupantes antigos, era um lugar não habitado, constituído de espadana¹⁴ e banhado. Sua ocupação não foi realizada de maneira rápida, houve um processo de luta e organização de seus ocupantes; luta no sentido de buscar junto à prefeitura da cidade melhores condições de infraestrutura e saneamento básico. Já a organização ocorreu por meio de estratégias utilizadas em suas vivências para manterem-se no local.

Nesse cenário, quatro mulheres de gerações diferentes, Wilma (1935), Gilda Maria (1956), Ana Maria (1969) e Ladi Cristine (1985) narraram, no ano de 2019, como foi a ocupação do Quadrado através de suas vivências no local, que se iniciou com o ato de aterrar o espaço de sua moradia.

*¹⁵[...] A gente teve que aterrar para fazer um chalezinho em cima, um chalezinho, aquele chalezinho era quarto, era cozinha, tudo era uma coisa só, porque não tinha condições na época né, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, era o banhado. E foi aterrar até com cinzas que saía do engenho, saía cinza e eles despejavam o caminhão para gente arrumar [...]
(Wilma).*

¹⁴ É um nome popular atribuído a uma planta de nome científico *Typha domingensis*, também comumente chamada de taboa.

¹⁵ As narrativas das participantes serão apresentadas em itálico e quando ultrapassarem mais de três linhas serão apresentadas com um recuo de 4cm.

Wilma relatou sobre o início de sua instalação, moradora da rua Alberto Rosa há mais de 50 anos. Nasceu e criou-se no bairro Simões Lopes, depois foi morar no bairro Fátima, onde alugava uma casa e, com o passar do tempo, ao realizar caminhadas à procura de um local para morar, conseguiu um terreno nas Doquinhas (Quadrado). Foi morar lá, pois, como narra a moradora, não tinha condições de pagar aluguel naquele momento. Wilma destaca também que havia poucas pessoas no início da ocupação,

[...] era só meia dúzia de casas, não tinha muita gente, não tinha nada de casa era um mato, era só o tempo da mamona¹⁶, aquelas árvores de mamona e taboa do banhado por causa do banhado que tinha no fundo [...] (Wilma).

A moradora utiliza a palavra “meia dúzia” para exemplificar a pouca quantidade de moradores existentes no período de ocupação do local, não que exatamente expresse essa quantidade. Além disso, utilizou a expressão “*era só o tempo da mamona*”, atribuindo a um período em que prevaleciam, no ambiente do Quadrado, mais aquelas plantas do que as pessoas.

Cabe atentar também a espessura da atual rua Alberto Rosa, referindo-se a ela no diminutivo “[...] *aqui era uma estradinha que tinha a mamona, aquelas árvores que davam carrapicho, o que tinha bastante aqui era mamona e aqueles carrapicho que pegavam na roupa da gente*” (Wilma). É interessante notar como a imagem tratada na fala de Wilma remete à planta existente no local.

Analizou-se o uso frequente da palavra “*mamona*” que apresenta jogos de linguagem atribuído na forma de vida da moradora para representar o período passado, contrariando a imagem de uma verdade única sobre uma palavra ou conceito, mostrando a possibilidade de outros usos. A partir disso, vale lembrar que: “Wittgenstein não analisa experiências possíveis, mas sim formas possíveis de expressões linguísticas, isto é, usos possíveis de palavras” (MORENO, 1995, p. 115), liberando o pensamento de imagens fixas que vão sendo construídas pela

¹⁶ Mamona é uma planta originária da Ásia meridional. Seu nome científico é *Ricinus communis L.* e faz parte da família das *Euphorbiaceae*. No Brasil, pode ser conhecida como mamoneira, rícino, carrapateira, bafureira, baga e palma-criste. Trata-se de uma planta arbustiva com diferentes colorações de caule, folhas e cachos. Os frutos apresentam espinhos e as sementes possuem tamanhos, formatos e cores diferentes. Ela ainda é caracterizada como tóxica, devido à presença da proteína ricina, que mesmo em pequenas doses é mortal. Disponível em: www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agroenergia/arvore/CONT000fbl23vmz02wx5eo0sawqe3kht4d7j.html. Acesso em: 12 dez. 2019.

linguagem, neste caso, o uso da palavra “mamona” é associado a imagens vivenciadas na época.

Os espaços do Quadrado foram ocupados a partir do aterramento da área considerada como banhado, sendo que as pessoas olhavam e apropriavam-se de um terreno. *“Na época, a pessoa chegava, botava a casa em cima do terreno [...] e marcava com arame na volta, só não era nada medido, tudo foi assim, a pessoa chegava fazia a casinha estava vazio o terreno [...]” (Wilma)*. A narrativa mostra que não era necessário ter uma precisão da demarcação do espaço, pois o mais relevante, naquela forma de vida, era ter o seu terreno e ter um lugar onde morar. Contudo, condições, como crescimento populacional e convivência social, trouxeram à tona a necessidade de organização para a própria sobrevivência, de modo que as mulheres foram criando seu modo de medir.

Já Ana Maria foi morar com sua família no local, porque havia sido retirada do gasômetro¹⁷, outra ocupação próxima ao Quadrado, nomeado, assim, devido às ocupações serem do lado da usina de energia. A moradora mencionou que pelo fato de ser construído um engenho, os moradores foram retirados e deslocaram-se à procura de um outro terreno, indo morar nas Doquinhas (Quadrado).

Entretanto, após um tempo morando nas Doquinhas (Quadrado), como narra Ana Maria, em um determinado período os moradores foram avisados que deveriam sair do Quadrado, pois ali não poderiam mais morar,

[...] o dono da Olvebra¹⁸ queria que o pessoal saísse porque eles produziam ali muito trigo e muita casca de arroz e fazia muita poeirama, e aí disseram que iam tirar todo o pessoal dali por causa que a Olvebra ia ampliar, foi na época que levaram todo mundo para o Pestano (Ana Maria).

Ana Maria, sua família e outros moradores do Quadrado foram para outro bairro chamado Pestano, no qual a prefeitura disponibilizou um espaço para morarem, porém, segundo a moradora, a família de Wilma permaneceu. Mas o pai de Ana Maria, ao ver que depois de um tempo ainda havia moradores, retornou ao Quadrado, todavia já tinha perdido o seu terreno, porque havia sido aterrado *“[...] o local que era do meu pai aí já não estava mais aí, outra pessoa já tinha pego. Aí o*

¹⁷ Uma usina de energia construída em 1875 com a força matriz utilizando gás carbônico pela queima do carvão mineral, inicialmente era responsável pela iluminação pública e o abastecimento das indústrias ao redor da região do porto, durou cerca de 70 anos (AL-ALAM, 2011, p. 46).

¹⁸ Olvebra é o nome de uma indústria localizada próxima do Quadrado.

meu pai pegou o local aqui na frente do Quadrado que era a Alberto Rosa primeira travessa, porque ele perdeu o ponto dele na realidade” (Ana Maria).

Pode-se notar que a resistência de alguns moradores foi fundamental para a ocupação oficial do ambiente, a fala da moradora evidencia esse fato “*A Olivebra até tentou tirar, o pessoal voltava, aí foi que eles desistiram e deixaram o pessoal morando no mesmo ponto porque não adianta o pessoal não queria sair daqui, porque já tinha saído muita gente do gasômetro” (Ana Maria).* Verificou-se que o jogos de linguagem atribuído por Ana Maria em, perdeu o seu “*ponto*”, esse “*ponto*”, evidencia uma racionalidade de indicar o local em que moravam, sendo a palavra ‘ponto’ referente ao espaço.

Essas formas de resistência no ato de voltar para o local e permanecer nele configuram os primeiros passos desse jogo de poder, em que se pode estabelecer o ato inicial de um movimento de contraconduta dos moradores, como indica Costa (2019, p. 68): “A contraconduta designa, portanto, o movimento nos jogos de poder capaz de criar outras possibilidades de ação, na medida em que recusa, não propriamente o governo, mas o modo como se é governado”. Neste sentido, as mulheres não só resistiram, mas mostraram que as Doquinhas eram o lugar onde iriam permanecer.

A moradora enfatiza também o que encontrou no local em sua chegada,

[...] era tudo um banhado só, aí a gente veio aterrou, cada um foi aterrando a sua parte, pegando seu pedaço e construindo as suas casas, porque antes era tudo banhado, não tinha nem a rua aqui, que vai para o Quadrado pela Bento Martins, para passar era tudo banhado, o povo que foi abrindo ruas e construindo suas próprias casas [...] (Ana Maria).

Neste caso, o movimento de contraconduta pode ser visto pela estratégia utilizada em “abrir rua”, como mencionam Veiga-Neto e Lopes (2011a, p. 62): “[...] as contracondutas permitem emergir novas formas de condução ou outros rumos para a história das populações”, assim ao referir-se a perspectiva narrada pelas mulheres ao se conduzirem abrindo ruas, acabaram alterando o cenário local, adequando-o às suas necessidades, conduzindo-se.

Na mesma trajetória, tem-se Gilda Maria e Ladi Cristine, moradoras de uma geração mais recente. Gilda Maria morava no Rio de Janeiro e menciona que “[...] o pai dos meus filhos foi embora e o outro morreu, e eu fui me embora para cá para o

Rio Grande do Sul, para Pelotas e estou criando eles”. Gilda conheceu uma pessoa e foi morar no Quadrado com ela. Relata que:

[...] aí quando eu vim para cá, aqui era tudo banhado, era tudo, tudo banhado, eram poucas casas aqui, o resto tudo era banhado. [...] aí vim morar eu e mais os meus quatro filhos. Daqui, assim para a frente, era uma pecinha pequenininha e o resto, tudo isso aqui que tu pode ver, era banhado [...] Era uma ruazinha bem estreitinha, e esse dique, esse aterro aí era mais alto e tinha de fora a fora, era arame de espinho, e aí tinha um pessoal no náutico gaúcho que fazia remo (Gilda Maria).

Nesse mesmo viés de ocupar, tem-se Ladi Cristine que narra: *[...] era só campo, [...] aí eu comprei e aí peguei vim morar aqui, mas era tudo posse, não tinha casa, não tinha nada, era só um estilo um galpão de chão batido, aí aos poucos eu entrei, e aos poucos fui construindo.”*

Ladi Cristine explica que, quando foi morar no local, solicitou apoio da prefeitura da cidade e informou que o local era considerado baixo e enchia de água,

Como aqui era muito baixo e enchia de água, não tinha como colocar o chalé, aí foi onde eles fizeram uma entrevista né que eles iam ver a medida do terreno, que eles davam pela prefeitura o chalé pré-fabricado, duas peças, me deram duas caçambas de aterro, aí o aterro sim eu tive que aterrar para depois eles vim e montar o chalé, deu no espaço todo foram duas caçambas (Ladi Cristine).

Contou também que:

[...] eu comprei um terreninho, era tipo uma pecinha só né, não tinha nem banheiro, aí eu comprei ali e fiquei uns 8 meses morando naquela casinha e como era muito pequena e o terreno também aí provisoriamente, eu peguei e fiquei ali (Ladi Cristine).

Semelhante ao jogo de linguagem de Wilma, Gilda Maria e Ladi Cristine, Ana Maria narra sobre a sua casa *[...] a minha primeira casinha foi um chalezinho só, uma pecinha só”.*

Nas narrativas do grupo de moradoras, percebeu-se o uso de um jogo de linguagem predominante de um mesmo significado proveniente do início de suas moradias com palavras no diminutivo “*chalezinho*”, “*estradinha*”, “*casinha*” “*terreninho*”, “*pecinha*”, “*ruazinha*”, “*estreitinha*”, “*pequeninha*” e das frases “*uma coisa só*” e “*não tinha nada*”, “*pecinha só*”, remetendo à ideia de uma linguagem

para expressar a relação de pouca quantidade com referência às condições financeiras existentes naquele período.

Assim, a pesquisadora apoiou-se nas teorizações de Wittgenstein (2000, p. 27) ao propor que “[...] as palavras da linguagem denominam objetos-frases são ligações de tais denominações – [...] cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada a palavra. É o objeto que a palavra substitui”. Cada palavra utilizada, nessas narrativas, associa-se a sua significação que tem como o objeto o ambiente de moradia associado à situação financeira.

Neste sentido, para representar, na forma de vida das mulheres, a situação em que viviam pelos escritos de Wittgenstein, é possível estabelecer uma semelhança de família, na qual o objeto comum seria o ato da comparação. Na condição social em que vivem, ao estabelecerem que as coisas são pequenas por estarem imersas no ambiente de poucas condições financeiras, elas mostram seus usos matemáticos para relacionar a quantidade de coisas que possuem naquele momento.

Dessa maneira, a racionalidade que opera os jogos de linguagem das mulheres é própria daquele grupo, não podendo generalizar, e a comparação realiza-se devido à associação - imagem - de relacionar a pouca condição financeira daquele período a palavras no sentido diminutivo. Não falam casa, chalé, terreno, falam casinha, terreninho, chalezinho, evidenciando, em seus jogos de linguagem, os seus saberes adquiridos, na maneira em que usam esses termos em suas práticas de vida.

São saberes que o olhar da pesquisadora manteve uma relação biunívoca, entre poucas condições e as palavras usadas no diminutivo. Knijnik (2017, p. 50) afirma que “[...] os significados que damos às palavras são mediados por regras que são concebidas em nossas práticas sociais” e, nesse pensamento, pode-se estabelecer que, nas narrativas das mulheres, elas utilizaram a comparação, para mostrar que, no início da ocupação, possuíam poucos recursos financeiros em suas práticas sociais vivenciadas.

No intuito de explorar mais sobre o local, destacaram-se as narrativas acerca da inexistência de instalação hidráulica e elétrica, sendo que as mulheres utilizaram estratégias para manterem-se no local. Wilma salienta que

[...] a água veio muito depois, nós carregava a água lá da outra quadra né, aí depois, com o tempo, botaram uma torneira de água na esquina que o pessoal ia tirar, primeiro eu carregava de balde, depois botei uma mangueira lá que vinha aqui em casa. [...] quando a gente veio pra cá não tinha luz, não tinha nada, ah nem sei quantos anos faz que tenho luz aqui, na década de 70, fiquei muito tempo sem água e sem luz.

Já Ana Maria contou que:

Aí a gente enchia carregava, [...] se eu fosse pegar um latão de água, os meus irmãos iam junto para ajudar. Aí às vezes para as pessoas não passar muito trabalho, tipo meu pai já dizia: leva dois latão três latão né, que é para não ter que tá indo toda hora para a bica, porque tinha muita fila de gente para pegar água.

As atitudes das mulheres retratam o que afirma Costa (2019, p. 68): “Possibilidade do sujeito conduzir-se a si mesmo em meio a condução exercida por outros”, pois não tinham acesso rápido à água e, com isso, as ações das mulheres podem ser caracterizadas como uma estratégia de condução de sua conduta frente aos mecanismos de poder, mecanismos vinculados ao fato de não haver instalação de água, justamente porque não era para ter moradias naquele ambiente.

Ana Maria relatou que tinha que buscar água pela manhã, tarde e noite, o que ocorreu durante um bom período mas:

Depois conforme começou a juntar casas, porque, na realidade, eram muito poucas casas aqui, então não dava para formar ainda uma vila né, então a prefeitura não se interessava, aí depois sim começou a lotear, começou a encher de gente, aí foi ficando tudo ocupado de casas, aí foi quando começou a aparecer vereadores, os candidatos no bairro para saber quem tinha água, quem não tinha água, que era para fazer as instalações de água, depois que ficou tudo preenchido de casas, aí foi quando eles começaram a fazer instalações de água (Ana Maria).

À medida que a prefeitura percebeu que já existia um número maior de casas, precisou olhar para o local e resolveu instalar água e energia elétrica. Pensando em um mecanismo que controle a população, como reflete Foucault (2008), em sua genealogia, é pertinente analisar esse fato pela governamentalidade, visto que o governo, neste caso, a cidade, e os envolvidos nesse jogo de poder perceberam que poderiam conduzir essas pessoas, pois já existia mais casas, assim sendo, resolveram fornecer as devidas instalações para as moradias. Esse olhar vincula-se a um mecanismo de segurança, no qual é possível regular essas instalações, sendo uma forma inicial de controlar os sujeitos.

É notável que, para melhorias de condições de vida de uma cidade, bairro e ocupações, é necessário ter essas instalações básicas, mas o que impera, nessa análise, é mostrar as lutas mediante as vivências desse grupo para terem o que é chamado hoje de Quadrado, pois nem sempre foi assim. Ouvir, transcrever e descrever as narrativas dessas mulheres não foi algo fácil, mas ao mesmo tempo foi como construir uma linha do tempo no pensamento da pesquisadora que, ao olhar em cada quadra do lugar, fez a reflexão sobre as transformações do lugar até os dias de hoje. Neste sentido, ainda hoje, é perceptível muita falta de estrutura, pois as mesmas mulheres e os moradores em geral não possuem rede de esgoto, assim permanece a existência de valetas nos fundos das residências desembocando no canal São Gonçalo.

Dando sequência a essa linha temporal, é relatado a maneira como as roupas eram lavadas naquele período,

[...] a gente lavava as roupas tudo nos carreiros, o pessoal todo botava a trouxa na cabeça ia lá para os carreiros lavar roupa [...] era tipo assim que nem a gente vê essas novelas antigas hoje e a gente bah a gente passou pelo aquilo ali, que a novela tipo, graças a Deus, a gente não era mais escravo naquela época, mas era como se fosse a escravatura, né, porque aí botava a trouxa de roupa na cabeça, aí dali as pessoas enxaguavam a roupa no arroio mesmo, torciam e traziam para casa, para botar para secar era tudo lavado na água do arroio na beira do arroio (Ana Maria).



Figura 10 - Carreiros¹⁹.
Fonte: Acervo da autora, 2019.

Na imagem anterior, tem-se duas rampas compostas por pilares, elas representam o local onde as roupas eram lavadas, conforme narrado por Ana Maria. Essas rampas ficam próximas ao Canal São Gonçalo e localizam-se no contorno do Cais no lado oposto às residências do Quadrado. Na fala da moradora, nota-se uma comparação de sua vivência com relação ao que é exposto na mídia através de novelas. Conforme Fischer (2001, p. 212), “a mídia ao mesmo tempo que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam - como veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade -, também se impõe como criadora de um discurso próprio”.

Neste sentido, é notável a persuasão que a mídia representa frente aos sujeitos, ao passo que atribuem semelhanças em suas práticas, pois o ato de carregar trouxas de roupas na cabeça não necessariamente remete ao tempo da escravidão, muitas pessoas carregam na cabeça para distribuição do peso das roupas, contudo, a imagem que se forma no pensamento da moradora conduz a isso e denota o quanto o discurso midiático subjetiva sujeitos.

¹⁹ Nome atribuído pelas moradoras às rampas que prendiam os navios.

Ainda sobre a lavagem das roupas, tem-se a maneira como eram estendidas, como narra a moradora, elas eram colocadas no arame farpado que vinha de ponta a ponta desde a rua João Manuel até o Cais do Quadrado. *“Pegava por parte, aí na frente da minha casa, é aqui essa parte do arame farpado era minha, a casa da vizinha era ali, a frente da casa da vizinha era a parte dela, cada um usava o seu espaço da frente de sua casa”* (Ana Maria). Ao indicar o local onde as roupas ficavam, informou também que, naquela época, a pobreza era tanta que usavam o próprio arame - a farpa - para prender as roupas, pois não tinham prendedor, inferindo que, mesmo sem tê-los, as roupas não caíam.

Na trajetória a respeito da instalação de água, tem-se a narrativa de Ladi Cristine, que diz *“[...] a instalação de água até tem né? Mas não é regularizada, porque como eles dizem que aqui é área e risco e posse até mesmo por causa da beira d’água, então eles não dão, não regularizam”*. Essa moradora mora na área nova do Quadrado, é uma parte que fica às margens do canal São Gonçalo e foi ocupada por uma maior quantidade de pessoas depois de um tempo.

Essa área é dividida por um dique de contenção de água apresentado na Figura 11 e, como ela mesmo menciona, uma área de risco, pois é a parte que alaga constantemente, visto que a bomba de drenagem de água localiza-se em cima do dique na esquina da rua Bento Martins, drenando a água referente ao lado oposto a sua moradia, que beneficia a população onde se encontram as outras três participantes da pesquisa.



Figura 11 - Dique de contenção de água.
Fonte: Acervo da autora, 2019.

E sobre a iluminação, Ana Maria afirma que

[...] iluminação não tinha, a gente usava lampião, quem não tinha condições, tinha que comprar querosene todos os dias né, aí quando não tinha condições de comprar querosene todos os dias, aí a gente usava candeeiro [...] depois aí já passava fio de luz por essa rua, começaram a botar postes, essas coisa assim, aí depois começaram a botar poste, aí cada um foi ligando sua luz.

As moradoras criaram estratégias utilizando outros instrumentos para obter água e energia elétrica, o ato de morar em um local não propício à moradia, segundo elas, ocorreu pelo fato de não terem condições financeiras de morar em outro local, as estratégias mostram suas lutas para obter um espaço. Na sociedade em que se vive, banhado não é local para instalar casas, mas essas mulheres mostram, a partir do governo de si, que não ter condições não as impediu de instalarem-se e viverem no local, escapando da conduta imposta pela sociedade.

Assim, a contraconduta está no ato delas resistirem à situação que encontraram e, além disso, não só resistirem, mas se conduzirem, governarem-se ao ponto de estabelecerem-se nesse ambiente, onde algumas delas foram retiradas e voltaram, e outras não saíram de jeito nenhum, mostrando que ali é o espaço que

elas deveriam ficar, lutando para obter as políticas públicas necessárias como instalações de água e energia elétrica, criando, inclusive, em suas práticas, um prolongamento na rua Bento Martins.

Foucault (2008), em sua genealogia da governamentalidade, no curso de 1978, mostra que as contracondutas partiram por insubordinações ao poder pastoral e, conforme Costa (2019, p. 62): “Foucault localiza na genealogia das práticas de governo uma certa condução de condutas”. Desse modo, os enfrentamentos narrados pelas mulheres em suas vivências, caracterizados no ato de abrir ruas, usar a estratégia de colocar mangueira na bica, de ir com os irmãos buscar água para otimizar o tempo, demonstram que se conduziram estando numa área de risco de alagamento e poeira, em que o discurso que impera é o que não pode ter moradores naquele espaço, mas, mesmo assim, elas resistiram e ficaram.

Nesse contexto, pode-se utilizar o que Foucault (2008) refere sobre a governamentalidade, que problematiza o governo de si e dos outros, em que as práticas de poder do governo estabelecem regras sobre como a população deve viver em uma sociedade. No caso do grupo social de mulheres inseridas no perímetro urbano de uma cidade, não sendo um local que pode ser chamado de vila, nem de bairro, pois está localizado dentro de um, mas pode ser chamado de um espaço, um pedaço cheio de histórias.

De um modo geral, o Estado não almeja o aumento de periferias e considera-se que, nas cidades, exista um certo controle para que a população não ocupe determinados espaços. Contudo, muitas vezes, as pessoas não têm outro lugar para morar e, sendo assim, acabam aumentando as periferias, fazendo com que esse movimento mostre também a falta de algumas políticas sociais que poderiam amenizar esse quadro. A organização das mulheres sem essas políticas caracteriza a contraconduta ao sistema, através da qual o indivíduo estabelece uma recusa a ser governado no meio social ao qual é subjetivado.

4.2 Construir: a gente aumentou

O grupo de mulheres, após estabelecer-se no local, foi construindo suas residências e organizando-se. Wilma mencionou que sua casa era localizada no meio da rua, até porque, naquele período, não existia o prolongamento da rua

Alberto Rosa. Entretanto, após a prefeitura decidir abrir a rua, ela teve que recuar seu chalé para trás: “[...] a prefeitura que decidiu abrir a rua, quando a Prefeitura resolveu arrumar as ruas aqui, tivemos que as casa botar pra trás [...]”.

A moradora afirma também que, após a criação da rua, até a sua casa melhorou: “[...] a gente aumentou, era uma meia água, depois aumentou, ficou um chalezinho, tenho até o retrato. [...] meia água é só uma parte da casa, o chalé é assim, né, e a meia água é a metade” (Wilma). Ela mostrou suas fotos para exemplificar sua explicação.



Figura 12 - Chalé meia água na rua Alberto Rosa.
Fonte: Acervo de Wilma, 1977.



Figura 13 - Chalé duas águas na rua Alberto Rosa.
Fonte: Acervo de Wilma, 1986.

Nas fotos, tem-se a representação de seu chalé meia água e duas águas, a meia água do ano 1977 e duas águas de 1986, datas escritas nos versos das fotos. No contexto da entrevista, ela não entrou em detalhes, mas, na figura 13, mostrou também o saneamento, indicando a existência de valetas de esgoto em frente às residências.

No decorrer de sua narrativa, realça que ocupou um terreno grande, já pensando no futuro em deixar algum pedaço para a moradia de seus filhos, *“Quando eu vim morar aqui, era tudo um terreno só, era esse aqui e esse aí do lado, tudo era o mesmo, aí depois resolvi dar um pedaço”* (Wilma). Destaca também a divisão que fez do terreno que cedeu a seu filho, *“foi só no olho, nem sei quanto tem de frente aí, nem o meu nem o dele”* (Wilma).

O jogo de linguagem empregado por Wilma mostra a sua prática com relação às medições, salientando, assim, o que afirma Condé (2004, p. 48): “Pode-se compreender o uso como algo determinante, obviamente como a simples descrição de uma prática”. Sua ação de dividir foi “só no olho”, como mencionou, sendo a sua prática de medir.

Além disso, ela conta como se organizou em sua prática de iniciar a construção, revelando, em sua fala, que o processo foi trabalhoso e aponta suas estratégias para aterrar o local,

[...] areia tudo era puxado assim, bota um pau assim e uma tábua aqui assim né, aí a gente puxava, a cinza, a cinza é leve, a casca de arroz também era leve, então puxava tudo, agora quando era cascote sim, aí tinha que ter força de homem, mas as cinzas e areia, e casca de arroz, tudo eu puxava, com esse negócio que eu fazia [...] (Wilma).

Wilma posicionou suas mãos mostrando um formato de “T” para exemplificar o instrumento criado por ela para puxar aterro, apesar de mencionar que “*tinha que ter força de homem*”, demonstrou a importância do instrumento criado que ajudou muito no processo de construção de sua casa.

Os moradores foram se organizando, “*cada um foi pegando um ponto para construir a casa*” (Ana Maria). Descrevendo a explicação das moradoras, quando um terreno ficava muito pequeno, pediam para o seu vizinho mais um pedaço, “*[...] chegava um, ah! tu me dá mais um espacinho do teu terreno, porque o meu ficou com pouco espaço, não fiquei com muito pátio [...]* assim a gente foi fechando cada um a sua área” (Ana Maria). As moradoras entravam em um consenso, assim, cediam espaços para outros vizinhos com tranquilidade, pois, naquele período, havia muita área desocupada e, inclusive, aterrar aquele terreno vazio era trabalhoso e, com isso, ficavam com um espaço necessário para viver.

Um dos fatos interessantes nesse processo de ocupação foi analisar como as mulheres conduziram-se para organizar a numeração das casas. Nesse viés, refere-se a numeração da rua Bento Martins. Ana Maria relata que “*cada um foi pondo seu próprio número, a gente foi tentando ir por uma ordem né, de números [...]*”.

A moradora narra que a ordem dos números era para não serem iguais, neste sentido, organizaram-se em uma ordem, não obedecendo uma sequência, pois o relevante era que não fossem iguais. Até hoje, é possível verificar a distribuição desses números, em que a numeração da casa de Ana Maria é 41 e das casas vizinhas são 13,19, 35, 55, 57... com uma ordem disposta da esquerda para direita.

Ao estabelecerem sua organização para numerar suas casas e manterem essa numeração até os dias atuais, demonstram uma prática social que: “Conforme Foucault, as contracondutas caracterizam-se por serem movimentos que colocam

como objetivo outra conduta” (COSTA, 2019, p. 70). Desse modo, a prática de numerar evidencia como o grupo conduziu-se em sua forma de vida.

Pela teorização de Foucault (2008), em meio ao poder, institui-se o controle da população e, perante a isso, surgem as práticas de contraconduta. O governo, através de seus mecanismos, institui um controle social das pessoas e, assim, age sobre elas. Pensando sobre a urbanização de uma cidade, tem-se, como exemplo, regras que estabelecem onde se pode ou não morar, os nomes que as ruas devem ter e suas devidas numerações. Isso remete ao que Foucault (2008) analisou, mostrando que quem é governado é as pessoas e, nesse viés, como alega Veiga-Neto e Lopes (2011), é uma luta para que a condução seja realizada de maneira diferente, sendo essa luta evidenciada pelo movimento de numerar suas residências.

Ao pensar sobre as práticas estabelecidas pelo grupo de mulheres como as estipuladas pela Matemática Escolar, é notável que o elemento comum desse jogo atribuído é o que se chama na aritmética de números ímpares e, além disso, estabelecidos em ordem crescente.

Todavia, ocorreu um conflito com as escolhas das numerações, visto que a parte numerada por elas foi referente ao prolongamento da rua Bento Martins e, assim, teriam que levar em consideração a numeração já existente na continuidade da rua. As moradoras explicaram que aconteceu um problema com a vizinha da esquina que repetiu a numeração 35, porém, não teve outro empecilho com relação às casas que não faziam parte do Quadrado. Antes de colocarem os números, verificaram qual era o último número da rua e, partindo disso, organizaram os seus.

Esses espaçamentos de números não foram colocados ao acaso, alguns moradores mencionaram durante a etnografia que os espaços eram deixados na numeração para a possibilidade de outras casas entrarem no meio delas, visto que existiam áreas livres para a expansão de alguns pátios, o que conseqüentemente, devido à não expansão fez com que os números ficasse, assim.

Em meio à relação de poder do governo das pessoas, as mulheres necessitavam de infraestrutura como água, energia elétrica, etc. Para obterem esses serviços básicos, realizaram a seguinte ação,

Depois que a gente já estava todo organizado, todo mundo com as suas próprias casas, aí a gente procurou um pessoal que tinha, que dizia que era de uma associação da prefeitura, aí eles vieram, ajudaram a organizar os

números que estavam errados, eles foram trocando e o que eles achavam que estava certo, os números continuaram no lugar. (Ana Maria).

Ainda assim, após essa ação, os números permaneceram os mesmos, elas referiram que não queriam trocar sua numeração apenas gostariam de ter água e iluminação. Aqui: “Expressa-se o caráter de insubordinação das reações aos modos de governo” (COSTA, 2019, p. 70), essa prática, desse modo, resultou apenas em uma interferência de poder, onde somente o 35 da casa da esquina foi modificado, ficando 35b, mostrando o movimento de contraconduta na prática de numerar as casas que até hoje mantém-se.

Contudo, cabe mostrar a entrada da rua Bento Martins através da figura 14, onde o Google maps evidencia que a numeração da rua inicia pela 133, não mostrando a existência da numeração no prolongamento dessa rua que vai até o Quadrado, salientando que o Quadrado seria o início da rua que fica na beira do Cais.



Figura 14 - Rua Bento Martins, acesso ao Quadrado.
Fonte: Google Maps, 2019.

Dando sequência às perspectivas narradas, no decorrer de sua vivência, Ana Maria explica como, em suas práticas diárias, ela e sua família organizavam-se com seus recursos financeiros no período inicial de moradia:

Naquela época, todo mundo dormia junto né, só tinha o quarto da minha mãe e do meu pai, aí tinha o nosso quarto, por exemplo, tinha uma cozinha, a gente se dividia, fazia cama redonda no chão né e dormia todo mundo junto, uns para os pés, outros do lado da cabeceira da cama de chão, os menor dormiam com meu pai e minha mãe. Que era eu e meu irmão de dois anos dormia com meu pai e minha mãe e o resto tudo dormia em cama de chão (Ana Maria).

A expressão cama redonda é explicada por ela:

Cama redonda se diz porque aí botaria várias pessoas né, minha mãe estenderia as cobertas no chão né, aí [...] nós éramos oito, eu e meu irmão menor dormia com meu pai né e a minha mãe no quarto deles, aí os outros seis que sobravam ficava dois para os pés dois para a cabeceira e dois deitava para o lado, um para cada lado (Ana Maria).

Essa adaptação da forma, presente em sua fala, assemelha-se a um círculo da geometria vista na Matemática Escolar, contudo, em nenhum momento, ela pronuncia essa expressão, no lugar, cita “*cama redonda*” pela disposição em que cada um deita-se no espaço destinado para acomodarem-se. Como assinala Condé (2004, p. 52): “As significações surgem do uso das palavras, mediadas por regras, a partir das nossas práticas sociais, dos nossos hábitos, na nossa forma de vida”, ou seja, essa é a forma de mencionar aquela prática, esse é o significado naquele contexto vivenciado.

As regras daquela forma de vida são outras, os jogos são outros, com isso, a disposição das pessoas no chão, sem estarem numa cama, é chamada de “*cama redonda*”, demonstrando, assim, um jogo de linguagem na prática vivenciada por ela, através da qual, com o seu próprio saber, delimita o espaço organizado por seus irmãos, criando, assim, sua própria forma. “Ao dizer que alguma coisa possui semelhanças de família com outra, não está de forma alguma postulando a identidade entre ambas, mas apenas a identidade entre alguns aspectos de ambas” (CONDÉ, 2004, p. 54), sendo esse aspecto identificado pela forma.

Nesse processo, Ana Maria relata que sua mãe fazia as cobertas em casa, porque as pessoas não tinham condições para comprar cobertas naquela época e, com isso, utilizavam retalhos, os quais a sua mãe ia costurando “[...] o acolchoado,

ela fazia tipo pegava várias roupas velhas, ia costurando uma na outra, e preenchendo até formar um peso” (Ana Maria). A formação de um peso é a expressão do jogo de linguagem utilizada por ela, que, ao aproximar-se de outro jogo, o elemento comum é a palavra volume.

Salienta-se que a ideia não é fazer comparação entre um jogo de linguagem de uma forma de vida e o da Matemática Escolar, mas mostrar a existência de outras formas de mensurar, contar, realizar estimativas e de produzir outros significados. Dessa maneira:

A constituição da significação a partir do uso aponta para o seu caráter criativo. Assim, a infinita possibilidade de criação de significações linguísticas a partir de um grupo finito de fonemas ou signos está atrelada às possibilidades dos usos e dos seus diversos contextos, isto é, os limites da linguagem são os limites da pragmática de uma forma de vida” (CONDÉ, 2004, p. 48).

No contexto urbano de uma cidade, com escolas, com um bairro universitário, existem grupos, muitas vezes, silenciados, que, em suas práticas, possuem muitos saberes. A prática de formar “*um peso*”, “*numerar suas casas*”, de estabelecer uma “*cama redonda*”, de criar instrumento para puxar aterro, mostram ações não só de uma forma de vida, mas de uma forma de luta, de constituir-se no local de moradia e em condições para habitar o lugar.

É extenso o número de práticas vivenciadas pelo grupo dentro e fora de suas moradias, porém, convém analisar também algumas práticas sobre a construção de suas residências que se iniciou com a demarcação de seus terrenos. Ana Maria narra como realizou a marcação, junto com o seu esposo:

Era marcado por passos né, que, na época, o metro marcava ele e eu junto no passo, aí ele contava desse lado dá tantos metros, aí vamos contar tantos passos aí de um lado dava 10 passos, do outro lado é comprimento e largura, do outro lado, dá trinta e tantos poucos passos [...] No primeiro passo, a gente já cravava um pau, né, aí caminhava, vamos supor mais 15 passos, a gente cravava outro pau no meio, aí depois na última ponta mais 10 passos a gente crava o último pau na ponta e aí vinha depois, que por fora do cordão né, que aí depois vinha transpassando com arame (Ana Maria).

Nota-se que, para demarcar o espaço de construção e seu terreno, utilizam os passos para a medição deste, além disso, cravam paus demarcando o que, na Matemática Escolar, é conhecido por intervalos. Como afirma Moreno (2000, p. 62):

“Não há um uso mais adequado nem um jogo de linguagem superior; todos são igualmente adequados para os fins a que se propõe”, realçando a finalidade de mostrar a existência de outros usos matemáticos, através dos quais os jogos de linguagem são diferentes e o uso relatado remete à contagem por passos.

Ladi Cristine também menciona que a contagem da demarcação de seu terreno foi mediante a contagem de passos. Relata que seus vizinhos marcaram:

Eles pegaram uma, o certo seria uma trena mas como não tinha trena, aí eles pegaram uma linha de pescar, aí eles fizeram um quadrado [...] Dois vizinhos que já moravam, eles marcavam assim, eles contavam 20 passos né para marcar o terreno, aí eu me lembro que o meu, eles contaram aqui, foi uns 30 passos que eles falavam que é que dava o metro né, por 9 de largura e aí eles botaram, botaram a linha em volta e, depois, eles marcaram com, fizeram um cercado né, com paus e tábuas para marcar, para não, para outras pessoas não virem, não mexerem, para não pegarem o terreno (Ladi Cristine).

É interessante notar, nas narrativas das moradoras, o quanto está implícito a subjetivação de que o correto, o certo, seria utilizar a unidade de medida “metro”, Ana Maria e Ladi Cristine utilizaram os passos independente se eles eram longos ou curtos, os passos foram os instrumentos que usaram para suas medições. Moreno (2000) assinala, em uma reflexão do uso da linguagem relacionado a objetos que são postos em nossos jogos de linguagem como medida padrão:

Ao tomar um objeto como sendo a regra do uso da palavra “metro”, por exemplo, não podemos dizer que tal objeto tem ou não “um metro”, ou melhor não podemos medi-lo, pois ele é o próprio critério de toda mensuração. Mas significa apenas que tal objeto é tomado como instrumento de nossa linguagem (MORENO, 2000, p. 66).

Em outros termos, a palavra “metro” é um instrumento da linguagem do homem adotada pela padronização das unidades de medidas, e isso não limita a existência de outras unidades não formalizadas, ou que não tenham o mesmo efeito que o “metro”. Medir a passos não limitou e nem dificultou a demarcação do terreno, é que, infelizmente, estar em um universo do certo e errado, acaba por transparecer, nas narrativas, que suas práticas realizadas assemelham-se ao metro; mas que, por um olhar investigativo, é outra forma de estabelecer medições muito utilizadas, outro padrão de medida adotado na forma de vida delas.

Nesse quadro de narrarem sobre as construções, Ana Maria relata que foram aumentando o tamanho de sua residência no decorrer do tempo.

A gente aumentou a casa de madeira, aí construímos mais uma peça, que era para ficar a sala, aí também foi tudo construído por metros, aí a gente resolveu fazer mais três metros de casa né que era para fazer uma sala, e aí também foi construído com madeira e um pau de um lado, um pau do outro, tudo ao quadrado (Ana Maria).

Após, ela afirma que, no decorrer dos anos, passou a realizar a construção da casa de alvenaria; comprou tijolos, cimento e o material necessário para a construção. Com isso, coube destaque o que menciona sobre a parte inicial da casa,

Para fazer o alicerce de uma primeira peça, o meu marido foi lá e comprou, nunca me esqueço. Como se fosse hoje, 25 pedras que é ao quadrado, aí usou aquelas pedras [...] eu usava seis, oito pá de cimento, ha três pá, quatro pá de areia e mais quatro pá de brita [...] Aí faz um buraco né, onde vai a areia, aí a gente coloca seis pá de cimento, coloca mais quatro pá de brita, e aí ele dizia tu pega um balde com água, vai enchendo aos poucos e vai mexendo a areia com a brita e o cimento, aí vamos supor, eu gastava um balde de água que é para fazer essa quantia que ele pedia de areia e brita e cimento, aí eu ia colocando a água, ia mexendo aí dali que a gente faz a massa consistente para fazer o alicerce (Ana Maria).

Na narrativa de Ana, percebe-se a condução das etapas que o esposo dela percorreu, contudo, a maneira como ela descreve mostra o saber daquela forma de vida, ao dizer “25 pedras que é ao quadrado” ela não remete à área da Matemática Escolar, mas ao espaço que delimitou para construir. Além disso, tem uma semelhança de família com a proporção, na medida em que as quantidades de areia, água e cimento devem ser colocadas em uma proporção para dar consistência à massa.

Condé (2004) realça que as noções de uso, semelhanças de família e jogos de linguagem podem funcionar ao mesmo tempo em uma forma de vida. Nesse viés, o uso da frase “25 pedras que é ao quadrado” é evidenciado para demarcar o espaço para iniciar a construção da casa, já o jogo de linguagem estabelecido para a obra é proveniente de saber as quantidades estabelecidas para cada material usado daquela ação vivida naquela forma de vida.

Ainda nesse espaço do Quadrado, Ladi Cristine conta que, como seu terreno era grande e não tinha como conservá-lo, assim como precisava de dinheiro, acabou vendendo, e novamente mostra o modo de medição adotada em sua forma de vida,

Eu contei com passos, botei nove metros é porque o meu terreno tem nove metros, é 12 por 9, e aí eu contei por passos, aí eu dividi para poder vender o resto. Eu dividi o terreno porque, no caso, o meu terreno dava 2 casas né, e aí como tinha uma conhecida minha que ela não tinha e ela estava procurando terreno, tô vendendo a metade do meu terreno, porque é muito grande né, e também eu não tinha condições de cuidar porque como cria capim, aí tinha que capina, limpar e como era só eu e as crianças, eu não tinha muito tempo para isso, aí eu dividi o terreno, aí vendi (Ladi Cristine).

A moradora relata que a venda foi para conseguir aumentar o tamanho de seu banheiro e comprar o resto das coisas que não tinha. “Na época, eu tinha cobrado 8 mil, eu tinha vendido para ela até porque, na época, era tudo bem mais barato né, eu mesma eu paguei aqui, com os dois 5 mil, aí vendi a metade do meu por 8.

A racionalidade revela o pensamento da valorização do local onde mora, visto o trabalho investido desde a demarcação até o aterrar. Ela indica ainda que utilizou paletes²⁰ para demarcar o terreno:

Foram desmontando os paletes e formando a cerca [...] desarmaram, despregaram todinhos os paletes para poder medir cada parte da cerca, acho que tinha um metro, acho que tem cada paleta, aí eles foram desmontando e juntando para poder dá todinha a metragem do terreno (Ladi Cristine).

A partir disso, é possível perceber que:

Acredita-se que o aprendizado da linguagem consiste no fato de que se dá nomes aos objetos: homens, formas, cores, dores, estados de espírito, números, etc. [...] o denominar é algo análogo a pregar uma etiqueta numa coisa. Pode-se chamar isso de preparação para o uso da palavra (WITTGENSTEIN, 200 p. 36).

A fala da moradora mostra como essa palavra “metro” está presa em um discurso quando se refere a medições, pois, como já foi visto, mediam por passos e, ainda assim, remetem ao metro, evidenciando um certo vínculo do ato de nomear, ou seja, pregar “uma etiqueta”.

Já Gilda Maria aumentou sua moradia com quatro peças e afirma que: “E aí eu trouxe as crianças e aí veio a mãe e as crianças, porque o chalé aumentou, porque era só uma pecinha, não tinha comodidade para as crianças todas, aí a gente fez um quarto para as crianças, e aí aumentou e a gente aumentou”.

²⁰ Uma plataforma de madeira, metal ou plástico muito utilizada para movimentação de cargas em supermercados, varejo, armazéns e transportadoras. Disponível em: <http://www.epaletes.com/2015/08/pallet-paleta-pelete-entenda-a-diferenca/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Gilda Maria relata que: *“Não ajudei na construção porque eu trabalhava aí como eu trabalhava e uma parte das coisas que eu comprei fui eu com o meu salário, para construir o chalé”*. É possível notar, na narrativa, que, ao trabalhar, a moradora ia comprando alguns materiais para a construção de sua moradia.

Neste sentido, a moradora refere que:

Eu comprava por semana, me pagavam por semana [...] aí era o supermercado real, aí eu ia no supermercado real, comprava as comidas para a semana e aí eu, a outra parte, eu pegava, comprava um pau ou uma tábuas, pau, duas tábuas (Gilda Maria).

No jogo de linguagem da prática de a cada dinheiro recebido por semana comprar algum material, é possível verificar a organização da mulher, que fazia com que o dinheiro recebido atendesse à compra de comida e de algum material.

Outro apontamento da moradora Gilda Maria foi durante a entrevista quando se direcionou a seu pátio, mostrando que *“tem aquelas duas pecinhas ali que hoje é galpão, eu morei dois anos naquelas duas pecinhas e as coisas das quatro peças do chalé, eu coloquei tudo dentro daquelas duas pecinhas”*. Nesse momento, ela narrou que não conseguia acreditar que morou tanto tempo em duas peças e que tudo que tinha no chalé coube dentro dessas peças. Atualmente, Gilda Maria mora numa casa de alvenaria ainda em construção.

O jogo de linguagem produzido pelas mulheres nas narrativas evidencia a maneira como se expressam, como enxergam o mundo em que vivem e pode-se vincular a semelhanças de família ou não com a Matemática Escolar. Aqui, faz-se uma análise dos jogos de linguagem por meio de imagens, não imagens no sentido fotográfico, mas pela imagem que é construída por um determinado discurso, por silêncios, gestos e linguagem em seus diversos usos.

Ao ver que existem proximidades, por semelhanças, entre, por exemplo, jogos de linguagem matemáticos e jogos com conceitos de cores e de sensações, desfazem-se as imagens que nos levaram a acreditar na exatidão de certos conceitos, e assim a interpretar sua significação postulando entidades extralinguísticas (MORENO, 1995, p. 114).

Para refletir sobre uma análise de jogos de linguagem, é possível notar um exemplo que Moreno (1995) destaca de uma situação inventada por Wittgenstein com relação a um jogo de linguagem da simulação. Considere um povo que não conhece a expressão de “simular a dor” e, ao entrar em contato com essa frase, é

interessante destacar se aprenderam um novo conceito de dor, ou um novo estado, o de simulação.

O fato é que as pessoas desse povo mostravam suas sensações de dor, mesmo sem o conhecimento do conceito “simular dor”. Contudo, o povo conhecia a diferença entre sentir e simular, mas, por não ter sentido em sua forma de vida, não era necessária uma expressão linguística para diferenciá-la. “Ao aprender um novo jogo de linguagem, a diferença entre ‘dor’ e ‘simulação de dor’ passa a ser algo, torna-se parte de uma significação dos respectivos conceitos, passa a ter uma função na vida desse povo” (MORENO, 1995, p. 117). O povo, ao apropriar-se desse conceito, passa a conhecer um outro jogo de linguagem, que vai subjetivando as diferentes formas de vida.

Essa situação reflete o caso do grupo de mulheres do Quadrado que, em suas práticas, em um contexto urbano, passa a conhecer o jogo de linguagem desenvolvido nesse ambiente. Assim, segue as vivências das mulheres que, por mais que possuam sua forma de vida, estão imersas num jogo de poder no qual as influências externas acabam por determinar os rumos de uma habitação, apesar de elas conduzirem-se denotando que, onde há governamentalidade, há movimentos de contraconduta.

4.3 Habitar: *hoje é um ponto turístico*

No decorrer do tempo em que habitam o Quadrado, as mulheres enfrentaram enchentes, Wilma relata que: “*A gente tinha que saí, ia para a casa dos vizinhos, nós fomos para uma casa, na outra quadra onde é aquela livraria ali*”, explica também que ela e sua família ficaram na casa de uma amiga. Já Ana Maria menciona que enchia tanto de água que os barcos passavam por cima do Cais do Quadrado. Ladi Cristine narra que o fato de ter aterrado sua casa ajudou para que a água não entrasse ali:

Teve uma foi quando deu a enchente e choveu muito lá para cima parar outras cidades e aí estourou as comportas e aí eles tiveram que abrir a barragem e aí a água desceu e encheu tudo aqui né, há na minha casa não chegou a entrar água, foi só no campo e na volta, assim porque eu como eu aterrei bastante né, aqui não chegou a alagar, mas a água estava assim na porta (Ladi Cristine).

As moradoras salientam que, cada vez que alagava, tinham que se retirarem do local, mesmo que a água não invadisse suas casas, tinham que sair devido a bichos venenosos e doenças transmitidas pela água suja, visto que ela misturava-se ao esgoto a céu aberto, que ainda existe nos fundos dos pátios. Elas mencionaram que controlavam o aumento da água pelos degraus do Cais do Quadrado e através dos fundos de seus pátios.

Gilda Maria conta como controlava a chegada da enchente através do banhado nos fundos do pátio,

A gente começou a ver a água vindo porque era banhado e a gente, tá essa água vai invadir aqui dentro de casa, aí a gente pegou e começou a sair todo mundo para cima, ali do barranco, e eu me lembro que a gente estava desatinada e aí foi quando, na época, ali era uma quadra de futebol e os caras tinham saído dali e aí eles forneceram ali para o pessoal ir para ali, aí a gente tirou todos os móveis da gente e levamos todos, tudo para lá (Gilda Maria).

Os moradores do Quadrado eram deslocados para morarem num abrigo, um galpão na rua Bento Martins, próximo ao Quadrado, onde ficavam até a água baixar,

[...] e tinha aquele galpão ali, eu me lembro uma vez eu e a maior parte dos vizinhos aqui, a gente ficou mais de vinte dias, a gente teve que tirar tudo de dentro de casa, porque aqui o meu chalé mesmo era o mais baixo ficou pelo meio de água. Ah a gente perdeu muita coisa. (Gilda Maria).

A comunidade do Quadrado era feita e desfeita à medida em que ficava alagada e, com isso, muitos perdiam seus móveis, mas, com o decorrer do tempo, os moradores adaptaram-se, aumentando a altura das suas casas, seja com o auxílio de estacas de madeira ou aterrando mais seus terrenos. Há cerca de uns 20 anos, foi instalada uma bomba d'água que auxiliou no controle de alagamentos.

Ah, a bomba, para não dar aquelas enchentes horrorosas que a gente sabe, e aí a arrumação da rua de asfalto, agora a gente está lutando para trocar estes postes aqui sabe, botar mais iluminação, arrumar essa rua aqui entendeu porque diz que é uma polêmica muito grande que está dando uma guerra muito grande porque eles tem que refazer esse dique sabe, porque isso aí não pode sair daí porque se sai daí a metade da cidade alaga (Gilda Maria).

Gilda Maria evidencia outro fator importante de controle de enchente, além da bomba d'água, um dique de contenção de água localizado na Rua Bento Martins

também chamado, por elas, de barranco, além disso, reivindicam outras melhorias para a comunidade, como mencionam “*a gente está lutando*”.

A imersão no campo de pesquisa fez com que fosse analisada a origem desse nome Quadrado, visto que, na Matemática Escolar, o quadrado é descrito pela geometria que possui os quatro lados iguais, enquanto o local de pesquisa é composto por casas que foram se formando ao redor do Cais, um antigo atracadouro de pequenas embarcações do Porto de Pelotas.

Alguns moradores, durante a etnografia, mencionaram que o local era conhecido por Doquinhas, mas também já foi chamado de Docas, Doca Fluvial e, hoje, é o Quadrado. As mulheres narram sobre a origem desse nome, Wilma refere: “[...] *primeiro, não era Quadrado era Doquinha, agora que inventaram o tal do Quadrado, Quadrado veio agora, antes era Doquinha.*”

Ana narra que, quando era criança, o Quadrado era somente para parar barco e, antigamente, o local que morava era chamado de Doquinhas, que foi sendo conhecido por Quadrado, segundo ela, com as transformações no ambiente.

Doquinha era um nome meio estranho até porque mais era parada de barcos né, aí, depois, que parou de parar os navios, deram o nome de Quadrado, porque, na realidade, ele é um quadrado, ele não é um triângulo, não é um redondo, ele é um quadrado, Quadrado só tem uma saída para o arroio então ficou registrado Quadrado, aí ninguém mais conhece tipo Doquinhas, ah o Quadrado, eu sei onde é (Ana Maria).

Além disso relata que:

Foi criando o ponto turístico, aí foi surgindo os bares, aí as pessoas começaram a colocar o bar do Quadrado, aí o nome do Quadrado foi ficando Quadrado porque se tornou um ponto turístico, porque, na realidade, era Doquinhas, e chamavam de Doquinhas porque é um ponto que só paravam os barcos do Porto de pesca, navios, essas coisas assim (Ana Maria).

Já Gilda Maria menciona que:

Sempre, quando eu vim para cá, era Quadrado, as Doquinhas é o Quadrado [...] todas as pessoas que sabiam como surgiu esse nome já morreram. Antes era Doquinhas, hoje é Quadrado, mas geralmente todas as pessoas que poderiam dar essa resposta já morreram.

Gilda Maria refere-se a dar a resposta no sentido da origem do nome Doquinhas. Ladi Cristine explica que: *“A origem eu não sei né, eu acho que é porque como tem o cais ali, então ele faz um quadrado né, onde percorre o arroio São Gonçalo, eu creio que seja por isso, exatamente o porquê que o nome é quadrado, eu não sei não”*.

É interessante analisar que, nas falas das mulheres, a origem do Quadrado veio da denominação do formato do Cais que, porventura, deu o nome à comunidade. Assim, pode-se salientar que:

Denominamos as coisas e podemos falar sobre elas, referirmo-nos a elas no discurso. Como se já fosse dado, com o ato do denominar uma coisa que significasse: “falar de coisas”. Ao passo que fazemos as coisas mais diferentes com nossas frases (WITTGENSTEIN, 2000 p. 36).

Os moradores denominam a comunidade como Quadrado e as pessoas que ali frequentam também. Esse local possui um formato que, na Matemática Escolar, é similar a um trapézio, possui quatro lados, sendo que um deles possui uma abertura para a entrada e passagem dos barcos. A imagem que retrata é um Quadrado. Hoje, ao pesquisar na internet “Cais do Quadrado Pelotas”, é a imagem do Cais que é apresentada, contudo, ela acabou por ser transferida aos moradores que moram ao seu redor, assim transferindo o nome Quadrado para a comunidade que ocupa o redor do Cais. Não é só uma comunidade de moradores, é um local onde os barcos estão atracados e, além disso, um ambiente de lazer, em que, nos degraus do Cais, muitos visitantes sentam para tomar um chimarrão.

Diante dessas ponderações, pode-se afirmar que: “A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está” (Wittgenstein, 2000, p. 93), ou seja, a palavra Quadrado nomeia o local, não sendo o quadrado visto pela geometria, mas presente na forma de vida das mulheres, que é a representação do lugar de moradia a partir de seu Cais, mostrando a pluralidade de significado das palavras, pois, se a pessoa estiver sentada no Cais do Quadrado, mencionará “eu estou sentada no Quadrado”, mas Quadrado também nomeia a comunidade, na qual a pessoa não estará sentada.

Na fala de Ana Maria, o Quadrado não se referia a um triângulo e nem a algo redondo, mas a um quadrado. Neste sentido, percebe-se o desconhecimento do

termo quadrilátero na narrativa da moradora, na medida em que ela faz o uso do jogo de linguagem do mesmo termo, mas com outro sentido.

Quadrado é o Cais, Quadrado é o local de moradias. Como tratou Wittgenstein (2000), a linguagem depende do uso que se faz dela, podendo assumir determinado sentido, sendo evidenciada a multiplicidade da palavra Quadrado.

Neste aspecto, inserem-se mudanças na moradia do grupo de mulheres, Wilma narra que “[...] gostava de subir em cima da casa, colocava telha, às vezes passavam aqui e pensavam até que era um homem que estava em cima da casa. Era eu. Arrumando as goteiras”. Na fala da moradora, é possível perceber que ela mesmo subia e arrumava as goteiras.

A moradora infere como se conduzia perante a situação, mostrando que não eram só os homens que realizavam os serviços “*Eu subia para cima da casa, tinha goteira aqui em casa, eu subia, não esperava por homem, nunca fui de esperar por homem. Até hoje, eu tenho a mania, agora já não tenho mais aquele pique né, eu não sou de esperar*” (Wilma). Ainda sobre sua casa, ela esclarece: “*Eu era metida, sabia tudo, e não sabia nada, ah tudo aqui foi eu que dei a ideia né, que só sabiam levantar a parede, mas eu que dava a ideia*” (Wilma).

Outro aspecto relevante sobre a habitação das moradoras é as mudanças ocorridas no local, nas falas, é possível notar o contentamento das moradoras “*Ah, mais a mudança agora melhorou muito, agora está ótimo, temos tudo, temos água, temos luz, temos rua [...] começamos lá de baixo, agora estamos no paraíso, ah eu tô realizada*” (Wilma).

Em suas considerações, Ana Maria menciona o porquê, na sua perspectiva, o Quadrado tornou-se um ponto turístico, relata que, antes, o local era para parar barcos, porém uns acabaram ficando encalhados. Com a vinda de um navio rebocador e navios maiores, não tinha mais espaço para eles ficarem, pois o lugar tornou-se raso, e o Cais transformou sua principal função, agora para a pesca e para que pequenos barcos de moradores ficassem fixos no ambiente.

Não tinha mais ponto para os navios parar, porque aí os navios já eram maiores, aí se tornou raso para os navios, virou um ponto de banho para as pessoas tomar banho, se divertirem, virou um ponto turístico para as pessoas vir passear, porque aí as pessoas foram criando os projetos no Quadrado né, aí foi ficando só para barco de pesca, aí depois o meu irmão mais velho montou o katangas bar, aí dali virou mais ponto turístico ainda, porque aí foram produzindo festas, feiras de roupas, essas coisas assim (Ana Maria).

Em sua narrativa, menciona também a importância de um projeto que foi criado no Quadrado, hoje conhecido por Instituto Hélio d'Angola, fundamental para trazer visibilidade ao local. Atualmente, no Instituto, funcionam oficinas de dança, reforço escolar e futebol, localizando-se do lado contrário as casas, também ao redor do Cais do Quadrado.

A moradora conta que: *“Hoje em dia, para mim, a vida é boa, antigamente não se tinha luz, não tinha nada, hoje tenho tudo. O vilarejo que era aqui no Quadrado foi se tornando uma zona bacana, todo mundo evoluindo”* (Ana Maria).

Neste mesmo sentido, Ladi Cristine afirma que:

Eu me sinto bem, é um lugar tranquilo, perto de muitos outros lugares e fica bem próxima a escola e as funções tudo dos meus filhos né, pra mim, é um lugar bom, bem tranquilo, aqui é um lugar bem calmo, até mesmo com os nossos filhos, né porque os meus filhos podem correr, brincar, no campo mesmo aqui na frente que não tem perigo nenhum.

Por sua vez, Gilda Maria traz uma grande contribuição em sua narrativa:

Hoje, o Quadrado, ele está totalmente restaurado, porque ele ficou muito atirado, antes era mato lá do outro lado, lá era tudo, sabe era tudo mato, tudo uma sujeira, entendeu que, inclusive, quem limpou aquele Quadrado do lado de lá foi o Hélio e aí depois os caras da prefeitura e, na época, o prefeito aí viu sabe o desempenho dele, aí fez uma pracinha e botou uns bancos lá do outro lado, sabe né deu uma limpadinha, mas a história, as coisas, a limpeza e ficou legal agora de uns tempos para cá. Na realidade, ali era tudo um banhado, era tudo um banhado ali.

Gilda Maria narrou sobre as mudanças ocorridas no entorno do Quadrado, principalmente, referindo-se ao espaço onde hoje é o Instituto, localizado na Rua Alberto Rosa número 1 (um). Ainda relata sobre uma luta atual para melhorias das ruas do Quadrado, comentando que um pessoal apareceu para arrumar o Quadrado (Rua Alberto Rosa) e ela disse:

A gente precisa de um todo, a população precisa de um todo de melhorias, tanto é que tu vê que eles botaram bueiros, arrumaram aquela rua lá (se refere a rua Alberto Rosa) que era horrível entendeu, tudo começou pela empresa Sagres né, porque aí a prefeita começou a vir, ela veio nas inaugurações e a gente participava das inaugurações de museu, que a gente foi na inauguração do museu Simões Lopes e foi apresentada e foi comentado as histórias do Quadrado (Gilda Maria).

Gilda Maria refere-se à inauguração do nome atual do Instituto existente no Quadrado, do qual faz parte como uma das colaboradoras, sendo esse local amparado, hoje, pela prefeitura. Além disso, é mediadora solicitando melhorias para a comunidade.

Dizia poxa a população quer isso, poxa eles estão chateados, poxa eu não quero me decepcionar, pô porque eu vim para cá morar, eles sabem que o que eu falo jamais eu minto, então eu ia lá e eu falava, eu dava a minha cara a tapa e aí as coisas foram acontecendo e aí qualquer coisa que eles me falassem eu já fazia reunião, eu tirava foto, eu mandava foto para prefeita porque eu tinha o telefone e o whatsapp pessoal (Gilda Maria).

Ademais, a moradora mostra, em seu discurso, que as lutas continuam, mesmo depois da ocupação e das construções das moradias, pois ainda existe falta de infraestrutura no local que já foi ocupado há alguns anos. Mas, isso não as impede de lutar, de morar, de viver e residir no ambiente.

Dava uma enchente, eu via que estava tudo inundado, eu tirava várias fotos de vários dias, pegava e mandava para eles né e foi uma batalha mas aí a gente conseguiu uma parte. Hoje, é um ponto turístico, está dentro este espaço da secretaria da Cultura. Mas foi uma batalha (Gilda Maria).

Na noção foucaltiana de contraconduta, é possível relacionar as práticas das mulheres como sendo enfrentamentos às investidas do poder, visto que estão inseridas em uma sociedade governamentalizada, em que a função do governo vindo do poder pastoral, que governava as almas, agora governa os indivíduos. Nesse jogo, as mulheres estão inseridas em um navio como o exemplo que Foucault (2008) analisou, referindo-se a navio, no caso, o Quadrado, onde o comandante é o governo, sendo este representado pela prefeitura. Sendo assim, mesmo que as mulheres não queiram, elas fazem parte dessa tripulação, já que estão imersas dentro dela.

Assim como contou Gilda Maria, a luta delas ainda é atual, não só delas, pois o que concerne a uma população às margens do centro de uma cidade são suas lutas pela visibilidade do local, em decorrência de um espaço ocupado não ser visto com bons olhos pelo governo.

Contudo, atualmente, a prefeitura²¹ deteve o olhar para esse lugar, em especial a Rua Alberto Rosa, onde reside Wilma, sendo que a rua recebeu pavimentação asfáltica, instalações de sinalizações, etc. Segundo o *site* da prefeitura de Pelotas, junto com esses serviços urbanos, o local recebeu a instalação da Patrulha Ambiental da Brigada Militar (Patram-BM). No entanto, é possível notar que o discurso pode estar vinculado a uma estratégia política, pois, como narraram as mulheres, a luta por melhorias no espaço vem de anos.

Na imagem a seguir, é possível notar algumas melhorias.

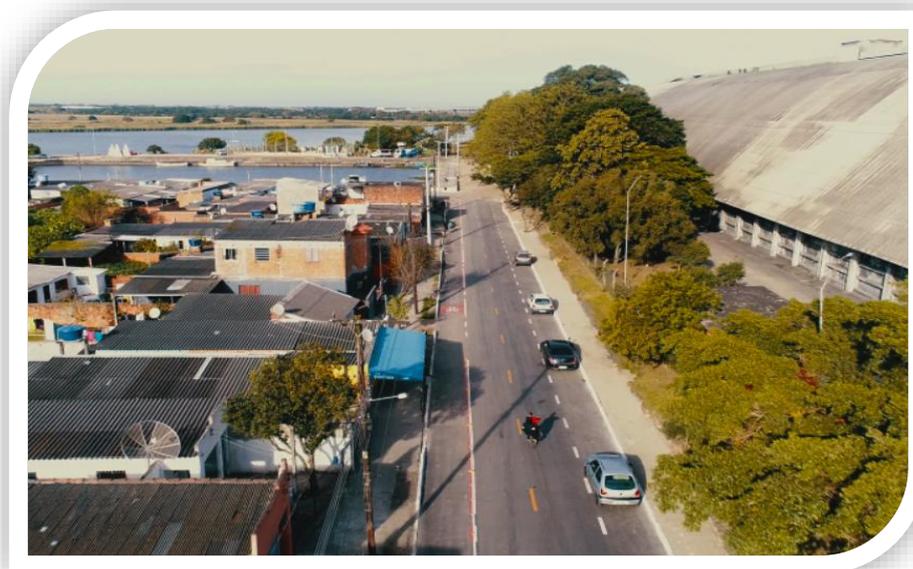


Figura 15 - Pavimentação asfáltica da Alberto Rosa.
Fonte: Igor Sobral

Hoje, o Quadrado é considerado um ponto turístico em uma comunidade que começou com o processo de ocupar, aterrar e, assim, construir, da mesma forma, com a prática de resistir as dificuldades encontradas pelas moradoras que tornaram esse local o seu habitar por meio de um movimento de conduzir-se, permanecendo no local. Como afirma Costa (2019, p. 69), a “noção de contraconduta enquanto o movimento que mobiliza as práticas para criar outras possibilidades de agir no

²¹ As informações sobre essa revitalização e fotos da rua Alberto Rosa estão no site da prefeitura Disponível em: <http://pelotas.rs.gov.br/noticia/quadrado-ganha-vida-nova-com-acesso-requalificado>. Acesso em: 20 dez 2019.

mundo, a partir da interpelação das práticas de poder que tendem ao excesso de governo”.

Neste sentido, elas podem ter ou não ter o apoio do governo, que, apesar disso, em suas práticas, vão construindo o seu local de moradia, pois, ainda que existam outras vozes a serem ouvidas, outras interpretações a serem realizadas, foi possível perceber, através das narrativas ressignificadas aqui, a análise dos jogos de linguagem de mulheres fortes que, em meio a suas práticas, construíram o seu Quadrado.

As análises realizadas com o uso das ferramentas teóricas mostraram que os jogos de linguagem do grupo de mulheres são provenientes de suas vivências, na medida em que foram estabelecendo suas moradias no local, mediante lutas e resistência, em que elas utilizaram a contraconduta ao estabelecerem-se no local, pois contavam, mediam, delineavam seu espaço, adaptavam formas, organizavam-se governando a si mesmas, evidenciando, em suas narrativas, a existência de outros usos matemáticos presentes em cada etapa de construção e moradia no Quadrado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retoma-se, aqui, a questão de pesquisa: *Quais são os jogos de linguagem praticados por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante o processo de ocupação em uma perspectiva etnomatemática?* Para responder essa questão, foram traçados alguns caminhos durante a Dissertação, sendo direcionados a *identificar e a analisar os jogos de linguagem produzidos por um grupo de mulheres do Quadrado, quando narram as suas vivências durante a ocupação em uma perspectiva etnomatemática.*

Os caminhos iniciaram-se desde a trajetória da pesquisadora, caminhando para o Cais, utilizando olhares teóricos para a Etnomatemática, jogos de linguagem e contraconduta, que direcionaram as discussões e reflexões da pesquisa. Apresentou-se o local, as participantes da pesquisa e a metodologia utilizada, até chegar no atracadouro, ou seja, prender o barco, onde se procedeu às análises das narrativas.

Nesse processo, destaca-se que o barco fica amarrado no Cais para não se deslocar sobre a água sozinho, assim sendo, o trabalho realizado com as narrativas obedeceu a um processo semelhante, na medida em que se investigou, por meio de estratégias descritivo-analíticas, os significados presentes nos jogos de linguagem das mulheres.

Nessa forma de identificar e analisar a existência de outros jogos de linguagem, identificou-se, em uma perspectiva etnomatemática, outras formas de comparar, medir, associar, classificar, indicar tempo presentes em cada etapa de construção e da moradia no Quadrado, além da maneira como o grupo de mulheres conduziu-se frente ao processo de ocupação, valendo-se da contraconduta.

Com as informações obtidas durante a investigação, foi possível descrever as narrativas das mulheres sobre o processo de construção da comunidade Quadrado, realizando uma linha temporal acerca do processo de ocupação vivenciado pelo grupo e, neste sentido, destacaram-se os seus jogos de linguagem.

Identificaram-se as práticas vivenciadas pelo grupo de mulheres e analisaram-se os jogos de linguagem produzidos em uma perspectiva etnomatemática, ao mostrar os usos matemáticos na forma de vida das mulheres,

tais como relacionar o tempo ao que existia no início da ocupação, na maneira como aterravam seu espaço, dividiam e demarcavam seu terreno mediante passos, a forma como construíram e numeraram suas casas.

As moradoras mostraram também a existência de outras maneiras de mensurar, realizar associações, indicar o tempo, adaptando as formas e delimitando os espaços e, “só no olho”, evidenciam a existência de outras formas de realizar estimativas que atendessem as suas necessidades.

Ao identificar a construção do nome Quadrado a partir das narrativas das mulheres, nota-se que Quadrado nomeia o local de suas moradias atualmente e também serve para indicar o Cais do Quadrado. Com os resultados das análises, percebe-se que os jogos de linguagem produzidos pelas mulheres são a maneira como se expressam, como enxergam o mundo em que vivem decorrentes de suas práticas vivenciadas na forma de vida, as narrativas das mulheres são a produção de seu modo de vida, são suas maneiras de significar o seu mundo, suas práticas e suas histórias.

As mulheres conduzem suas vivências governando a si mesmas, por meio de estratégias próprias de sua forma de vida, como forma de resistência para sobreviver às imposições diárias e, mais do que isso, para viver em uma sociedade onde nem todos têm as mesmas oportunidades de condições de moradia decorrentes de um modelo capitalista. Elas conduziram-se no início da ocupação e ainda conduzem-se na busca que a cada dia o Quadrado torne-se melhor com relação à sua infraestrutura. Nesse viés, utilizaram um movimento de contraconduta.

À proporção que cada narrativa foi descrita, procedeu-se a um “balanço de um barco num canal” que remete à seleção do que era significativo à pesquisa. Entende-se que a investigação não se esgota aqui, nesse balanço tanto o barco tende para um lado como para outro, mas sabe o seu ponto de partida e de chegada e, chegando no Cais, depara-se com vozes, lembranças, que, por sua vez, foram analisadas, resultando em conhecer um pouco da história do local através das perspectivas relatadas.

Ressignificando tais ditos, foi possível identificar o jogo de linguagem produzido pelo grupo de mulheres em meio a suas práticas vivenciadas “abrir rua”, “criar instrumento”, “organizar-se”. Tais ações vistas sem esse contexto de morar no Quadrado seriam meras atitudes sem objetivos, contudo, suas tarefas tinham

objetivos, que eram facilitar suas rotinas, otimizar seu tempo, utilizando recursos disponíveis no momento.

O próprio nome do local Quadrado, foi mediante o jogo de linguagem atribuído no uso da comunidade, que, ao se instalar lá e, assim, lutar para permanecer, melhorou suas moradias, aumentando a população da comunidade que sustentou a visibilidade que é dada hoje. As práticas vivenciadas pelo grupo formam alguns saberes que foram construídos em decorrência das suas necessidades para adequar-se no local, em especial em torná-lo um lar.

Neste sentido, justificam-se estudos na perspectiva etnomatemática em locais urbanos, não necessariamente em comunidades rurais, indígenas, quilombolas, com grupos de trabalhadores ou em uma proposta de intervenção escolar. A perspectiva etnomatemática está presente em práticas sociais vistas do passado até o presente, existentes nas falas, nos gestos e nos silêncios, que, através das narrativas das mulheres, permitiu analisar aspectos de práticas de condução de si perante a outros em sua forma de vida.

Os jogos de linguagem encontram sua sustentação no contexto da vida. As regras que regulam os jogos de linguagem estão inseridas em uma ampla malha de ações muito complexas, ou seja, a linguagem emerge de uma forma de vida". (CONDÉ, 1998, p. 101).

No processo de ocupação do Quadrado, que vai desde a ocupação até a habitação, foi possível perceber como as mulheres conduzem-se, por meio das lentes teóricas de Foucault (2008), e também analisar os jogos de linguagem por meio de reflexões de Wittgenstein (2000), aproximando-se da perspectiva etnomatemática desenvolvida por Kinjinik *et al.* (2013).

Embora realizada em um local específico, esta investigação não está só, outros trabalhos já foram produzidos e existem muitos outros caminhos a investigar, outros espaços para ocupar, não se esgotando aqui as discussões sobre a existência de outros jogos de linguagem presentes em outras formas de vida.

REFERÊNCIAS

AL-ALAM, T. **De operário a universitário: transformações na paisagem do bairro Porto em pelotas.** 155 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rio Grande, 2011.

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

BANDEIRA, L. M. **Bases de informação para um novo plano de desenvolvimento e zoneamento para o porto de Pelotas/RS.** 134 f. Dissertação (Mestrado em gerenciamento Costeiro) - Universidade Federal de Rio Grande, 2014.

BIEMBENGUT, M. S. **Mapeamento na Pesquisa Educacional.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.

BLACK, C. **Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco.** Documentário, EUA, Índia, 2011. Disponível em: <http://schoolingtheworld.org/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CARVALHO, J. **“o mar está pra peixe”:** tempo e espaço em jogos de linguagem matemáticos de pescadores artesanais. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

CASTRO. R. **Jogos de linguagem matemáticos da comunidade remanescente de quilombos da Agrovila de Espera, município de Alcântara, Maranhão.** 128 f. Tese (Doutorado em Educação Ciências e Matemática) - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos, 2016.

CONDÉ, M. L. L. **As teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2004.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: Linguagem e mundo.** 1ª edição. São Paulo: Annablume, 1998.

COSTA, H. S. O lugar das Contracondutas na Genealogia Foucaultiana do Governo. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v.7, n 1, p. 61-78, abr. 2019.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade.** 5ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FALCÃO, A.C. **O Processo de Urbanização e Industrialização e sua relação com os problemas Sócio - Ambientais Urbanos: Um estudo da Vila das Doquinhas no Município de Pelotas/RS.** 64 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

FERREIRA, E.S. **O que é Etnomatemática.** Disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/etno.pdf>. Acesso em 5 jan. 2020, v.28, 2003.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.114, p.197-223, nov.2001.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A arqueologia do saber.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

GERDES. P. **Etnomatemática: Cultura, Matemática, Educação.** Maputo: Instituto Superior pedagógico, 1991.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IBRAHIM, E; VILHENA, J. Jogos de linguagem/jogos de verdade: de Wittgenstein a Foucault. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 114-127, 2014.

JANSEN, G. **O desenvolvimento Sócio - espacial no loteamento Ceval-Pelotas/RS.** 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2015.

KLEIN, C; DAMICO, J. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

KNIJNIK, G. A ordem do discurso da matemática escolar e jogos de linguagem de outras formas de vida. **Perspectivas da Educação Matemática**, Cuiabá, v. 10, n. 22, p. 45-64, jan./maio 2017.

KNIJNIK, G. *et al.* **Etnomatemática em movimento.** 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (Coleção Tendências em Educação Matemática, 25).

KNIJNIK, G. **Educação Matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

KNIJNIK, G. Itinerários da Etnomatemática: questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na educação matemática. In: KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. de (Orgs.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

LIZCANO, E. As matemáticas da tribo europeia: um estudo de caso. In: KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. de (Orgs.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

MAGALHÃES, M. O. **Pelotas Século XIX**. Pelotas: Mundial, 1994.

MESTRE, P. **planejamento Portuário**. Florianópolis, SC, 2013. Disponível em: https://www.infraestrutura.gov.br/images/SNP/planejamento_portuario/planos_mestres/sumario_executivo/se23.pdf. Acesso em: 20 ago. 2018.

MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. Metodologias pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORENO, A. R. **Wittgenstein: através das imagens**. 2ª edição. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1995 (coleção repertórios).

MORENO, A. R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem ensaio introdutório**. 2ª edição. Moderna. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000 (coleção logos).

PAIS, A. A investigação em Etnomatemática e os limites da cultura. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, RS. v. 20, n2, p. 32-48, jul./dez. 2012.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RAGO, L. M. **Foucault para uma vida não fascista**. Seminário Contracondutas, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.ctescoladacidade.org/contracondutas/seminarios/seminario-primeiro-ciclo/margareth-rago/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SANTOS, M. **Levantamento sócio – ambiental da vila das Doquinhas**. 46 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2001.

VARA, M. F. **Estratégias da população de baixa renda na produção do espaço urbano: o caso do Loteamento Ceval em Pelotas – RS**. 2009.107 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande. 2009.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M.C. Gubernamentalidad, biopolítica y inclusión. In: CORTÉS-SALCEDO, R.; MARÍN-DÍAZ, D.(comp.). **Gubernamentalidad y educación: discusiones contemporâneas**. Bogotá: IDEP, p.105-122, 2011.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M.C. **inclusão como dominação do outro pelo mesmo**. In: VII Colóquio Internacional Michel Foucault. out. 2011.São Paulo: PUC-SP, 2011a.

VEIGA-NETO, A.; NOGUERA, C. Conhecimento e Saber apontamentos para os estudos de currículo. In: SANTOS, L. (Orgs). **Convergências e tensões no campo de formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

VIEIRA, S. G. **A cidade fragmentada. O planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2005.

VILELA, D. S. **Usos e jogos de linguagem na matemática: Diálogo entre filosofia e educação matemática**.São Paulo: editora Livraria da Física, 2013.

WALKERDINE, V. O Raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e realidade**, v. 20, n.2, p. 207-226, 1995.

WITTEGSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni, São Paulo: Nova cultural Ltda, 2000. (Coleção Os Pensadores).

WROBLEWSKI, C. **Os Jogos de Linguagem Matemáticos de Artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3 de Pelotas/RS**. 82 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Pelotas, 2018.

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FÍSICA E MATEMÁTICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos a senhora _____ para participar da Pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Letiane Oliveira da Fonseca. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, visitas e observações feitas no local de moradia e no Quadrado.

A pesquisa é vinculada ao Mestrado acadêmico em Educação Matemática e será realizada de forma transparente, não fornecendo riscos aos pesquisados e à pesquisadora, sendo que somente será publicado o que for autorizado pelos participantes. Se a senhora aceitar participar, estará contribuindo para a valorização do estudo em Etnomatemática, assim como a divulgação e valorização do local que mora. Se depois de consentir em sua participação, a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados. Para qualquer outra informação, a Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço _____ pelo telefone _____, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – Escaninho da Comissão de Ética, Sala do Protocolo, 1º Andar, Campus Porto, UFPEL, Rua Gomes Carneiro, 1, Centro, CEP: 96010-610, Pelotas, RS.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do (a) participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE 2

Roteiro das entrevistas

1. Diga o nome da senhora e sua idade?
2. Conte-me porque você veio morar no local?
3. Com mais quem você veio morar aqui? Como dividiram o espaço?
4. Há quanto tempo mora no local?
5. Esse lugar sempre teve o nome Quadrado?
6. Você sabe qual a origem desse nome Quadrado?
7. Quais são suas lembranças de morar nesse lugar?
8. Com relação a alagamentos ocorridos antigamente, como você se organizava?
9. Você sabe informar qual era a profissão dos primeiros moradores?
10. Como você se organizou na construção de sua casa?
11. Como se procedeu à organização do espaço, números das casas, instalações, água, saneamento? Teve algum apoio da prefeitura?
12. Você sempre morou nesta casa que mora hoje?
13. Que mudanças importantes ocorreram no local durante o tempo de moradia?
14. Como você se sente como moradora desse local?

APÊNDICE 3

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FÍSICA E MATEMÁTICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

TERMO DE USO DE ENTREVISTA

Pelo presente Termo de Uso, eu, _____, brasileiro (a), portador (a) de carteira de identidade nº. _____ Órgão Expedidor _____, CPF nº. _____, residente e domiciliada à _____ autorizo o uso, gratuita e espontaneamente, da transcrição da entrevista que prestei a pesquisadora Letiane Oliveira da Fonseca, ficando, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, a transcrição da mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o seu acesso para fins idênticos, com a única ressalva de preservação da integridade da fonte.

Além disso, concordo que eu seja identificada na transcrição da entrevista concedida.

Pelotas, ___/___/___

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Assinatura da pesquisadora